

UMA ANTOLOGIA DE CONTOS

*Os animais
também vão
para o céu*

organizada por
CAMILA PELEGRINI

EDITORA
Sinna 

Os animais também vão para o Céu

EDITORA
Sinna 

Título: OS ANIMAIS TAMBÉM VÃO PARA O CÉU

Copyright © 2017 por EDITORA SINNA

AUTOR: VÁRIOS

ANTOLOGIA ORGANIZADA POR CAMILA PELEGRINI

1ª edição

Rio de Janeiro – RJ

Literatura nacional, Ficção, Antologia.

Obra registrada.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução ou transmissão de qualquer parte deste livro sem prévia autorização escrita pela Editora.

Índice

Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.

Prefácio | Camila Pelegrini

A Linguagem dos Céus | Wesnen Tellurian

A Magia de Oz | Michael Vasconcelos

A melodia perdida | Martha Ricas

Amor que Cura | Evelyn Santana

Artichaut | Italo Oliveira

Cãobraço | C. David

Dressage | Malu Ghiraldeli

Inesquecível | Duda Santos

Marco Polo | Décio Gomes

Meu Amigo Herói | Daya Alves

Meu anjo da guarda | Tabatha Cuzziol

Meu amigo locutor | Kate Willians

Missão | Larissa Milena

O milagre de Du Berrot | Elaine Seco

O retorno | Clécia Melo

Os animais vêm do Céu | Katerine Grinaldi

Tudo vai ficar bem | Nayara Yanne

Um novo milagre | Natasha Coutinho

Uma canção para Molly | Fernando Diaz

Uma Semente no escuro | Camilla Lobo

Vida morta | Bruno Godoi

Prefácio

Quando fecho os olhos e reflito sobre o significado da palavra céu, não são religiões, santos ou credos que me vêm à mente.

É a paz. Como se em seu azul houvesse acalento suficiente para apaziguar todas as guerras do mundo. Aquelas que acontecem dentro dos corações e também fora deles. Quando penso em céu, é mais do que recompensa ou gratificação que me faz desejá-lo. É a ideia de que, seja onde for, aqui na Terra ou em algum misterioso local dentro de mim, será um lugar de ternura e de encontros.

Este céu com que sonho é o que nos cobre e, ao mesmo tempo, o que me sustenta. O que me ampara, quando penso em cair, e o que me oferece um sorriso quando preciso.

E é da essência deste mesmo céu que acredito que os anjos sejam feitos.

Um coração. Uma alma. Talvez alguns pelos e rabinho. E o céu está materializado ao alcance de nossas mãos.

Mesmo com as tragédias e caos deste mundo, esses pedaços do manto azul conservam sua pureza em um espírito absolutamente imune à maldade, em uma candura que transcende qualquer espécie de barreira.

Com o pedaço de céu por perto, passa-se a acreditar na força do bem. Na força da luz. Na força do amor.

E como poderia ser diferente, se cada vez que nos encaram com um de seus olhares doces, todo o mal se dissipa? Toda a discórdia, a raiva, o medo. É como se nós mesmos estivéssemos neste céu, que é tão deles, mas que passa a ser nosso através de seu carinho.

São anjos com auréolas nos olhos.

E tal como é a bondade, tantas e tantas vezes, esses anjos se fazem invisíveis para nós.

Mas não se engane, não são eles que deixam de aparecer. Somos nós que deixamos de enxergar.

Na pressa do dia a dia, é tão fácil esquecer o céu.

Quantas vezes você se lembra de olhar para cima e admirar o azul?

Quantas vezes você ignora o sofrimento de um animal abandonado?

Com fome, com sede e com medo, esses pedaços de céu ainda podem fazer milagres. Mas precisam que nós os enxerguemos, que estendamos a mão.

É preciso primeiro salvar. E então, também, nos deixar salvar por um amor tamanho que escapa qualquer definição.

E não sei você, mas eu já vi amigos, familiares e parceiros desapontarem, porém, nunca vi um animal decepcionar, assim como jamais presenciei o céu o fazendo.

Ter um pedaço dele é ter a sorte de nunca estar sozinho de novo e de sempre ser a pessoa mais especial aos olhos de alguém. É sempre ter proteção e abrigo em um coração. É andar de mãos dadas, até o último suspiro... Nosso ou dele. E mesmo quando isso acontecer, é ter alguém que continuará torcendo para que um outro animal abandonado tenha a sorte de encontrar um humano gentil. Torcendo para que um humano tenha o privilégio de ser encontrado por um animal que precisa de ajuda, em uma união que faça o universo inteiro vibrar de felicidade. Em uma felicidade que gera nada além de gratidão e companheirismo, puros e irrestritos.

Sentimentos esses que, mesmo ao final, quando tudo o que restar for o azul, ainda aquecerão o coração a ponto de não deixarem que medo nenhum lhe corrompa, mas que somente seja tomado pela paz.

Paz de ter vivido um grande amor. Paz de ter vivido uma grande amizade. Paz de ter feito anjos invisíveis terem de novo a oportunidade de mostrarem toda a luz que a auréola em seus olhos reflete.

E quando nem mesmo a tristeza resistir, subsistirá a gratidão de olhar para cima e ainda se sentir amado. Porque um amor como esses jamais morre... Ele apenas expande ao ponto de alcançar o céu e finalmente poder tocar de novo o pedacinho dele que nos foi tão querido.

E é lá que eles estarão. Porque, no fim, o anjo sempre precisa voltar ao seu lar. E qual o melhor lugar para reencontrar a paz, a ternura e a bondade de que é feito? Qual o melhor lugar para permanecer, de cima, ou de algum lugar dentro de nós, observando, cuidando e amando?

Somente no manto azul que nos cobre.

E é por isso que os animais também vão para o céu.

A Linguagem dos Céus

A pequena Amber despertou sobressaltada no leito do hospital, lembrando-se de Lazuli, o cão da raça Rottweiler. Sem uma pessoa sequer no quarto, pôs os pés para fora da cama, mas eles pendulavam no ar à procura do chão que estava muito longe para pisar. Aos seis anos de idade, ainda precisaria de ajuda para descer de uma cama de um metro e meio, ou teria que saltar. Lembrou-se do ocorrido na noite anterior, o bastante para se apavorar.

O pai de Amber tinha o costume de ir se deitar mais tarde do que a esposa, depois de fazer a filha dormir ao som das histórias que contava. Acompanhados do cão Lazuli, o pai descrevia as aventuras de um personagem inventado, às vezes, fazendo sombras com as mãos contra a meia-luz da lamparina, criando figuras na parede.

De volta ao próprio quarto, aparentemente sem muito sono, o pai assistia ao telejornal, que noticiava um temido e sorrateiro maníaco que invadia casas e estrangulava as crianças, depois fugia sem ser percebido. Solidário à dor daquelas famílias, o pai procurava tranquilizar a preocupação que o percorreu como um relâmpago lembrando-se de que os casos relatados haviam ocorrido em outra cidade.

O céu noturno estava carregado de um negrume intenso através da janela e a chama da lamparina incidia sua luz sobre a figura do malfeitor que invadira o quarto, projetando a sombra dele sobre o corpo da pequena Amber, que dormia.

Lazuli começou a rosnar para a imagem distorcida do invasor, tremulando por causa da lamparina que ele tomou para explorar o ambiente.

Sua valentia foi retraída pela figura que se aproximava, agigantando-se, fazendo-o se afastar. Amber acordou com os latidos e, ao sentir a mão gélida lhe agarrar, tentou gritar... mas a voz não veio. Foi quando percebeu que a mão lhe tapava a boca.

Ignorando o medo, Lazuli latiu alto o suficiente para acordar os pais de Amber e, mesmo avançando vez ou outra, hesitou se aproximar demais do intruso. O malfeitor apressou-se em arrastar Amber até perto da porta, puxando o trinco e trancando-a exatamente no momento em que os pais da garota giraram a maçaneta. Ao perceber a porta travada, a mãe da menina começou a esmurrá-la, desesperada em querer auxiliar sua criança, enquanto o pai correu para buscar formas alternativas para superar tal obstáculo.

O desconhecido se alarmou ao ver os pais de Amber gritando através da ferida aberta na porta com um machado, jogou Amber contra o chão, fazendo-a bater a cabeça e desmaiar. Ele jogou a lamparina sobre a escrivaninha, desajeitado, e fugiu sem olhar para trás, enquanto o objeto tombava, esparramando o óleo combustível, seguido pelo fogo que crescia rápido por todo o quarto amadeirado, assim como toda a casa o era. Logo escombros e madeiras em chamas choviam do teto. Lazuli mordeu o vestido de Amber, ainda desacorda, e a arrastou para o corredor através do caminho já aberto pelos pais da menina, que estavam caídos, também, inconscientes, com uma viga de madeira prendendo-os contra o chão.

Por todos os lados havia fogo e fumaça, mas o cão viu uma saída por sobre uma madeira ao longe. Apressou-se, arrastando a dona pelo chão escaldante, superando cada um dos obstáculos que se interpunham entre ele e a segurança.

Amber se moveu e, ainda zonza, foi capaz de compreender o que acontecia. Esforçou-se para se projetar sobre Lazuli, em uma montaria desajeitada. Com melhores condições, o canino pôde avançar e chegar rapidamente à porta da saída, que estava despedaçada. Lazuli levou Amber

ao gramado do lado de fora, deixando-a a salvo. Amber revirou os olhos, com sons de sirenes ecoando enquanto apagava de vez.

A garota despertou de seus pensamentos, quando os pais entraram no quarto do hospital, demonstrando toda a apreensão com a filha em suas feições, que perguntou sobre Lazuli. Contrariados, confessaram que, mesmo após fazerem buscas pelo bairro, não o haviam encontrado. Tudo indicava que ele teria fugido.

Amber teve uma crise de choro. Tinha crescido com Lazuli e era incapaz de acreditar que o amigo com o qual formara um laço tão forte poderia simplesmente fugir. Seus pais tentaram amenizar o sofrimento dela, sugerindo uma nova adoção, mas Amber tinha Lazuli como insubstituível.

Os dias correram e a família foi para um novo lar. Amber continuava triste, mal se alimentando, tudo devido à saudade que sentia de seu cãozinho. Ela não sabia explicar, talvez fosse o extremo amor que tinha por ele, mas sentia que poderia encontrá-lo no antigo sobrado que pegara fogo. De tanto Amber insistir, impotentes, os pais decidiram levá-la até a casa para provar a ela que estaria errada, encerrando assim o assunto de vez. Chegando ao local, a menina ficou intrigada ao ver sua antiga moradia coberta por cinzas, cercada por fitas de isolamento. A madeira escurecida ainda cheirava a queimado e a fumaça parecia permanecer exalando dos escombros.

Assim que contornou os destroços, avistou seu tão amado cachorro e soltou a mão do pai, correndo para abraçá-lo. O cão a recebeu com alegria igual. Mesmo cambaleante, saltou sobre a dona, abanando o rabo e lambendo-a sem parar.

Lazuli estava limpo e cheiroso, como se estivesse sendo cuidado por alguém. A felicidade inundou o ser da pequena, que olhou para o pai querendo mostrar que seu coração não a enganara quanto a Lazuli tê-la

esperado por ali e que, por isso, deveriam levar o animal com eles para a nova casa.

Para a surpresa dela, o pai não esboçava o mesmo contentamento. Ao contrário, olhava para ela com um misto de incredulidade e preocupação. Ele explicou que no dia do incêndio acharam Lazuli com sangue na boca e marcas pelo corpo. Conforme recomendação veterinária e do adestrador, precisariam se afastar do cão, já que o contato do sangue com a boca despertaria sua bestialidade. Não havia possibilidade de levar Lazuli com eles.

— Ele está sendo bem cuidado por alguém que sabe lidar com esse tipo de situação. Agora vamos, está ficando tarde — comentou o pai.

Amber implorou para ao menos comprarem comida para ele. Não querendo deixar a menina ainda mais transtornada, providenciaram uma tigela com ração e outra com água, e colocaram para o animal. Amber queria cuidar de Lazuli, levando-lhe comida todos os dias. Como não queria mentir para a filha, o pai nada disse.

A garota deu outro abraço demorado no animal e o pai a puxou, levando-a para a saída. Enquanto era arrastada para longe, Amber acenava para o bichinho, que a seguiu querendo ir junto. Ela o apontou para o pai, que bateu o pé, dizendo que não. Lazuli baixou os olhos com tristeza e, em seguida, a cabeça. Recuou de costas, fitando-os enquanto sumiam para além dos destroços.

No dia seguinte, Amber já estava inquieta novamente. De alguma forma, sentia a tristeza de seu cãozinho. Esperaria anoitecer para sair sem ser notada. O dia pareceu longo demais para uma garotinha que sequer sabia ver as horas; sabia apenas que, quando seus pais a pusessem para dormir, bastaria esperar um pouco mais e já poderia fugir.

O sobrado abandonado estava a algumas quadras da nova casa, o que facilitou para ela decorar o caminho. Todas as noites ela enchia um pote com comida ou ração do velho saco de Lazuli. Mesmo à mercê dos perigos noturnos, até mesmo enfrentando noites chuvosas, ela se arriscava para levar alimento ao seu bichinho amado.

Amber aproveitava para passar parte da noite com Lazuli, e se divertiam por longas horas. Ela entendia os sentimentos do animal tão claramente que era como telepatia. Os sentidos dele iam além, detectando até mesmo quando outros animais sofriam maus-tratos, independente da espécie. Com isso, o cão passou a conduzi-la pelas ruas do bairro, e sempre que paravam em frente a alguma casa, Amber já sabia que precisaria fazer uma denúncia. Descava do telefone móvel que pegara escondido dos pais, falava sem se identificar. Sim, de alguma forma, Lazuli conseguia retransmitir todos os comandos à dona, que repassava para o atendente.

Por várias semanas, Amber saía escondida, libertando secretamente diversos animais das mãos de algozes. Contudo, os pais da menina começaram a perceber que ela vivia cansada pela manhã, como se não dormisse adequadamente. Notaram também que já não mais falava de Lazuli. Com suspeitas, o pai acordou no meio da noite e entrou em choque ao ver a cama da filha vazia. Procurou pelo telefone e não o encontrou. Acordou a esposa, repassando-lhe o mesmo terror. Sem precisar pensar demais, tiveram certeza de onde a encontrariam.

Enfrentaram a chuva que começara a cair e logo estavam em frente ao sobrado. À medida que avançavam, em meio ao ruído da chuva, conseguiam ouvir constantes risos felizes. Viram Amber brincando na chuva, pulando de uma poça à outra, radiante.

Um relâmpago rasgou o céu e Amber se assustou quando a luz revelou parcialmente seus pais. Ela se deteve, mas a mãe correu para abraçá-la. O pai ficou imóvel.

A mãe se ajoelhou diante da filha, repreendendo-a pelo sumiço, mas com suavidade, já que estava feliz em vê-la bem. Amber se afastou lentamente e começou a chorar, admitindo ter fugido para ajudar Lazuli, pois os pais não quiseram fazer isso.

Os pais se entreolharam, estupefatos. O pai declarou que Lazuli se fora, mas Amber se afastou ainda mais, tropeçando em uma tigela de ração. Ela pendeu trôpega e caiu, enlameando ainda mais seu vestido. A menina olhou à sua volta, percebendo diversas tigelas e potes improvisados, inundados pela água da chuva e rações que estragaram. Franziu o cenho, com as lágrimas se misturando à chuva que caía. Ela não conseguia compreender: como toda a comida que havia levado continuava ali? Por que Lazuli não havia comido? Como ela não tinha notado aquilo antes?

Seus olhos pareceram se abrir quando seus pais admitiram que Lazuli a salvara do incêndio e tinha voltado para salvá-los. Mas os bombeiros chegaram e os tiraram da casa... Lazuli vinha logo atrás e, de alguma forma, não conseguiu chegar até a porta. Assim que notaram a ausência do animal, os bombeiros teriam voltado para buscá-lo, mas a estrutura interna da casa desabou, tornando o resgate impossível.

Os pais entendiam o laço entre a filha e o cãozinho, por isso disseram que Lazuli fugira, acreditando que seria menos sofredor do que dizer que morrera, ainda que como um herói.

Amber deixou o chão molhado e os pais a observaram. Ela não acreditava que tudo o que vivera naqueles últimos dias fosse mentira, precisava se certificar, então olhou para trás. Emocionou-se ao fitar Lazuli, mas ele agora estava com o corpo brilhando. Ela sorria e chorava, apontando Lazuli para os pais, tentando provar que estava certa. Contudo, o canino meneou a cabeça, sinalizando para que ela desistisse de fazê-los entender.

— Eles realmente não conseguem me ver. Muitos vão negar seu dom. Nosso contato se deve a um binômio intenso. Nossa conexão se deve ao idioma universal, à linguagem dos anjos; sim, o amor, todos podem falar e nem a morte subsiste diante dele. Não que seus pais não tenham amor, mas você é uma criança pura e com um dom incrível — disse o cão.

Lazuli a fez entender a situação e perceber o que precisaria fazer quando adulta — salvar qualquer animal indefeso que sofresse maus-tratos —, então tomou sua missão por cumprida. Amber não mais precisaria de seus cuidados. O canino começou a flutuar para o céu, mas Amber o abraçou, impedindo-o de subir. Enquanto chorava, ela via o corpo brilhante de Lazuli se desfazer em luzes menores através de seus braços e mãos, como que se desfragmentando, dispersando pelo ar como pétalas de dente-de-leão sopradas ao vento. O canino também chorou, e a lágrima se desfez em um ponto miúdo de luz antes que caísse, assim como o resto de seu corpo.

Os pais de Amber acreditaram ter presenciado o momento em que a filha se despedira do amigo imaginário, criado pela saudade e pela dor da perda. Mal sabiam eles que o sentimento pelo canino herói era verdadeiro e arderia para sempre em seu coração, sustentado em forma de defensora dos animais.

Wesnen Tellurian

A Magia de Oz

A vida de Dorothy era triste e cinzenta. Após ser levada até Oz, seus dias se tornaram cada vez mais solitários sem a presença de sua tia Em. O seu único companheiro de viagem era o Totó, um cachorrinho alegre e inteligente. Para ele não fazia diferença estar em Kansas ou na Terra de Oz, contanto que estivesse com Dorothy. E ele também ficava abatido com o sofrimento dela, pois se sentia na obrigação de ajudá-la. Mas sempre que o animalzinho fazia a pobre menina se alegrar, a escuridão voltava para lembrar a dificuldade que seria encontrar tia Em e lhe trazia a tristeza novamente, enquanto Totó gania em seus pés.

— Vamos procurar logo esse Mágico de Oz, Totó — disse Dorothy aflita. — Assim podemos voltar para tia Em antes que ela morra de saudades.

Em sua jornada a caminho da cidade das Esmeraldas, Dorothy achou alguns habitantes que estavam dispostos a encontrar Oz — um espantalho a buscar um cérebro, um lenhador de lata à procura de um coração e, por fim, um leão que buscava acabar com sua covardia.

— A coisa vai muito ruim — reclamou o Leão Covarde. Estavam atravessando o Rio que os levaria a Oz depois de vários obstáculos percorridos. — Se não conseguirmos chegar do outro lado, seremos levados para o país da Bruxa Má do Oeste, que vai nos enfeitiçar e reduzir a escravos.

— E aí eu não vou conseguir meu cérebro — disse o Espantalho.

— E nem eu a minha coragem — disse o Leão Covarde.

— E nem eu o meu coração — disse o Lenhador de Lata.

— E eu nunca mais vou voltar para o Kansas — disse Dorothy.

— Precisamos mesmo chegar logo à Cidade das Esmeraldas, o mais depressa que pudermos — continuou o Espantalho.

Estavam todos muito cansados quando chegaram finalmente à outra margem do rio e pisaram no lindo relvado verde, e também sabiam que a correnteza havia empurrado a jangada bem, bem longe da estrada de tijolos amarelos que levava à Cidade das Esmeraldas.

— Como vamos voltar para a estrada de tijolos amarelos agora? — perguntou Dorothy, vendo seus amigos abatidos pelo cansaço.

Totó, ao ver Dorothy triste, resolver fazer algo. Latiu e correu pela margem do rio, fazendo com que todos corressem atrás dele, até que enfim chegaram à entrada da cidade.

— Olha, Totó, você conseguiu trazer-nos de volta para Esmeraldas — disse Dorothy feliz. — Vamos ver se esse grande Oz pode mesmo nos ajudar.

Ao chegar à Cidade das Esmeraldas, eles receberam óculos para não ficarem cegos devido ao grande brilho da cidade, mas mesmo com os olhos protegidos pelos óculos verdes, Dorothy e seus amigos ficaram ofuscados com o brilho da magnífica cidade. As ruas eram ladeadas de casas esplêndidas, todas construídas com mármore verde e cravejadas de esmeraldas cintilantes. Eles caminhavam por calçadas feitas do mesmo

mármore verde, e nas juntas entre os blocos havia fileiras de esmeraldas bem próximas uma da outra, refulgindo à luz do sol. As vidraças das janelas eram todas de vidro verde; até mesmo o céu que cobria a cidade era esverdeado, e os raios do sol eram verdes.

— Ah, ele irá receber você — disse o soldado que tinha levado o recado dela ao Mágico. — Mas ele não gosta que ninguém peça para vê-lo. A verdade é que, num primeiro momento, ele ficou irritado e disse para eu mandar você de volta para o lugar de onde tinha vindo. Então ele me perguntou como você era, e quando eu falei dos seus Sapatos de Prata, ele ficou muito interessado. Depois eu falei da marca na sua testa, e aí ele decidiu que iria recebê-la.

Após Dorothy entrar no salão, se deparou com um animal horrendo. Até que seus lábios se mexeram:

— Sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?

— Sou Dorothy e venho pedir a sua ajuda.

Dorothy explicou toda a sua história e pediu que Oz a levasse de volta ao Kansas. Porém, Oz não atendeu ao seu pedido:

— Você matou a Bruxa do Leste e está usando os Sapatos de Prata, que possuem um incrível poder mágico. Só restou uma Bruxa Má em todo o país, e quando você me contar que ela está morta, eu mando você de volta para o Kansas; mas não antes disso.

Dorothy não ficou feliz com a notícia, a bruxa que Dorothy matou foi apenas um acidente. Ela sequer faria mal a alguém. Porém, Oz não se comoveu com o choro de Dorothy e essa foi sua última palavra para ela e para todos os seus amigos: ou mataria a bruxa má ou não teriam seus

pedidos realizados. Apenas Totó acompanhou Dorothy em sua busca pela Bruxa Má do Oeste, pois nenhum de seus amigos tinha coragem o suficiente de enfrentá-la. A busca não foi muito fácil, mas assim que a encontrou, a Bruxa Má fez Dorothy ser uma de suas escravas. A verdade era que a bruxa não podia fazer mal algum à garota por causa de seus sapatinhos, porém, como Dorothy não sabia, a Bruxa vivia ameaçando a pobre garota.

— Ora, Totó, se Oz é tão poderoso assim, por que, então, ele mesmo não matou a Bruxa Má? — questionava sempre Dorothy.

Totó fazia com que Dorothy ficasse alegre, mesmo trabalhando tão duro para a bruxa. Ele fazia qualquer trabalho parecer diversão com os seus pulinhos e o seu carinho. Certo dia, a Bruxa Má conseguiu roubar um dos sapatinhos mágicos de Dorothy, e isso deixou Totó tão furioso que fez com que ele derrubasse um balde de água na Bruxa Má. Na mesma hora a malvada deu um grito forte de medo. E, então, diante do olhar admirado de Dorothy, a Bruxa começou a encolher e a desaparecer.

— Está vendo o que você fez? — gritou ela. — Daqui a um minuto vou estar toda derretida. — E, então, a bruxa pegou sua varinha e mirou no cachorrinho. — Dalí milou tu! — gritou a Bruxa Má e, com essas palavras, o Totó e a Bruxa se desfizeram numa massa marrom, aguada e sem forma, que começou a se espalhar pelas tábuas do piso da cozinha.

— Oh, pobre Totó! Como vou conseguir viver sem você? — Chorou Dorothy ao ver o líquido no chão.

A garotinha então percebeu que Totó era quem a salvava da tristeza de Kansas, e que por ele ela viveu dias felizes. E seus dias tristes sem Totó ficariam completamente nublados. Como ela não percebeu isso antes? O Totó a salvava todos os dias de sua vida, e, agora, sem ele, não saberia

como prosseguir. Com muita tristeza, ao chegar ao grande castelo de Oz, contou a trágica notícia aos seus amigos e ao mágico.

— Eu preferiria passar o resto da minha vida em Oz a ter que perder Totó — disse a menina.

— E eu preferiria ficar sem um cérebro — disse o Espantalho.

— E eu, sem um coração — disse o Lenhador de Lata.

— E eu, coragem — disse o Leão Covarde.

E então perguntou a Oz:

— Você pode fazer alguma coisa para trazer Totó de volta?

— Não posso fazer nada, ele era apenas um cachorro — respondeu Oz.

— Fala isso porque nunca teve um animalzinho, eles são nossos anjos da Guarda, sempre nos salvando — choramingou Dorothy.

— Como pode dizer isso de Totó? — perguntou o Leão Covarde e, após isso, deu um rugido de raiva, assustando a todos e fazendo o biombo cair, revelando um homem velho e baixinho.

— Quem é você? — perguntou o lenhador de lata.

— Sou o grande e poderoso Oz.

— Você é uma farsa — percebeu Dorothy.

— Sim, sinto muito pelo seu cachorro.

— Então você não ia cumprir a sua promessa? — perguntou o lenhador de lata.

— Bem, eu não conseguiria, mas Totó fez tudo isso por mim. Ele fez você usar as emoções que só uma pessoa com um grande coração conseguiria ter. Assim como a coragem do Leão e o cérebro do Espantalho.

— Mas você não sabe o que é ter um coração, não é? — disse Dorothy. — Enganando as pessoas e fazendo com que elas acreditem em você. Você nunca vai entender o amor que eu sentia por Totó.

E então a tristeza se espalhou, um animal pode amar alguém muito mais do que qualquer pessoa. Basta notar antes que seja tarde demais. Nem sempre os contos de fadas têm o seu devido final feliz, mas quase sempre é omitida a verdade.

— Não se preocupe, Dorothy, ele deve estar em um lugar muito melhor agora — disse o Leão. — Não sei como podem dizer que animais não têm alma, quando, na verdade quem não tem são alguns humanos.

Michael Vasconcelos

A melodia perdida

“Conta a lenda que um pássaro é muito importante para os japoneses. Certa vez, um camponês salvou um tsuru (cegonha) que definhava com sua asa quebrada. A ave, grata por ter sido salva, transformou-se em uma bela moça e ofereceu ao homem um lindo tecido. O camponês vendeu o tecido e ganhou muito dinheiro. Envenenado pela ganância, ele quis mais e pediu à moça para tecer outro. Ela prontamente o atendeu, mas o alertou que não poderia fazer outro. Como antes, o tecido foi vendido por um alto preço. O homem procurou a moça mais uma vez e, apesar de sua

aparência frágil e enfermiça, pediu que ela tecesse para ele. Resignada, a donzela concordou. Contudo, o homem foi até o lago onde a mulher costumava ficar e encontrou a cegonha arrancando suas últimas penas. Voltando à forma humana, a mulher revelou que fazia os tecidos com suas penas como forma de agradecer ao camponês por tê-la salvado. Entretanto, com as penas arrancadas, a cegonha morreu nos braços daquele que a usou para alimentar suas ambições. (Adaptação livre da lenda do folclore japonês)”
Em algum lugar do Japão, início do século XX

Minhas asas debatiam-se, machucadas e sujas. O metal frio e opressor das grades que me prendiam emitia um som frio que reverberava por toda parte. Era o ruído desesperado das minhas penas se partindo e do meu corpo lutando contra aquela prisão dourada.

Eu não gostava daqueles sons, não eram parecidos com o meu canto livre, quando tecia as mais lindas melodias, enquanto pulava por galhos e folhas, com as flores acariciando meu bico.

Nada ali respondia ao meu chamado como meus amigos pássaros faziam ao saudarmos o sol. Só havia seres estranhos, que gritavam e tentavam enfiar suas garras entre as grades da gaiola (era assim que chamavam a prisão).

Eles não entendiam por que eu não me acalmava. O motivo pelo qual não aceitava suas ofertas de alimentos secos e envelhecidos. Por que não os deixava tocar minhas plumas e observar meu corpo fraco e ferido.

Eu não compreendia como achavam que aquilo poderia ser certo. Mas havia decidido: nunca mais iria cantar. Não dentro da prisão dourada.

No início, era difícil enxergar. Tudo parecia um imenso borrão e o barulho era alto demais. Em apenas um instante, meu mundo colorido e brilhante havia sido roubado e substituído por outro ao qual eu não pertencia. A árvore onde costumava dormir, o riacho que corria por perto, os pequenos esquilos e até mesmo as serpentes pareciam muito distante e me causavam saudades.

No bosque, eu sempre era a primeira a cantar. Tínhamos uma espécie de rotina onde meu canto dava início ao dia e o pio de uma grande coruja marcava o começo da noite. Meus olhos eram claros e brilhantes como a luz do sol, enquanto a plumagem escura da minha companheira noturna denotava sua natureza. Cada um tinha seu papel, seu lugar e sua função. Na gaiola, eu não era mais nada.

A cada amanhecer, olhava tristonha para o fundo da prisão, coberto por minhas penas que caíam mais e mais. Os contornos da casa onde me prenderam também ganhavam mais nitidez, mas não queria conhecer nada relativo aos meus raptos. Meus músculos doíam devido ao meu encolhimento e eu sentia minhas asas morrerem sem a expectativa de alçar voo novamente.

Certo dia, não sei qual dia era, estava muito perdida para saber há quanto tempo estava naquele lugar, tinha acabado de ter um rompante de fúria. Debatí-me com força contra a gaiola e minha respiração estava

ofegante. Sentia algo quente em meu bico, deveria estar sangrando. A exaustão me fez parar e minha visão ajustou-se em um ponto específico: um menino sentado no canto oposto ao meu.

O garoto estava no chão, em uma posição estranha. Nunca vira os humanos segurando as pernas ou encurvados daquele jeito. Ele também me olhava de uma maneira estranha: seus olhos amendoados estavam tristes e fixos, mas não assustados. Fosse lá quem ele era, não parecia intimidado por mim ou pelos golpes que desferia contra a gaiola. Não me lembrava de vê-lo enfiando a mão dentro do meu cárcere ou gritando comigo. Na verdade, creio que nunca tinha sequer ouvido sua voz. Ficamos nos encarando por um tempo. O menino ergueu o pescoço para conseguir me ver melhor. Entretanto, não queria olhar para ele. Estava magoada demais para isso.

— Oi... — uma voz fraca e trêmula chamava entre as barras finas, emaranhadas por penas e sangue.

Virei-me em direção ao som, deparando-me com o menino encurvado dos olhos repuxados. Ele não estava batendo nas grades, ou berrando para chamar minha atenção. Seus modos contidos e postura defensiva indicavam que estava apreensivo ou talvez alguma outra coisa. Eu não tinha muita experiência com humanos. Na primeira vez que me deixei encantar por um deles, havia terminado aqui. Presa. Silenciada.

Fui para o canto mais afastado possível da gaiola. Não confiaria nele, mesmo com a voz bondosa. Agitei as asas, sinalizando que ele deveria ir embora. O garoto deixou os ombros caírem, deu um longo suspiro e, por fim, acabou indo. Reparei que seus cabelos tinham o tom escuro da minha amiga coruja. Talvez ele fosse um prisioneiro como eu.

Todas as manhãs, uma mulher com voz estridente e mãos pesadas vinha me alimentar e limpar a pequena jaula. Ela ralhava comigo e tentava me pegar, mesmo contra minha vontade. Entretanto, o que mais reparava nos humanos era que eles pensavam que eu deveria cantar para eles. Minha mudez os irritava e alguns diziam, entre brados, que um pássaro que não cantava não servia para nada.

Queria poder dizer a eles que meu canto era fruto de minha felicidade, que estar aprisionada levava meu canto para longe, para bem fundo dentro

de mim, incapaz de sair. O coração de um pássaro é frágil, assim como suas penas. Pode partir-se com a menor brisa, levando as harmonias consigo.

A chuva caía naquela tarde e alguns humanos bebericavam juntos perto da minha gaiola. Eu havia sido colocada no lugar da habitação onde mais humanos passavam, dificilmente ficava sozinha. Embora estivesse particularmente triste, notei que eles falavam de mim:

— É belíssimo! Onde o conseguiu? — perguntou uma mulher.

— Comprei em uma feira de um ambulante. Vende toda sorte de animais. Se quiser, posso leva-la até ele. Pode ter um na cor que desejar — a mulher que me alimentava respondeu.

— Gostaria muito. É um belo enfeite para a sala, mesmo que não cante. Aliás, já descobriu por que seu pássaro é mudo? — A outra apontava para mim, com ar de desdém.

Então, era por isso que eu estava aqui. Enfeite. Os humanos achavam que sua casa ficaria mais bonita comigo nela.

— Ao menos sua plumagem compensa a falta do canto. Nunca tinha visto um canário branco. Ele deve trazer muita sorte.

Minhas penas. Minha voz. Minha vida. Eles queriam tudo.

Tudo o que era motivo de orgulho e felicidade tinha sido convertido em maldição pelos humanos. Passei a arrancar minhas penas, uma a uma, sempre que podia. A mulher da voz estridente batia nas barras ou me chacoalhava quando me pegava fazendo isso. Assim que ela estava fora de vista, puxava chumaços de plumas e sentia a dor se espalhar pelo meu corpo enfraquecido.

Uma vez, tinha visto um pássaro que tivera o bico arrancado em uma disputa por uma fêmea. Foi quando pensei que, sem minhas penas para apreciar e sem meu bico para cantar, talvez os humanos me deixassem ir. Reunindo todas as minhas forças, passei também a puxar meu bico através das grades. A dor ainda não superava o fato de não poder voar e ser livre.

O menino estava sentado em seu lugar costumeiro quando comecei a arrancar penas próximas da minha cauda. Era o único lugar onde elas ainda estavam compridas e inteiras. Com o bico ferido, a dor era dobrada. Ele parou o que fazia e veio até mim.

— Não faça isso, por favor — pediu a mesma voz gentil e baixinha. Os olhinhos dele estavam cheios de água. Nunca tinha visto nada igual. Resolvi fazer o que me pedira e o encarei de volta. — Eu sei que você é menina. E sei que está triste. Sabe, é difícil viver aqui fora também.

Apesar de não compreender ao certo o que aquelas coisas significavam, aquele era o primeiro humano que não parecia querer arrancar nada de mim. O único que não me fazia querer tirar antes que me fosse tirado.

— Meu nome é Hideo. Você gostaria de tomar um pouco de sol? — o menino continuou perguntando, aproximando a mão do topo da gaiola.

Fiquei agitada, mas algo me fez estacar, aguardando pelo que ia acontecer. Hideo pegou minha gaiola e levou até o beiral de uma janela. Os raios de sol da manhã invadiram aquela prisão dourada e a brisa fresca entrou suave em meu peito. Uma cerejeira plantada próxima dali trouxe algumas pequenas flores de sakura que se enrolaram nos cabelos do garoto, fazendo-o sorrir de leve, sem perder seu ar melancólico.

Abri as asas para sentir a plenitude do mundo me atingindo depois de tanto tempo encarcerada. Estava quase me esquecendo de onde estava, até que a ponta de minha asa tocou o metal da jaula. Mergulhei em minha tristeza novamente.

A vida era estranha dentro daquela cúpula dourada. Tudo se confundia: era intenso e agressivo demais para um canário. Exceto por Hideo. O menino conseguia me fazer esquecer, mesmo que por alguns instantes, que eu era uma prisioneira. Quando ficava comigo perto da janela, Hideo fazia alguns sons com um objeto que tinha. Acho que ele queria me incentivar a acompanhá-lo.

Devido aos ferimentos, mesmo que quisesse, não conseguiria cantar. Meu bico sofrera muito nos últimos dias e partes do meu corpo estavam descobertas e arranhadas.

Entretanto, percebi que o menino também não tinha mais a pelagem que a maioria dos humanos possuía na cabeça, aquela que me lembrava da coruja. Com o passar dos dias, também notei que seu rosto tinha feridas e suas mãos tremiam ao fazer música com o objeto estranho.

Então, entendi por que Hideo se afeiçoara a mim. Ele também sofria. Aquele humano padecia de algum mal, além também sofrer com os maus

tratos da mulher estridente. O mais curioso é que aquela parecia ser a mãe dele, mas não a via alimentá-lo, ou cuidar de seu filhote como as mães costumavam fazer.

Ainda me lembrava de como choquei meus ovos com carinho, saía em busca de comida e como ensinei minhas crias a voar. Foi difícil vê-los indo embora planando e cortando os ares, mas esse era um dos papéis das mães. Cuidar e proteger, para depois libertar e, por fim, assistir orgulhosa o fruto do nosso trabalho. Ao menos no bosque era assim.

Hideo parecia fraco, tão fraco quanto eu. Mas ele tinha olhos bondosos e parecia esperar por algo que não sabia ao certo o que era. Como eu, que não sabia o que o alvorecer me traria. Apenas esperava que a mãe de Hideo não gritasse muito e não jogasse grãos malcheirosos contra mim.

Nunca me esquecerei daquele dia, quando as nuvens cinza choravam no céu e o vento frio uivava arranhando a janela. Mesmo do outro lado de onde ficava a única janela para o mundo de onde eu fora roubada, conseguia ouvir os sons de uma tempestade se formando.

Os humanos começaram a uivar e gritar todos juntos. A mãe e os demais habitantes da casa andavam de um lado para o outro, parecendo desolados. Não vi Hideo naquele dia, mas sabia que algo estava errado. Também não consegui me mover muito, mesmo no minúsculo galho fajuto que havia dentro da gaiola.

Quando Hideo voltou para casa, estava envolto em lençóis brancos e foi colocado em uma cama no meio do espaço onde eu ficava. Os humanos continuavam gemendo e com os olhos transbordando água. Mesmo fraca, consegui sentir o aroma.

Aquele cheiro despertava todo o bosque. Aqueles que eram presas tremiam e se escondiam. Os predadores ficavam eriçados e famintos. O que senti foi a essência da morte.

A mãe de Hideo estava encolhida e era segurada por outras pessoas. Agora, não poderia mais gritar com ele ou sacudir seus braços finos. Hideo tinha quebrado sua gaiola para sempre.

Foi então que decidi cantar para ele, para que tivesse bons sons o acompanhando durante sua viagem. A melodia não saía com facilidade, não estava bonita e perfeita como eu gostaria, mas era tudo que eu poderia ofertar ao meu companheiro de confinamento.

Todos pararam de fazer barulho para escutar minha canção. Ela contava sobre o bosque, sobre meus filhotes, sobre o rio, sobre o céu e sobre gaiolas douradas. Meu corpo ardia cada vez que tomava fôlego e abria o bico.

Quando acabei, quando as últimas notas saíram de mim, senti que algo mais também me deixava. Tudo foi ficando escuro e ainda mais apertado, mesmo que eu tentasse olhar para o menino morto com esforço.

Aos poucos, minha vida também ia embora. Meu corpo tão pequeno foi ficando ainda mais leve e quase não sentia mais minhas asas, meus pés perderam suas forças e equilíbrio. Caí no fundo da gaiola, com o ar fugindo de mim, levantando uma névoa de penas ensanguentadas que me cobriu, assim como o lençol que cobria Hideo.

Talvez minha última canção tenha sido a mais importante. Depois de tudo, só esperava que ninguém mais tivesse que ocupar a gaiola dourada.

Martha Ricas

Amor que Cura

Clara estava sentada próximo à janela, observando com atenção os carros passando pelas ruas. Seu pai já deveria ter chegado há, pelo menos, duas horas, mas não aparecera, tampouco ligara se justificando.

Não era incomum que ele lhe quebrasse uma promessa, mas Clara sempre tinha fé de que, da próxima vez, tudo seria diferente. Aos cinco anos de idade, acreditar cegamente em quem quer que fosse não parecia um absurdo, se fosse em seu pai, então, era um gesto natural e involuntário.

Ana, a mãe de Clara, observava com agonia o semblante entristecido da filha. Desde o divórcio, Vitor se divorciara da filha também. Óbvio que houve juras como “Papai sempre vai estar aqui quando você precisar”, “Vou te amar para sempre, não fique triste”, “Nós vamos nos ver todos os fins de semana”...

Mas eram todas palavras vãs. Vitor não aparecia aos fins de semana, não ligava com frequência, não ia até a escolinha checar como andava o desempenho da filha e nem sequer participava da vida dela. Ele não sabia, por exemplo, que o sorvete favorito de Clara era o de chocolate com cobertura de tutti frutti. Nas raras vezes em que saíam com alguma de suas muitas namoradas, Vitor sempre pedia uma bola de sorvete de morango — porque Clara era menina, meninas gostam de rosa — com cobertura de caramelo — afinal, quem não gosta de caramelo?

Clara nunca contou ao pai que aqueles não eram seus sabores prediletos. O medo de desagradá-lo era tão vívido que ela aceitava tudo calada em troca de ter ao menos alguns segundos de seu disputado tempo.

Quando houve o divórcio, uma das coisas que Vitor prometeu a Clara foi que a menina teria dois quartos.

“Um na casa do papai e outro na casa da mamãe...”, ele dissera, mas, se esse segundo quarto existia, Clara nunca o conheceu. Nas raras vezes em que seu pai se propunha a ficar com ela um fim de semana inteiro,

isso significava que a avó paterna de Clara ficaria com ela um fim de semana inteiro.

E como Clara a amava!

A vovó Lindalva adorava fazer biscoitos quentinhos para as duas comerem juntas bebendo um copo de leite, à tarde, enquanto assistiam a desenhos. O vovô Osvaldo era um pouco mais sério, mas também muito carinhoso. Ele empurrava Clara no balanço que eles mantinham no quintal para os netos. Em algumas ocasiões, os tios, tias e primas de Clara também apareciam na casa dos avós, e ela se sentia feliz e triste ao mesmo tempo. Feliz porque amava a família e todos eram carinhosos com ela. Triste porque, diferente de seus tios, o pai de Clara não a ninava nos braços até que ela caísse no sono, não corria descalço na grama junto a ela... na maior parte das vezes, a menina nem mesmo conseguia um telefonema.

Certa vez ela presenciou uma briga feia entre Ana e Vitor. A mãe berrava sobre ele ser irresponsável e negligenciar aquela que deveria vir acima de todas as coisas na vida dele: a filha. Clara não sabia o que significava negligenciar, mas, se isso era aquilo que seu pai vinha fazendo, ela gostaria que ele simplesmente não o fizesse mais, porque não a deixava feliz.

Depois daquele dia, Vitor passou a ligar avisando sempre que não era possível ir buscar Clara para passar o fim de semana com ele. E foram muitas as vezes.

O estopim aconteceu no aniversário de seis anos de Clara. Ana organizou uma comemoração simples entre os familiares. Desde o divórcio, ela vinha mantendo a casa sozinha, e seu salário não era grande coisa, para que pudesse esbanjar. Mesmo assim, Clara ajudou a mãe na confecção dos *cupcakes*, do bolo dos parabéns, dos salgadinhos... até foram dormir tarde, no dia anterior, enrolando os brigadeiros que decorariam a mesa.

Os poucos convidados se reuniram na sala de estar decorada com balões cor-de-rosa, azuis e brancos, à escolha de Clara, divertindo-se com a música infantil e aproveitando a comida. Vitor estava atrasado e Ana sentia que poderia trucidá-lo quando ele, por fim, chegasse. No começo, Clara esperou pacientemente, distraíndo-se com as demais crianças em algumas

brincadeiras. Depois, não houve quem fizesse a menina sossegar. Era o momento de cantar os parabéns e Vitor ainda não havia chegado. Clara não queria passar por isso sem ele.

Ana tentou entrar em contato, bem como os irmãos e os pais de Vitor. Não houve resposta, e sim uma comoção, com todos achando que algo de muito ruim poderia ter acontecido. Clara estava nervosa, chorando e murmurando o quanto queria o pai por perto. A festa fora oficialmente arruinada pela preocupação, que, mais tarde, mostrou-se ser em vão.

Vitor estava preso em uma reunião de trabalho. Perdera por completo a noção do tempo e esquecera-se do aniversário da filha, mas prometera recompensá-la com um brinquedo de uma das lojinhas mais caras do Shopping.

Clara deixou de ir à casa dos avós paternos. Ana não queria que esse contato fosse quebrado, mas a filha não tinha vontade de ficar com a família do pai e, quando sob insistência, teve uma crise de choro que durou horas.

Ana recorreu a uma psicóloga infantil, mas Clara se mantinha calada durante a maior parte das sessões e, com o tempo, chorava desesperadamente para não ter que ir às consultas.

Era introvertida, falava pouco, perdeu o interesse na escolinha de futebol e quase não dedicava mais tempo ao desenho e à pintura, algo de que tanto gostava.

Na maior parte das vezes, Ana conseguia engolir o choro ao ver a filha naquela situação, tão diferente da criança cheia de energia que ela um dia fora. Em outras, desabava em lágrimas que corriam sem controle por seu rosto quase a noite inteira.

Durante a infância e a adolescência, Ana sempre viveu em contato com animais. Criada no interior, era comum ter cachorros, gatos e galinhas correndo pelo quintal e uma vaquinha que fornecia leite.

Isso mudou quando Ana foi para a cidade, investir em seu sonho de ter um curso superior. Foi como conheceu Vitor, se apaixonou e decidiu dividir com ele o resto de seus dias. Ele era gentil, amoroso, atencioso... porém, não gostava de animais. Sempre inventava desculpas como responsabilidades, pelos, bagunça... até ser taxativo e dizer que odiava tudo o que não sabia falar e se movia em quatro pés. Para Ana, foi um choque ouvir algo assim, mas ela culpou o estresse do momento pela reação exacerbada. Mais à frente eles tocariam no assunto outra vez.

Pouco tempo depois, veio a notícia da gravidez, e a urgência em ter um animalzinho de estimação foi suprimida pela chegada da pequena Clara. Um dia, quando a filha aprendeu a engatinhar, Ana sentiu o coração gelado ao lembrar-se das palavras de Vitor.

“Odeio tudo que não sabe falar e anda em quatro patas...”

Clara não sabia falar. Engatinhar consistia em andar de quatro. Poderia parecer bobo, mas ela gostava menos ainda das palavras agora.

Com o divórcio, poderia ser o momento perfeito para investir em um animal de estimação, contudo, as contas apertadas mal deixavam Ana respirar aliviada. Não, ela não tomaria a decisão de trazer um bichinho para sua vida problemática sem a certeza de que conseguiria arcar com as possíveis despesas que ele acarretaria.

Porém, em uma noite chuvosa, enquanto usava o guarda-chuvas para se proteger e levava o lixo para fora, Ana vislumbrou mais alguém junto ao contêiner, usando uma capa de chuva com um saco de lixo nas mãos. A pessoa se sobressaltou ao perceber a presença de Ana, o que carregava nas mãos atingiu ao solo, soltando um barulho estridente ao chocar-se com o cimento afundado onde a água empoçava.

Era o barulho de algo se partindo e um gemido de dor. Ana correu, descartando o próprio lixo no contêiner e agachando-se junto ao plástico largado no chão. De lá de dentro, Ana retirou um filhotinho debilitado, tremendo de frio, medo... as costelas proeminentes, a patinha em um ângulo estranho.

O osso fora quebrado na queda. E o gemido de dor era um latido sofrido.

Ainda era cedo da noite, então não foi difícil encontrar um hospital veterinário aberto. Mãe e filha aguardavam na recepção enquanto o pequeno labrador recebia cuidados de um profissional. Ana recebeu alguns olhares enviesados, como se fosse uma dona terrível, até explicar que acabara de encontrar o filhote e decidiu socorrê-lo.

Lógico que não pretendia mantê-lo. Já estava passando por tantos problemas, nem que quisesse poderia adicionar uma nova responsabilidade à sua vida.

— Vamos lá, Ana! Você não pode ficar com ela! — dizia a si mesma enquanto fitava a cachorrinha já forte e recuperada, tombando a cabeça e encarando-a de volta, o rabinho balançando freneticamente no ar. — Para de me olhar assim, eu não posso! — Ana repetiu, abaixando-se e trazendo o filhote para o colo. — Não me faça amar você, ouviu? Eu te proíbo de me amar e de me fazer amar você — ralhou, recebendo um latido e uma lambida.

O sorriso foi inevitável. Desde que a patinha fora curada e a cachorrinha atingira o peso ideal, ela tornava a casa barulhenta e dava fim a um dos pés dos pares de chinelo de Ana. Mas também havia muitas lambidas e rabinhos balançando, o que esboçava o quanto o filhote estava feliz e, em um efeito dominó, também fazia Ana feliz.

— Tudo bem, talvez você possa me amar um pouquinho — Ana se decidiu, devolvendo o filhotinho ao chão e balançando a cabeça em uma negativa. — Por que eu sinto que você vai sangrar meu coração quando tiver que ir embora daqui?

Não batizar o filhotinho foi uma técnica adotada para não se apegar (muito) nem sofrer (demais) quando o labrador fosse embora, mas isso não foi capaz de conter a transformação que a felicidade da cachorrinha operou na casa.

Insistente, ela queria a atenção de Clara todo o tempo. E não adiantava dizer que não estava a fim, cansada... *Brincar* era a única coisa que o filhotinho entendia e, enquanto Clara não concordasse em fazê-lo, ela não tinha paz. Com o tempo, Clara percebeu que não queria paz. Queria correr pelo jardim com a nova amiguinha, jogar a bolinha no alto para que ela pegasse e devolvesse à mão da menina, apenas para repetirem tudo de novo. Clara aprendeu a levantar-se quinze minutos mais cedo para conseguir ir à escola com os dois pés do mesmo par de tênis, em vez de um pé direito e um esquerdo de dois pares diferentes.

Gostava de assistir a desenhos com a cachorrinha em seu colo, acariciando o pelo macio cheirando a shampoo de algodão. Adorava despertar da soneca da tarde com ela lambendo seu pé, exigindo uma atenção mais que merecida.

Na escola, contava para todo mundo sobre as coisas incríveis que a amiguinha sabia fazer. Como abanar o rabo na velocidade da luz, pegar com a boca duas chinelas ao mesmo tempo, tampar os olhos com as patinhas quando destruía algo...

Ana amava ver aqueles sorrisos enormes de volta ao rosto da filha. Ela esteve fechada por tanto tempo e, agora, finalmente abriu o coração e deixara alguém entrar.

Clara tinha medo de promessas. Mas, pela manhã, quando ela dizia ao filhote “Até mais tarde” e recebia um “au-au” em resposta, ela sabia que podia confiar. Era uma promessa que jamais seria quebrada.

Depois de meses a fio, Clara aceitou passar um fim de semana com a família paterna. Vitor ligava raramente, mas, se não o fazia, Clara não ficava triste. Os lápis de cor voltaram a ser seus amigos também, contudo, agora tinham marcas de mordida e viviam cobertos em baba.

Rever a família fez bem a Clara. Vovó Lindalva fez seus biscoitos favoritos e vovô Osvaldo a levou até o balanço também. Contudo, voltar para casa foi a melhor parte.

O tio de Clara recebeu a incumbência de retorná-la sã e salva para os braços da mãe e, ao longe, assim que avistou Ana, Clara saiu correndo, segurando a mochila com uma das mãos e uma folha tamanho A4 na outra.

— Mamãe, mamãe! — ela gritou animada, se jogando nos braços de Ana e sendo recebida com todo o amor do mundo.

— Oi, minha vida! Que saudade eu tive de você!

A vozinha de Clara foi como um chamado. Um segundo depois, uma cachorrinha de rabo irrequieto latia e pulava na direção de Clara, demandando carinho também.

— Ah, Zoe, eu também eu estava morrendo de saudade! — Clara saudou, agarrando a cachorrinha e beijando toda a cabeça enquanto os dedos alisavam o pelo sedoso.

Ana ergueu as sobrancelhas, surpresa. Não dar um nome ao animalzinho foi seu gesto de autoproteção, mas, ao que parecia, não era algo com que Clara se preocupou.

— Zoe? — ela testou, erguendo a sobrancelha enquanto assistia ao atrelado de pernas, braços e patas à sua frente.

— É, mamãe. Eu gosto de Zoe. É pequeno, doce e fácil. Que nem Clara e Ana — explicou, levando os olhos para a cadelinha em seu colo e mexendo no focinho úmido com o indicador. — Se Zoe é da família, os nomes precisam combinar. Olha o que fiz para você, Zoe — Clara continuou, mostrando o desenho que trouxera da casa dos avós.

Todo colorido, havia Ana, Clara e Zoe, com o respectivo nome embaixo, traços esbanjando o máximo de esmero que uma criança de seis anos poderia ter.

No topo, como título do desenho: FAMÍLIA.

Os olhos de Ana encheram-se de lágrimas e, pela primeira vez em muito tempo, o gesto não era triste, e sim feliz. No fundo ela sempre soube, mas Clara, com seu poder infantil de simplificar tudo, apenas deu o veredito.

Mais tarde, naquele mesmo dia, com a casa em silêncio e as luzes apagadas, após checar a filha, que ressonava serena, Ana apertou um pouco mais a manta de Zoe ao redor dela, que roncava baixinho em sua caminha.

— Que bom que você não me obedeceu quando eu te proibi de me fazer te amar, Zoe — Ana murmurou, passando de leve o dedo indicador sobre o focinho úmido de Zoe, exatamente como Clara fazia.

Evelyn Santana

Artichaut

Lá estava ela, sentada na sala de espera, com as pernas cruzadas, guardadas nas calças jeans azul-marinho, os dedos não paravam quietos e estalavam sem parar. Seus cabelos ondulados, curtos e castanhos estavam um pouco molhados e exalavam um perfume de rosas. O coração estava acelerado e batia rapidamente, o nervosismo por entrar naquela sala era completamente compreensível, ela estaria na frente de grandes músicos e mostraria o seu trabalho como compositora e produtora musical — pelo menos, era o que ela esperava.

Antoniette era uma musicista e, embora tivesse muito talento, era pouco reconhecida. Órfã, sempre cresceu sozinha, vagando de abrigo em abrigo, até que encontrou a sua família, o Punk. Não, não estou falando do estilo punk, não me entenda mal! Punk era o nome de seu cachorrinho, um pequeno vira-lata de pelo alaranjado, corpo comprido, patas baixas e orelhas longas, que a garota encontrara ainda filhote em meio ao lixo de um pequeno beco das ruas de Paris. O pequeno companheiro a seguiu até a sua casa e acabou morando ali para sempre. Eles eram mais que dona e cão, eram companheiros de almas. Mas não se vive apenas de amor, e todas as noites — madrugadas, para ser mais preciso —, Antoniette trabalhava em bares tocando piano, para tentar se sustentar.

Não existe talento que sobreviva a um mundo onde as influências valem mais, não é mesmo? E como a pobre Antoniette não tinha nenhuma influência no meio musical, ela acabava por aceitar pequenos trabalhos, que, depois de uma ou duas semanas, eram cancelados, e ela voltava à estaca zero, onde se via obrigada a vagar pelas ruas em busca de novos empregos, fossem eles musicais ou não.

Mas as coisas começaram a mudar quando ela recebeu aquela ligação: a oportunidade da sua vida! Uma grande agência estava prestes a contratá-la, e o que foi dado de teste era o mais complicado: para poder ser contratada, Antoniette precisava escrever um jingle para uma das maiores

empresas de ração canina. Tá, esse não era o problema, o problema era o sabor da ração... Alcachofra. Quem é que compra ração de sabor alcachofra para seus cachorros? E, para piorar toda a situação, ela precisaria escrever o jingle em dois dias.

Como ela conseguiria? Era possível? As perguntas inundavam a cabeça da pobre Antoniette, que não sabia o que fazer. Era uma oportunidade muito grande para jogar fora, era a realização de seu sonho, de tudo o que ela mais almejou. Mas todas as suas preocupações e medos sumiram quando ela o conheceu... Aquele cara desengonçado, de cabelos claros, óculos redondos e roupas engomadinhas. Ele, Loui.

Antoniette encontrou-se pela primeira vez com Loui num parque qualquer, mal sabia ela que ele mudaria sua vida completamente. O aspirante a escritor e rebelde de sua família sonhava com muito mais que os prédios de Paris e o chão. Ele queria voar, queria ser livre e viver intensamente a vida de classe média alta, era o que o jovem rapaz de família esperava da vida. Seus sonhos e poemas encheram Antoniette de dúvidas, seu sorriso inocente e os óculos que escorregavam para a ponta do nariz faziam com que o coração dela acelerasse a cada vez que o via, porém, embora Antoniette sentisse algo por Loui, ela não o entendia. *Como alguém que tinha tudo sonhava em ser livre de sua família?*, ela se perguntava todas as vezes em que ele tocava no assunto.

Para Antoniette, era completamente estranho imaginar que alguém que tinha uma família estruturada, uma condição financeira confortável e todas as possibilidades para crescer queria se livrar de tudo isso e ir em busca de um sonho.

Antoniette sempre imaginou o dia do encontro com sua família, imaginava o momento do abraço com seus pais, veria seus avós, descobriria que tinha irmãos, talvez tivesse um casal de irmãos... Ela sonhava com esse momento, sonhava com uma família. Mas, afinal, o que é uma família? Antoniette tinha uma família, talvez, tivesse muito mais que isso, ela tinha um amigo fiel a ela, uma família com um coração gigante. Antoniette tinha uma família que abanava o rabo toda vez que a via chegando na pequena quitinete onde morava, a garota encontrara sua família em meio a lambidas molhadas no rosto, ela encontrara, de fato, uma família. Antoniette teve o privilégio de encontrar uma família, e não de ser encontrada por aqueles que a abandonaram. Ela adotara Punk, seu pequeno cachorrinho, também achou o Loui, com as ideias e poemas mais marcantes e mirabolantes de sua

vida, ela também tinha a Genevieve, a poodle de Loui, a cadelinha viva num romance complicado com Punk. Percebeu, então, sua sorte ao ter mais que uma família normal. Ela tinha um amor puro. E esse amor foi conquistado pouco a pouco.

Ela tinha mais do que qualquer um.

Pena que a pobre garota percebeu isso tão tarde.

— Srta. Antoniette? — chamou a recepcionista da Agência. — É a sua vez de se apresentar.

Ela respirou fundo.

A garota se levantou e foi em direção à sala, mas, antes, foi barrada pela mulher que finalmente se levantou para falar.

— A senhorita não pode entrar com o cachorro — disse ela. — Ele tem que ficar comigo.

Antoniette sorriu para a recepcionista.

— Me falaram que eu poderia trazer alguém da minha família, por isso o trouxe.

A atendente riu.

— Você está falando sério?

— Sim! E, se me der licença, eu tenho um jingle para apresentar.

Ela entrou.

Embora houvesse muitas luzes e holofotes para o pequeno palco presente no centro, a sala ainda era escura. O frio na barriga a incomodava, mas era hora de mostrar o seu talento, e todos os medos precisavam ficar de fora.

— *Bonjour à tous* — disse ela, cumprimentando os jurados que a aguardavam sentados em uma mesa longa e alinhada.

— Conseguiu trazer o que te pedimos? — Ela assentiu. — Espere! — disse um dos homens. — O que esse cachorro está fazendo aí? É proibida a entrada de animais nessa sala.

— Eu sei. — Ela respirou fundo. — Mas vocês me falaram que eu poderia trazer alguém da minha família...

Antoniette parou de falar, seus olhos foram em direção à plateia, onde estava alguém sentado. Alguém alto, de cabelos claros e óculos redondos junto de outro cachorro.

Sua família estava completa.

— Acho que finalmente entendi o significado desse teste, senhores — prosseguiu ela. — No início, foi difícil tentar criar algo musical que

envolvesse alcachofras, mas, depois, consegui compreender que até as alcachofras conseguem se encaixar em algum lugar... Como eu. — Os jurados se entreolharam. — E, agora, eu estou completa e trouxe a minha família até aqui para me prestigiar. Trouxe meu cachorro, Punk. — Ela o segurou no colo. — Trouxe o meu... Aquele cara ali na plateia, junto da sua cachorrinha. Eles são minha família, e se eu não puder apresentar o meu trabalho por conta da presença deles aqui, então eu também saio.

Ela se virou, mas antes que pudesse sair, um dos homens falou:

— Espere! — Antoniette parou de andar. — Queremos ouvir o seu trabalho e conhecer mais do seu conceito de família... O cachorro pode ficar.

A garota se virou de volta para eles, mas só conseguia olhar para Loui, que sorria para ela e transbordava de orgulho.

— Podemos começar? — perguntou a jurada de cabelos vermelhos que estava na ponta da mesa.

— Sim! Podemos começar — falou Antoniette, com a certeza de que finalmente encontrara sua verdadeira família.

“Ohana quer dizer família, e família quer dizer nunca mais abandonar ou esquecer.” — Lilo & Stitch

Italo Oliveira

Caixa de papelão

Fazia frio.

Mas ela não conhecia algo diferente.

Nascida no inverno, pensava que o mundo era assim, um lugar bem gelado com ocasionais caixas de papelão, que eram imprescindíveis para dormir quando todo mundo apagava a luz e as ruas ficavam vazias. E perigosas.

Ao menos foi o que aprendera com a sua mãe, antes de se perder.

Sentia falta dela e dos irmãos. Todos juntinhos, sempre quando a noite fria caía, nunca tremiam, mesmo quando não tinham abrigo.

Eram sua própria caixa de papelão.

Ela tentou fazer algumas amizades desde que se viu sozinha na rua, mas o machucado na patinha esquerda a lembrava de que não era uma boa ideia. Existem corações muito maus logo ali, na esquina. Talvez fossem assim para combinar com o frio do mundo.

Naquela noite, no entanto, ela estava feliz. O vento soprava furioso, mas não chegava a encostar em seu pelo. Tinha achado um abrigo só dela, e bem fechadinho, só sairia dali pela manhã, quando o sol voltasse de novo.

E foi então que uma bolinha surgiu.

Ela nunca tinha visto algo igual e, ao longo dos seus quatro meses, já vira muitas bolinhas na rua, ou coisas que viraram bolinhas ao enrolar da sua patinha.

Amava absolutamente todas. E, agora, amava mais essa, que brilhava muito, como se fosse de dia, e flutuava à frente dos olhos curiosos recém-abertos.

Como poderia estar no ar assim, sem ninguém jogando?

Estendeu a patinha para tocá-la, mas a bolinha foi para trás no último instante. Ela tentou de novo, mais uma vez, sem sucesso. Vendo que seu recente brinquedo teimoso começava a se afastar, teve a certeza de que,

apesar de não dever deixar o abrigo quentinho, não valia a pena estar nele sem a bolinha para lhe fazer companhia.

Levantou rápido, esticando o dorso antes de andar depressa atrás da luz. Quanto mais rápido andava, mais a bolinha se afastava, até parar perto de uma mulher que tentava abrir o portão de uma casa, no entanto, as chaves pareciam estar ganhando dos dedos longos.

Ela também gostava de chaves, mas mais da nova bolinha, e quando a última se enroscou entre as pernas da mulher, ela não perdeu tempo. Criando espaço entre um tornozelo e outro, se esgueirou ali, ansiosa por finalmente tocar seu brinquedo, que subiu no último instante. De novo.

— Meu Jesus Cristo, mas que susto!

Levantou o rosto para a mulher, que emitiu um som alto antes de dizer aquelas palavras. Ela deveria correr e se esconder, provavelmente. Mas agora a bolinha reluzente pairava ao lado do rosto da estranha, girando várias vezes ao redor da cabeça dela.

— O que está fazendo aqui fora, nesse frio? É melhor achar um abrigo... Já é tarde. Anda, anda... Vai!

Ela soltou um ronronar, esfregando a cabecinha contra o tecido macio da calça da mulher. Um pedido de ajuda. Ela tinha um abrigo, e voltaria de bom grado para ele, assim que obtivesse a bolinha.

— Pare de me olhar assim... por favor... Eu não posso.

Não sabia como estava olhando, mas se isso garantisse que tivesse o que queria, era o que continuaria fazendo. Andando um pouquinho, sua patinha doeu quando encostou em uma pedra afiada do chão, bem no lugar do machucado, fazendo com que mancasse.

— Ai, está machucada... Tadinha. — A mulher se abaixou, e a bolinha iluminada acompanhou o movimento. Não se importou quando, lentamente, a desconhecida trouxe os dedos até a lateral de seu rosto, em um toque que lembrava as lambidas que sua mãe costumava dar. — Você é mesmo muito pequena para andar sozinha pela rua. Vem... Pode passar a noite aqui em casa. Mas é só um dia, está ouvindo? Amanhã eu te levo até uma ONG de adoção.

Ela não sabia o que era uma ONG de adoção, mas quando a desconhecida a tomou nos braços e, finalmente abriu a porta, a bolinha a acompanhou, então estava tudo certo.

— Eu me chamo Laura, nós precisamos dar um nome para você também. Todo mundo precisa de um nome.

Ela sabia muito bem quanto durava “só um dia”. Acabava quando a noite chegava. Mas aparentemente Laura não sabia daquilo, porque várias noites e vários dias já se passaram e ela ainda estava ali. Não que reclamasse.

A casa de Laura era muito cheirosa, cheia de esconderijos interessantes e, principalmente, sempre tinha comida. Não queria que sua estadia ali acabasse e, por isso, deixava Laura acariciá-la na barriga, porque a humana parecia gostar muito de fazer aquilo enquanto assistia coisas que falavam dentro da televisão.

Ela ganhara um nome também. Agora era Amora, porque, segundo a amiga, em toda a sua convivência com gatos, nunca encontrara um que fosse tão amoroso como ela. Amora pensou que Laura não devia brincar de jogar bolinhas macias para eles, porque não tinha como não ronronar e ficar muito feliz quando isso acontecia.

Na casa, nunca faltavam papelões, e Amora frequentemente se enroscava contra eles para dormir, por força do hábito, não por frio. Na verdade, ela quase esquecera que existia frio.

Mas uma coisa da qual não poderia se esquecer era da bolinha que simplesmente sumira assim que entraram para a casa de Laura no primeiro dia, e, desde então, mesmo com suas incansáveis buscas matutinas, Amora não a encontrara, mas nem por isso desistira de procurá-la quando estava sozinha.

Com Laura em casa, as buscas cessavam, porque Amora tinha coisas mais interessantes para fazer, como ouvir atentamente os monólogos da amiga humana, receber carinho, comida e fazer companhia. Simplesmente adorava passar o tempo com Laura e, em seu coraçãozinho, pedia para que ela não descobrisse nunca que o “só um dia” já terminou.

— Está tão gelado hoje... — Laura murmurou, passando uma mão na outra. Amora, por outro lado, não poderia discordar mais, enroscada contra o papelão da vez, colocado ao lado da cama da amiga humana. — Se estivesse sentindo o mesmo frio que eu estou, já teria ido para a sua caminha acolchoada, não é, Amora? O que eu estou dizendo?... Você não consegue largar esse papelão por nada.

Amora miou, em resposta, mesmo sem saber exatamente ao que respondia. Laura se remexeu na cama, encolhendo as pernas, e ela soube

bem como era a sensação. Sentia muito, quando vivia na rua sozinha, e ficou triste que a amiga experimentasse aquilo.

Ainda bem que sabia exatamente o que fazer, a mãe a ensinara, ainda filhotinha.

Saindo de cima do papelão, Amora deu um salto para a cama, acomodando-se confortavelmente deitada aos pés de Laura, que arregalou os olhos castanhos, pega de surpresa.

— Amora... Você acabou de largar o seu papelão para esquentar o meu pé?

Ela não sabia por que Laura parecia tão sentimental com aquilo, mas tinha a palavra esquentar no meio, então deveria ser algo bom.

E, por isso, dormiu aos pés de Laura naquela noite. E em todas as outras que se seguiram.

Amora se enroscou nas pernas de Laura como se acostumara a fazer. Estavam no quintal, e ela ficava muito feliz quando saíam da casa, porque a amiga nunca a deixava ir ali sozinha. Dizia que não poderiam correr o risco de ela sair pela vizinhança arriscando as quatro patinhas.

Amora achava muito engraçado que Laura pensasse que ela ia querer mesmo ir passear no frio da rua, mas não ligava. Apesar de gostar muito do quintal, dentro de casa também era bem gostoso, de modo que nunca tentava escapar para uma aventura na grama verde. Bom, quase nunca.

— Eu fiz uma coisa muita feia, Amora.

Ela duvidava. Laura não era capaz de fazer coisas feias, tinha o coração mais lindo que Amora conhecera.

— Quando um bichinho de estimação vai para o céu, a gente tem que chamar alguém para buscar o corpinho. Eu tive um cãozinho antes de você e, quando ele morreu, não liguei para ninguém. Eu o amava muito e o queria perto de mim, então o enterrei bem aqui, debaixo do pé de roseira.

Amora queria continuar prestando atenção ao que Laura falava, porque parecia importante, mas então, depois de todos aqueles dias, como mágica ou coisa parecida, a bolinha de luz que seguira quando conheceu Laura saiu do pé de roseira e dançou bem à sua frente.

Ela não podia acreditar, durante todo o tempo, estivera ali, escondida?

— Acho que você gostaria dele, por incrível que pareça, sabe? — Laura se abaixou, apanhando Amora pela barriga, que se deixou levar de bom grado, visto que seu brinquedo brilhante pairava mais alto agora — Ele tinha o nome do que você mais ama no mundo: Bolinha.

Amora ronronou nos braços de Laura. Sim. Bolinha. Estava ali, dando voltas ao redor das duas, Laura conseguia vê-la? Mais importante... Conseguia pegá-la?

— Eu acho que ele também ia gostar de você, porque odiava me ver triste, e eu estava sempre muito triste desde que ele morreu... Até você aparecer.

A voz da amiga falhou, o que fez Amora desviar os seus olhos do brinquedo que, parecendo perceber também, parou os movimentos, ficando acima da cabeça de Laura.

— Você não vai embora. É minha. Eu posso ser sua também?

Uma gotinha de líquido transparente acertou em cheio uma orelha de Amora. Laura parecia triste. Ou talvez emocionada. Não sabia dizer direito, mas julgava que embolar as patinhas nos cabelos dela como começara a fazer naquele instante poderia ajudar.

E funcionou, porque Laura riu, acariciando a lateral do bigode de Amora, como sabia que ela gostava.

— Eu vou julgar isso como um sim. Obrigada por ser a melhor gatinha esquentada pés de todo o mundo, Amora. Eu amo você.

Houve um ronronado em resposta, e a bolinha pareceu ficar ainda mais brilhante. Amora entendia. Ela amava Laura também.

Quando estavam indo, minutos mais tarde, para dentro de casa, Amora viu seu brinquedo fujão subir até se perder no azul do céu. Dessa vez, nunca mais voltou. Mas não tinha importância, porque achara a caixa de papelão mais quentinha do mundo: Laura e ela.

E, contanto que estivessem juntas, não fazia mais frio.

Ana Bittencourt

Cãobraço

Todo pai quer o melhor para o filho e se emociona com as conquistas do pequeno, ainda mais se elas lhes ajudam no desenvolvimento do caráter.

Minha menina, Valentina, tem apenas seis anos e já precisou enfrentar uma grande batalha contra o medo. Desde os dois anos ela sofria muito com o medo de cachorros, quando via um, chorava em demasia até perder o ar. Eu não conseguia acalmá-la, e por diversas vezes ela veio a desmaiar.

Com três anos, ainda sem conseguir ajudá-la, eu e minha esposa a levamos para uma psicóloga infantil e passamos a visitar a profissional semanalmente. Após um tempo de tratamento, a psicóloga nos aconselhou a criar um cachorro, para que Valentina enfrentasse o medo, além de ajudar a desenvolver a responsabilidade.

Passei, então, a procurar as melhores raças para crianças. Estava à procura de um cachorro calmo e dócil, achei que Valentina se adaptaria melhor ao perfil e não ficaria com medo. Conversei com minha esposa e depois de um tempo a conversa virou praticamente um monólogo.

— Me diga o motivo de estar olhando isso. Vamos adotar um e pronto — minha esposa proferiu impaciente. — Há tantos cachorros precisando de carinho, amor e um lar.

— Valentina precisa de um animal calmo. Pensa comigo, se ela já tem medo, precisamos saber que cachorro estamos colocando dentro de casa, para não assustá-la. Tem raças mais calmas, outras têm personalidades mais fortes e...

Enquanto eu falava, minha esposa me reprovava com o olhar, ela nem me deixou terminar a frase, cortou logo o assunto.

— Os animais abandonados também são dóceis, Marco. Alguns deles são tão amedrontados por sofrerem nas mãos de gente sem coração, que não conseguem nem se aproximar de humanos; eles demoram para ganhar confiança.

Ela batia o pé no chão de maneira ritmada, fazia isso sempre que ficava brava. Dei-me por vencido naquela noite. Indaguei-me se havia sido egoísta, eu só queria que minha filha superasse o medo sem correr o risco de levar uma mordida e aumentar o trauma.

Na semana seguinte passamos a visitar duas associações de animais abandonados em busca de um para adotar. Olhamos vários cachorros, entre filhotes e adultos, Isabella queria pegar um adulto e eu procurava um filhote, estava sendo sem coração outra vez, insistindo em não dar chance aos animais mais velhos, assim como os pais que não adotam crianças já grandes.

Durante as visitas eu reparei que minha esposa estava certa, todo eles tinham aquele olhar dócil e muitos estavam escondidos ou tremiam de medo em ver um humano estranho. Apesar das visitas, acabamos saindo sem nenhum.

Parece que alguns destinos são traçados de maneira minuciosa. Saí para trabalhar em uma terça-feira e precisei fazer um caminho diferente do habitual. Subi uma pequena rua atrás da minha casa e vi algo se mexer na

guia, a bolinha de pelo me chamou a atenção e logo imaginei se tratar de um gato ou cachorro e encostei o carro.

Aproximei-me devagar e constatei ser um filhote de cachorro. Ele estava enrolado de modo que eu não conseguia distinguir onde estava a cabeça. Respirava profundamente, como se o fizesse com certo pesar. Quando o toquei, ele levantou a cabeça e lentamente me olhou, pude ver os machucados nas patinhas; algumas feridas no pescoço e queimaduras na barriga.

Nós já tínhamos escutado reclamações de alguns vizinhos que disseram ter ouvido gritos dolorosos vindos de uma das casas, deveriam ser do filhotinho que fora queimado com óleo fervente. O filhote me olhou pedindo ajuda, uma conexão surgiu entre nós e eu me sensibilizei. Liguei para minha esposa, que o levou a um veterinário. Após a consulta, nós o deixamos na casa de minha mãe por um tempo, apenas enquanto cuidávamos dos ferimentos e quando ele ficou saudável, o levamos para casa, para Valentina.

Lembro-me do dia como se fosse hoje, Valentina desceu as escadas já ensonada. Eu coloquei o cachorro no chão, ele desceu do meu colo cambaleando, cheirou alguns cantos da sala e foi até ela. Tina subiu alguns degraus correndo, estava assustada, mas mantinha os olhos nele. O filhote parou em frente ao primeiro degrau e balançou o rabo tão rápido que perdia o equilíbrio e caía, às vezes. Tina riu.

Eu chamava o filhote de Fubequinha, pois os olhos dele lembravam duas bolas de gude. Ele tentou latir, produzindo um som engraçado. Tentou subir as escadas, rolou e caiu de costas do chão, quase dando uma cambalhota. Tina começou a descer os degraus aos poucos, ria das gracinhas dele e olhou para nós.

— Au-au. *Modi, papai?* — ela repetia a pergunta sem parar, pois eu só conseguia sorrir e não a respondi.

Eu a chamei e a peguei no colo, Tina suava, apesar de querer chegar perto. Seus olhos exprimiam certa curiosidade e apreensão. Eu mostrei que ele não fazia nada, coloquei a mão em sua boca e fiz carinho. Demorou um pouco para que ela tomasse coragem de encostar-se nele, mas depois de três dias, quando ela finalmente entendeu que ele moraria conosco, começou a interagir aos poucos.

Foi uma alegria vê-la chegar à cozinha com ele no colo. O nome, Tito, foi ela quem escolheu, a avó a chama de Tita e ela queria que ele tivesse o mesmo nome.

Valentina cresceu, desenvolveu mais a empatia, deixou de ser tão reservada e passou a se preocupar mais com os animais e com os amiguinhos da escola. A professora comentou na reunião o quanto ela tinha desenvolvido a inteligência emocional e intrapessoal.

Tina não dormia sem antes ver se Tito precisava de água ou comida e o enrolava no cobertor para que não sentisse frio.

Minhas lembranças foram interrompidas por um choro. Valentina já estava debruçada em lágrimas ao meu lado. Vê-la naquele estado me cortava o coração.

O veterinário chegara, com a maca, alguns aparelhos e remédios. Minha filha assistia Tito ser colocado na maca, o cachorro tremia e se debatia, querendo sair correndo dali, o que fazia Tina ficar mais nervosa.

Um calmante foi aplicado antes da anestesia. Quando ele se acalmou, Tina, ainda chorando, se aproximou dele, fez carinho na mancha

branca do focinho, ela adorava aquela marca, e cantou sua canção favorita, a que ela cantava para ele antes de colocá-lo para dormir.

— Tito, vai ficar tudo bem — ela afirmava enquanto o acariciava. — Os médicos vão te ajudar e você vai voltar para brincar de pega-pega comigo. Eu sei que está assustado, você também sente medo, não sente? — Tito mexeu a cabeça, querendo lambe a mão que o acariciava, ele parecia responder as perguntas de Tina. — Eu sei, eu também tenho medo. Tudo bem, é normal. Mas sabe o que ajuda a melhorar? Todas as vezes que estava triste você me animou, lambia o meu rosto e encostava o focinho na minha mão. Quando eu voltei da escola chorando com o machucado na perna, você cuidou de mim, ficou no meu quarto, me protegeu, lambeu meu arranhado... Quando eu fiquei com medo do monstro no armário, você também me protegeu, dormiu comigo e não deixou ninguém chegar perto, eu sabia que você ia latir se alguém se aproximasse. Quando papai brigou comigo porque mexi nas coisas dele, mesmo quando ele tinha falado para não mexer, e eu chorei, você me fez rir.

Ela beijou a cabeça dele, Tito já estava quase dormindo. Tina enxugou as lágrimas e perguntou, ainda chorosa.

— Sabe o que melhora? *Cãobraço*. — Ela encostou a cabeça dela na dele e o beijou mais uma vez antes de ele partir para o centro cirúrgico.

Ela expressou um sorriso triste. Eu também sorri com pesar, Tina costumava abraçar Tito sem usar as mãos, ela dizia que ele a abraçava, pois ele sempre encostava a cabeça no ombro dela, e ela apelidou o gesto de *cãobraço*.

Abracei a minha filha dizendo que ia ficar tudo bem, e ela, com toda a sua sabedoria de quase sete anos de idade, me respondeu que ia, sim, que Tito tinha muitos *cãabraços* para lhe dar, que ele ia ensinar a mãe dela a ter

mais paciência, porque ela não tinha nem um pouco; disse que ele é um anjo e que anjos não morrem.

Um único ato de parar para ajudar uma alma que precisava de atenção mudou minha vida por completo, minha filha se transformou, e o mérito é todo do Tito. Nunca parei para pensar em como nós aprendemos mais com os animais do que eles conosco. Confesso que eu não fiquei feliz ao ouvir que precisaríamos adotar um cachorro, mas hoje eu não imagino a minha vida sem ele.

C. David

Dressage⁽¹⁾

Pode um cavalo sonhar?

Foi o que sempre me perguntei, talvez desde o que dia em que nasci, numa noite iluminada pelas luzes da hípica, ao lado da pequena chácara onde abri os olhos pela primeira vez. Alguns dizem que sua primeira visão do mundo é o céu claro da alvorada, outros, que é a visão da própria mãe. E alguns, menos dramáticos, caso do meu irmão, alegam ter dado de cara com o feno e não ter lembrança alguma. Mas eu, ah, eu vi as luzes! Não a luz da alvorada, tampouco a do luar, eu vi as luzes da hípica e isso selou meu destino.

Muito antes de ter noção do que é o mundo, meus olhos se encheram por aquele brilho e pelas criaturas lá dentro. Não há palavras que possam descrever. Eu era como uma criança humana que vê um carrossel pela primeira vez; cavalos magníficos correndo elegantemente, banhados por luz e encanto, enfeitados como se pertencessem a um mundo de sonhos. Mas a realidade é menos poética.

Os humanos me chamaram de Espiga, o potro magrelo e de pernas longas. Diziam que eu era muito grande para minha mãe, uma égua pequenina, com uma descrença crescente pelos humanos. Eu não sabia nada do mundo. Minha primeira visão tinha sido a de um paraíso encantado... Mas eu tinha nascido do lado errado dele.

Como eu viria a aprender no decorrer dos dias, havia uma cerca que delimitava muito bem o lado do sonho e a chácara simples em que eu havia nascido. Os cavalos elegantes ficavam lá, eu ficava para cá. Com meu humano e meus parentes não tão elegantes. Mas meus olhos cobiçosos pareciam sempre estar voltados para o lado de lá da cerca.

— Eu vou te dizer uma coisa — dizia para minha mãe o cavalo alazão chamado Pajé —, esse seu filho é estranho. É bem estranho. — Então ele balançava a cabeça, fungava e voltava a pastar.

Havia uma sigla para nós: SRD, os Sem-Raça-Definida, também conhecidos como Pangarés. Os cavalos que vivem onde dá, com a sorte que tiverem. Nunca me pareceu uma descrição muito gentil, tampouco combinava com o sonho que começava a crescer em mim. Afinal, tirando a sigla, qual era realmente a diferença dos cavalos de lá, para mim?

— Tirando a criação, a comida, o tratamento que recebem e o sangue azul? — minha mãe respondeu irritada uma vez, enquanto eu a atormentava com meus devaneios. — Eles são completamente diferentes de você. Aprenda a ficar no seu canto.

Mas ficar no meu canto era tão... Sem sentido!

Completei seis meses, um ano, então dois anos. Minha vida no cercadinho com a grama rala era sempre a mesma. Até o dia em que eu o vi pela primeira vez: na hípica, o cavalo que entrava na pista com sua humana era forte, imponente, com o pelo todo negro, exceto pelas patas dianteiras, calçadas de branco como se usasse luvas. Majestoso, ele virou a cabeça na minha direção com a crina lisa e limpa ondulando ao vento. Havia uma pequena estrela branca entre as narinas dele. A humana sobre ele sorriu para mim antes de ambos darem a volta e começarem a dançar. Sim, eles *dançavam!*

Era a coisa mais linda que já tinha visto. As patas dele se erguiam quase até o focinho e desciam para o chão com suavidade e delicadeza, como se flutuassem. Meu peito apertou-se. Eu queria fazer aquilo! Se me fosse dada uma escolha, eu queria aquilo, *dançar!*

— Mas qual é o seu problema? — Pajé resmungou quando verbalizei o que tinha visto. — Cavalos não gostam de humanos, cavalos não têm que gostar de trabalhar com humanos. Nascemos para viver livres, num tempo remoto éramos os donos de grandes pastagens e grandes haréns...

— Xi, vai começar — bufou meu irmão —, histórias da carochinha!

— Mas, Pajé, e se eu quiser dançar? — arrisquei perguntar com uma voz sumida.

— Cavalos não dançam, Espiga!

Eles me olhavam um pouco horrorizados com a ideia. Eu gostava de pensar que podia aprender com os humanos e proporcionar algo tão belo quanto aquele espetáculo. Olhei para baixo, para minhas patas sujas de lama da chuva anterior.

— Aquele cavalo se parecia um pouco comigo — murmurei. Eu tinha olhado várias vezes o reflexo na água do cocho. Agora já não tinha tanta certeza se éramos parecidos. Ainda assim, passei a assisti-lo sonhadoramente todas as manhãs, até o dia em que não pude fazer isso, pois o humano veio me buscar.

Todos os dias o homem que cuidava de nós vinha com a corda e levava minha mãe ou meu irmão, às vezes, Pajé. Eu nunca tinha sido escolhido, sequer sabia o que acontecia, mas aparentemente estava na hora de descobrir. Por um minuto tive uma onda de esperança de que fossem me ensinar a dançar, afinal, o que mais era preciso além de todo o apetrecho, um humano e um cavalo?

O equipamento parecia diferente do que eu observava, o de lá não parecia ser tão cheio de tiras... E, ei, olá, barra de ferro entre os dentes! Confesso que sempre fiquei curioso para saber como era provar o bridão (o temível freio bridão que todos os cavalos odeiam). Realmente não é legal, mas eu tinha imaginado que pudesse ser pior. As coisas, então, pareceram estar indo rápido demais, alguém não deveria estar me *ensinando* a fazer alguma coisa aqui? Respirei fundo. Repassei todos os movimentos que ele fazia, as passadas amplas que dava. Não podia ser tão difícil, e, se meu humano não ia me ensinar adequadamente, eu mostraria a ele que era autodidata e ótimo observador.

Porém, não tinha nada tampando os olhos de nenhum dos cavalos na hípica e meu humano acrescentara mais tiras em mim, passando por trás das minhas orelhas e ajustando as tapas ao lado dos meus olhos.

Então eu entendi e foi como um banho gelado de realidade. Não havia dança alguma. Nunca teria. Assim como a sina de toda a minha família, havia uma carroça me esperando e não havia como usá-la com graça, com o charme do cavalo negro. Não havia nem sequer como assisti-lo mais uma vez, já que meu novo trabalho era puxar a carroça do amanhecer ao entardecer. Pajé ficara velho demais para seguir em frente com a carroça e precisava ser substituído. Era para *isso* que eu havia nascido, não para dançar. Meu espírito sonhador ficou cansado em pouco tempo, era um trabalho extenuante, de sol a sol. Não vi mais o cavalo negro.

Um dia me vi parado no acostamento de uma estrada, a carroça atrelada a mim. Parecia ser apenas mais um dia interminável quando a reluzente caminhonete estacionou ao meu lado, com seu trailer. Eu movi apenas uma orelha com curiosidade, o calor me impedia de demonstrar mais animação, suor corria pelo meu pelo e gotejava no asfalto quente.

— Moço! Esse cavalo é seu? — gritou a mulher dentro do carro e meu dono respondeu, se aproximando. Ela desceu e deu a volta, parando ao meu lado até eu erguer a cabeça e encará-la.

Meu coração parou.

Eu me lembrava dela. Era a humana que montava o cavalo negro, a mesma que sorriu para mim daquela vez. Não ousei me mexer. Ela montava o cavalo mais lindo do mundo, o que pensaria de mim? Senti seus dedos tocarem meu pelo molhado de suor e evitei um tremor de expectativa e medo de ter minhas pequenas esperanças estraçalhadas.

— Você é vizinho da hípica, não é? — ela falava com meu dono. — Eu treino lá, já faz um tempo que eu queria falar sobre seu potro. Podemos conversar?

— O que a senhora pode querer com ele?

Ela sorriu, me inspecionou e, quando pareceu satisfeita, endireitou-se:

— Eu fico com ele.

O queixo de meu humano pareceu cair. Não ousei me mexer, como se tudo fosse um sonho e eu pudesse acordar, se o fizesse. Não me leve a mal, eu até gostava do humano, mas ela... *Ela* era o sonho tornado realidade! Vi-me da carroça para o trailer e de lá para as portas da hípica. Contemplei tudo pelo lado de dentro, agora, as cercas pintadas, os piquetes separados e organizados, as baias arejadas com paredes pintadas, os cavalos com equipamentos que reluziam. Eu devia odiar isso aqui, mas acredito que, assim como alguns humanos têm sonhos esquisitos, eu era um cavalo com um sonho esquisito também.

— Agora o que é que você inventou, Kate? — A humana parou, interceptada por um homem que me olhou de cima a baixo e estreitou os olhos. — Esse é o potro que puxa a carroça do vizinho?

Kate abriu um largo sorriso.

— Sim! Me disseram que se chama Espiga, mas irei chamá-lo de Tito II, não é o substituto perfeito? Ninguém vai perceber, eu venho observando esse camaradinho pela cerca e ele me parece muito bom. Em um mês estará adestrado com perfeição. — Ela seguiu andando para dentro do estábulo e o homem a seguiu, estupefato.

— Não pode ensinar um potro a dançar em um mês, Kate! — rugiu o homem lá atrás.

Dançar? Pode, sim! Eu aprendo muito rápido, é tudo o que quero! Olhei para Kate e a empurrei com o focinho para frisar que sim, eu queria e podia, *sim*, dançar em até três dias, se ela me ensinasse. Kate riu, abrindo uma baia espaçosa e me deixando com comida e água fresca.

— Relaxa. — Kate fechou a porta da baia. — Tito se machucou e não poderá ser montado pelos próximos seis meses. E Tito é uma estrela! As pessoas o querem nos shows.

— Acontece que Tito é um filho de Totilas e vale uma fortuna! — O homem levou as mãos ao cabelo. — Você não pode achar que vai passar despercebida com um substituo, acha?

Quem era Tito, afinal? Kate deu de ombros.

— Olha para eles, são idênticos; pelo negro, patas dianteiras calçadas, estrela no focinho. Um pouco de trato e treino e vai ser perfeito. Depois, se o novato aqui for bom, podemos apresentá-lo junto com Tito. Ele leva jeito.

— Um potro sem raça? — ele gemeu.

Kate o ignorou, se debruçou e sussurrou para mim:

— Não conte para ninguém o que você não é e ninguém irá saber. O show é para os cavalos que têm dom, não para os que têm raça. — O dedo dela acompanhou o formato da estrela branca no meu focinho. — É nisso que acredito.

Observei Kate ir para outra baia, onde estava o cavalo com a pata enfaixada. *Tito*. Aquele que eu observara todas as manhãs e que agora *eu* seria pelos próximos seis meses.

E quando não mais fosse ele... eu ainda seria o mesmo.

O cavalo negro que dança.

O que acontecerá depois?

Será história.

Malu Ghiraldeli

Inesquecível

“Quantas pessoas fazem você se sentir raro, puro e especial? Quantas pessoas fazem você se sentir extraordinário?”
Marley e Eu – John Grogan

Rafaela

Exausta! Era assim que eu me sentia. Trabalhar em uma loja de brinquedos aguentando um monte de crianças e, ainda por cima, cuidar da minha filha, acabava comigo.

Apressada para entrar logo em casa, abri a porta rápido. Ainda teria que buscar Alice na casa de minha mãe.

Joguei minha bolsa no sofá e fiquei surpresa com o que eu vi.

— Mãe? O que faz aqui?

Minha mãe estava na cozinha, com a mamadeira de Alice nas mãos.

— Lize estava triste. E você sabe, quando ela está assim tudo o que ela quer é a casa dela. — Fico preocupada na hora.

— Por que ela estava triste?

— Não sei. Ela saiu para brincar e voltou assim. — Minha mãe encolheu os ombros.

— Se quiser pode ir para a casa descansar, eu cuido dela agora.

— Vou sim, filha. Mas me liga. Meu coração se aperta ao deixar ela assim.

— Ligo sim, mãe. Te amo.

Minha mãe me beija e logo se vai.

Abri a porta do nosso quarto devagar, lá estava ela. Encolhida na cama e agarrada à sua boneca de pano.

— Minha princesa, a vovó disse que você não está bem.

— Tô triste, mamãe.

— Por quê?

— Porque eu quero um cachorrinho.

— Um cachorrinho?

— Sim.

— Princesa, a gente não pode ter um cachorro, o nosso apartamento é pequeno. Você vai para a escolinha e depois para a casa da vovó, a mamãe trabalha também. Quem vai cuidar dele quando não estivermos em casa?

— É...

— Vamos dormir? Amanhã você tem escolinha.

— Sim.

Beijei a testa dela e puxei a coberta sobre nós.

— Boa noite, mamãe.

— Boa noite, minha vida.

Uma nova encomenda chegou à loja. Réplicas de animais em pelúcias.

Comprei um Husky Siberiano, Alice vai amar.

Assim que a última cliente saiu, preparei-me para o fim do meu expediente. Hoje não estava com pressa, minha mãe havia dito que ficaria com Alice em casa.

Alice, na maioria das vezes, parecia-se comigo. Se seu mundo estiver desabando, sua casa é seu porto seguro. Ela tinha pouca coisa do pai, que era do exército e, em uma missão, havia falecido.

— Cheguei! — anunciei, porém ninguém respondeu. — Oi? Alice? Mamãe?

Caminhei até a porta dos fundos, que dava para o quintal.

Ao abrir a porta, uma bola peluda passou sobre os meus pés.

— Ahhh! — um grito me escapou.

— Mamãe? — Alice apareceu com a respiração ofegante, suas bochechas gordas estavam coradas. — O que foi? — Ela inclinou a cabeça para o lado, como se não soubesse o que havia acontecido.

— Alice, me diz que o que acabou de entrar em casa não é um cachorro.

— Tudo bem! O que acabou de entrar em casa não é um cachorro.

— Alice!

— Calma, filha. — Minha mãe se colocou ao nosso lado.

— Eu falei para ela que não tínhamos como cuidar de um cachorro. Meu Deus! Ela é tão teimosa!

— Igual a você! — mamãe pontuou. — Floquinho vai ficar lá em casa.

— Quem? — perguntei, confusa.

— Floquinho, o cachorro.

— Céus! Já deram até nome para ele?

Alice e minha mãe estavam lado a lado. Alice tinha as mãos na boca e os olhos brilhantes arregalados. Minha mãe prendia o riso.

— Okay! — Joguei as mãos para o alto. — Vocês venceram. — Alice soltou uma leve risada. — Mas ele terá que ficar na casa da vovó.

— Tudo bem, mamãe. A vovó vai cuidar bem do Floquinho e eu vou poder ver ele todos os dias. — Ela sorriu.

— Já está na hora de dormir, dê boa noite para a sua avó.

— Boa noite, vovó. Obrigada por me ajudar com o Floquinho.

— Boa noite, princesa.

Após receber um beijo da avó, Alice correu para o quarto.

— Não pegue pesado com ela, Rafaela. Alice é carinhosa e, ao ver o cãozinho, só pensou em dar seu carinho.

— Eu sei, mamãe.

— Boa noite, filha. — Ela me abraçou e, em seguida, caminhou até a porta.

— Mamãe.

— Hum?

— Não esqueça a bola de pelo.

Ela sorriu.

— Pode deixar.

Apaguei as luzes quando minha mãe foi embora.

Em nosso quarto, Alice estava sentada na cama, segurando a pelúcia que eu havia dado.

— Gostou? — perguntei, parada no parapeito da porta.

— Sim. É tão lindo! Parece aqueles lobos dos filmes, é meu?

Sorrindo, caminhou até ela.

— Sim, é um Husky Siberiano. Eu quis ter ele quando era criança.

— E você teve? — Seus olhinhos estavam atentos a mim.

— Tive. — Acariciei seus cabelos. — Sabe, filha, quando a mamãe brigou, não foi porque não gostou do cachorro. Ao contrário! Ele é o nosso

melhor amigo. Ele não liga para a cor, para a sua religião, nem mesmo para sua classe social. O amor de cachorro é puro e ele carrega até seu último dia de vida.

— Eu sei, mamãe. Como é o nome do seu cachorrinho? Ele já morreu?

— Ele se chamava Mélio. Ele morreu quando eu era criança.

— Que triste isso, não é, mamãe?

— É sim, filha. Olha, que tal você ir tomar banho para irmos dormir?

— Pode deixar.

Era inverno. Eu amava o inverno! Principalmente quando chovia e formava poças de lama.

— Não, Mélio. Não pode! Mamãe vai brigar comigo.

Mélio era o meu melhor amigo. Eu não gostava de brigar com ele. Mas, às vezes, a gente tem que corrigir e educar quem a gente ama. Mamãe vive dizendo isso para mim.

— Vamos para a casa, amiguinho? Mamãe disse que vai fazer biscoitos. Se você for um bom menino, eu te dou alguns escondidos.

Começamos o nosso caminho. Na roça, as coisas eram calmas. Eu gostava de morar lá, tinha bastante árvores para subir.

Conforme andávamos, a chuva piorava. Eu estava com uma capa vermelha, mas o Mélio, tadinho! Estava todo molhado.

Mais à frente, a água de um rio havia aumentado.

Sem escolhas, sentei-me embaixo de uma árvore com Mélio ao meu lado.

— Rafaela! — Ouvi o grito de papai.

— É o papai, Mélio. Já, já vamos para casa. Aqui, papai! — gritei de volta.

Papai entrou no rio para atravessá-lo, mas ele andava muito devagar. Como se seu pé estivesse colado. Após levar um escorregão, a água começou a levar meu papai para longe de mim.

— Papai! — gritei assustada.

Mélio, vendo aquilo, correu em sua direção e, antes que eu pudesse segurá-lo, pulou no rio. Agarrando a barra da camisa do papai, prendeu-a em um tronco que estava caído próximo dali.

Então, como se tivesse trocado de lugar com papai, Mélio agora era carregado pelas águas.

Enquanto as águas o levavam, seu olhar permanecia no meu, era como se ele me agradecesse por ter cuidado dele.

O que Mélio não sabia é que era eu quem devia agradecer. Naquela noite, Mélio salvou meu pai e ao mesmo tempo me salvou.

— Bom dia, mamãe! — Alice tinha suas pequenas e gordas mãos em meu rosto.

— Bom dia, minha vida! — Beije suas mãos.

— O que vamos fazer hoje, mamãe?

Era sábado e, milagrosamente, havia conseguido folga.

— Não sei. Você tem algo em mente?

Ela tinha! Alice sempre tinha algum plano para nós.

— Nós podíamos ir ao parque. O Floquinho me disse que nunca foi lá.

— O Floquinho te disse?

— Sim. Em língua de cachorro.

— Está certo. Vamos tomar banho, tomar café e arrumar a casa. Depois nós vamos ao parque.

— Não gosto de arrumar a casa.

— Mas bagunçar a senhorita gosta, não é?

Ela soltou uma risadinha.

— Olha como ele está feliz, mamãe! — Ela apontou para Floquinho que andava ao nosso lado, abanando o rabo.

— Sim.

Eu era obrigada a concordar, o shih-tzu era uma graça.

Em nossa frente estava acontecendo um adestramento de cães ao ar livre. Enquanto me distraía com a cena, não vi quando Alice saiu do meu lado e, quando eu percebi, ela estava quase atravessando a rua. Meu coração saltou. Os carros faziam muito movimento naquela rua.

— Alice! — gritei, enquanto corria atrás dela.

Um carro com a lataria amassada aproximava-se em uma alta velocidade e totalmente desgovernado.

Gelei!

Fechei os olhos, temendo o pior.

— Tadinho! — alguém murmurou.

— Alguém chama um veterinário? — *Veterinário?*

Caminhei até a multidão que estava em uma roda, em seu meio estava Alice com os joelhos ralados e o rosto molhado. Alice observava Floquinho, seu pelo, antes branco, estava agora com uma mancha vermelha, sua respiração era bem lenta.

— Floquinho... — Seu sussurro dolorido fez meu coração apertar.

— Meu Floquinho... — Ela agarrou o cachorro.

— Vem, filha. — Tentei tirá-la de cima dele.

— Não, mamãe. Floquinho está dodói. Eu tenho que ficar com ele, até ele sarar. Será que se eu der beijinho funciona com ele?

Olhei para o cachorro, que já não respirava mais.

— Meu amor, o Floquinho já foi embora.

— Não, mamãe. Ele está aqui!

— Filha, lembra que a mamãe disse que o papai do Céu manda seus anjinhos, mas que ele sente falta deles e acaba chamando eles de volta?

— Sim.

— Então, o Floquinho é tão especial que nem o papai do Céu quis ficar longe dele.

— Igual o meu papai?

— Igual o seu papai.

Ela levantou a cabeça, que estava na barriga do cão.

— Eu vou sentir falta dele, mamãe...

— Eu sei, querida.

Alice

Quando eu nasci, meu papai já não estava mais aqui. Minha mamãe disse que ele foi muito corajoso e morreu defendendo o país. Eu não sei o que é isso, mas deve ser algo muito importante.

Cresci sozinha e, então, quando conheci o Floquinho, foi amizade à primeira vista. Vovó disse que ele estava para adoção e que se eu quisesse podia levá-lo. Mamãe ficou um pouco brava, mas eu nem liguei, o Floquinho também não. É uma pena termos passado tão pouco tempo juntos.

Mamãe me disse que os cachorros são especiais demais. E, que quando o dono dele fica em perigo, seu instinto é de proteger. E foi isso que ele fez!

Ele foi um herói, igual ao meu papai.

Sorriso enquanto olho as estrelinhas.

— Sabe, Mélio — comecei a conversar com o meu mais novo amigo. — O meu papai está lá no céu, ele salvou o país. O Floquinho também está lá, ele foi o meu primeiro amigo. Eu o amei muito enquanto ele estava aqui, mas o papai do céu sentiu saudades e chamou ele de volta. Você sabia que os animais também vão para o céu? Vovó que disse. E, sabe de uma coisa? O céu deve ser o melhor lugar do mundo! Imagina quantos bichinhos tem lá?!

— Já está na hora de dormir, filha — mamãe chamou.

— Estou indo. — Mélio e eu entramos.

Mamãe já não reclamava de ter animais em casa. Ela disse que um anjo de quatro patas salvou sua vida duas vezes.

Enquanto me deitava em minha cama, pedia para o papai do Céu não se esquecer de dar biscoito para o Floquinho.

Ele gostava muito de biscoitos...

Duda Santos

Marco Polo

Quando Nara abriu os olhos, a primeira coisa que enxergou foi o teto branco do quarto. A janela estava aberta, e por ela o sol entrava de maneira branda e produzia uma linha amarela que preenchia metade do cômodo, clareando o lugar com o calor de uma nova manhã. Sua cama de casal, forrada por lençóis e travesseiros coloridos, gemeu quando ela espreguiçou-se e olhou de lado, encontrando o corpinho frágil de uma criança parcialmente coberta por um dos lençóis. Tinha a cabeça completamente escondida sob o travesseiro, enquanto o corpo franzino se encolhia em uma mistura de preguiça e procura por uma melhor posição para dormir.

— Bom dia, pequeno — disse a mulher, acariciando o ombro direito da criança com suavidade. — Está na hora de acordar.

— Não, mamãe — respondeu uma voz de menino, rouca, ainda parcialmente adormecida. — Ainda está muito cedo.

— Yan, Precisa se arrumar para ir para a escola, ou vai se atrasar!

Em um resmungo, o travesseiro foi removido e o menino virou-se para encarar a mãe, os olhos pouco abertos e tentando se acostumar com a luz. O rosto dele era alvo como o teto do quarto, os lábios pareciam ressecados, as olheiras escuras circundavam indiscretamente os olhinhos a despertar. Na cabeça, sequer um fio de cabelo.

Levantou-se sem vontade, assistido pela mãe que esperava de pé ao lado da cama, pronta para guiá-lo. Já de pé, o pijama que parecia ter o dobro de seu tamanho recaindo sobre o corpo, estendeu a mão direita e a mulher segurou-a, sorrindo. Cruzaram o quarto, deixando para trás uma pilha de papéis picotados com os quais o menino brincava antes de dormir, e logo adentraram a pequena suíte que fazia parte do dormitório.

— Bem quentinha, mamãe! — exigiu o menino ao ver a mãe preparando a água da banheira.

— Mas hoje não está frio. Viu o sol como está lá fora?

— Não tem problema. Gosto de ficar na água quentinha.

— Está bem. Só não reclame quando sair e estiver morrendo de calor.

Pouco a pouco a banheira foi preenchida, e quando o vapor quente já embaçava o espelho do toailete, Nara tirou as roupas do filho e o ajudou a entrar. Ele sentou-se e teve o corpo coberto de água até os ombros, e com um sorriso de dentes miúdos fez a mãe entender que a temperatura do banho estava exatamente como gostava.

— Posso te deixar aqui um pouco enquanto preparo o nosso café? — perguntou ela, enxugando as mãos na toalha felpuda que aguardava para ser usada.

— Pode sim, mamãe. Eu sei me cuidar sozinho!

— Bom garoto.

Levantando-se, Nara se afastou da banheira e seguiu até a porta, dando uma rápida olhada para trás antes de sair. Avistou Yan movimentando uma das mãos na intenção de criar pequenas ondas, com as quais procurava fazer navegar pela banheira branca um patinho de borracha de tom amarelo vívido, tão vívido que gritantemente contrastava com a pele pálida da criança.

Na cozinha o sol também cintilava pela janela, produzindo um ambiente radiante pelo qual Nara deslizava de um canto a outro, fosse apanhando utensílios ou colocando o pó de café na cafeteira vermelha recém-comprada. Realizava as tarefas matinais enquanto se mantinha focada em ouvir a água da banheira em movimento, sinal este de que tudo

estava bem, e assim deixou-se levar pelo ritmo de um início de dia completamente normal. Os dias de Nara, entretanto, nada tinham de normal: eram manhãs cinzentas — mesmo com o sol que entrava pela janela — de uma mãe solteira que criava sozinha um garoto acometido por um terrível e dilacerador câncer em estado irreversível.

— Marco? — perguntou ela, assim que notou diminuição nos sons vindos do toalete.

— Polo! — Yan respondeu poucos segundos depois, a vizinha fraca esforçando-se para alcançar a cozinha.

Era uma espécie de código que surgira entre mãe e filho de maneira involuntária: para ela, uma necessidade de saber se o menino continuava vivo; para ele, o único meio disponível de mostrar que não pretendia ir a lugar algum.

O som do noticiário atraiu a atenção de Nara, mas ela logo lembrou-se de que não havia ligado a televisão. Confusa, ouviu ainda os roncoss da cafeteira, assim como o dos ovos fritando sobre o fogo. Vindos do lado de fora, latidos do cachorro do vizinho sobressaíam-se a todos os outros barulhos, e enquanto tentava se concentrar, ela percebeu que não conseguia mais escutar a água se mexendo.

— Marco?

A pergunta novamente deslizou pelo cômodo, mas dessa vez nenhuma palavra veio em resposta. O coração de Nara logo tornou-se aflito e acelerado, e ela, deixando o café da manhã e os latidos para trás, moveu-se como um vulto na direção do toalete. Abriu a porta com uma das mãos, entrou e, de olhos atônitos, avistou apenas uma banheira cheia de água, o patinho amarelo navegando sem direção.

Com os nervos em disparate, retornou para o quarto à procura do filho, mas ele também não estava na cama. Retornou para a cozinha, procurou pela sala, mas Yan não se encontrava em lugar algum. “Marco?”, repetiu, recebendo em troca apenas silêncio. Foi só então que ela, atingida por uma lembrança, decidiu procurar em um último lugar da pequena casa. Contornou os outros cômodos e logo encontrou uma porta branca abaixo da escada, a que guardava um pequeno armário que servia como depósito de livros. Estava entreaberta, e com os dedos trêmulos ela fez com que se abrisse por completo. Suspirou.

Dentro do armário havia uma espécie de cabana feita de livros, onde duas pilhas serviam como coluna para sustentar um lençol. O tecido era

grosso e de fios muito bem entrelaçados, e Nara pouco conseguia ver através dele. Não ouvia nenhum movimento vindo de dentro da cabana, mas ainda assim sentiu a garganta tremulando no mesmo chamado de antes:

— Marco?

“Polo!”, respondeu Yan ao mesmo tempo em que o despertador disparou, às oito da manhã, e retirou Nara daquele que vinha sendo seu sonho mais recorrente nos últimos dois meses de sua vida.

A primeira coisa que ela viu ao acordar foi o teto branco do quarto, mas não havia qualquer sinal da luz quente do sol como em seu sonho. Pela janela entreaberta entrava apenas um sopro de vento frio, junto de uma luz fraca que escorria do céu cinzento daquela manhã. Ao lado dela, apenas lençóis e um travesseiro. Yan não estava lá.

Yan havia morrido oito semanas antes. Seu último suspiro — e também seu último sorriso — havia acontecido em uma cama que não era aquela. Naquela casa, o patinho de borracha não mais navegava na banheira. Debaixo da escada, a cabana de livros permanecia vazia, completamente silenciosa. Yan havia partido sem ter tempo de se despedir, durante o sono, em alguma hora escura de uma chuvosa madrugada. Havia deixado para trás seus meros oito anos de idade, assim como uma mãe devastada e que agora era prisioneira do luto e da solidão.

O despertador ainda fazia o celular de Nara vibrar sobre a superfície do criado-mudo, e para evitar uma maior irritação, ela apanhou-o e olhou o visor. “Sessão às nove horas”, era o que aparecia na tela em letras vermelhas. Silenciando o celular, ela deixou a cama com rapidez ao notar que teria menos de uma hora para arrumar-se. Avançou para o banheiro, lavou-se rapidamente no chuveiro de água morna e, sem se preocupar com o café da manhã, saiu e deixou a casa onde agora vivia completamente sozinha.

Na sala da terapeuta, Nara esperava sentada na poltrona. Tinha as pernas cruzadas, o olhar focado em uma das prateleiras de livros, sentindo o cheiro de limpeza que o lugar exalava. Pouco depois, de um dos cantos da sala, surgiu uma mulher alta, de pele negra e cabelos habilmente trançados. Ela trazia duas canecas de chá, e depois de entregar uma delas a Nara, sentou-se diante dela na outra poltrona. Tinha um olhar penetrante, mas ainda assim tranquilizador.

— Bom dia, Nara — ela começou, com um sotaque forte de alguém que não vivera sempre no Brasil. — Como estamos hoje?

— Bom dia, doutora Amira — a paciente respondeu depois de um gole de chá.

— Apenas Amira, lembra-se? Nada de títulos por aqui.

— Acabei esquecendo. Perdoe-me. Ando com a cabeça cheia.

— Não procurou fazer o que combinamos na nossa última conversa?

— Claro, procurei, sim. Busquei várias coisas para me ocupar durante as horas vagas, voltei a fazer as aulas de cerâmica, mas não tem adiantado muito.

— As tarefas irão pouco a pouco ocupando sua mente. Ter decidido voltar a fazê-las já é um passo enorme. Você continua sem conseguir dormir?

— Tenho dormido com mais facilidade, mas os sonhos continuam acontecendo.

— Todas as noites?

— Todas as noites, com pouquíssima variação.

— Você acorda ao lado do seu filho, deixa ele na banheira, vai fazer café e, quando volta, ele não está mais lá.

— Isso mesmo. Sempre está no armário, debaixo da escada. E é assim que o sonho sempre acaba, mesmo quando eu continuo dormindo. Não vem nada depois.

— Sua mente ainda não está pronta para se esquecer desse hábito que você tinha todas as manhãs, é o que parece. É como um lembrete daquela tarefa que vocês realizavam todos os dias ao acordar.

— Apenas não consigo entender o motivo de ele fugir para se esconder na cabana de livros. Ele só costumava fazer isso quando se sentia sozinho, quando eu ainda estava trabalhando e o deixava com a babá. Sempre chegava em casa e o encontrava lá, somente me esperando. Nunca cheguei a saber se ele tinha o mesmo comportamento no orfanato, antes de eu adotá-lo, mas acho que agora já é tarde demais para saber.

— A cabana era como um refúgio para a solidão, não é mesmo? Sabemos que ele veio de um lar comunitário e que talvez ainda tivesse algum medo, algum trauma. Agora, porém, o que consigo ver é que esse refúgio, que antes era dele, agora parece ser seu. Os seus sonhos apenas o convertem em imagens que você já conhece.

— Eu não... eu não sei.

— Você acha que ainda não está pronta para desmontar essa cabana? Talvez assim o sonho mude. Talvez o Yan não precise mais se esconder lá se sua mente souber que o lugar não existe.

Nara levou uma das mãos à testa, sustentou a cabeça e suspirou penosamente, incerta do que responder. Buscava dentro de si forças para continuar firme, para não deixar cair suas estruturas que a mantinham sem chorar em público, sem gritar de raiva, sem passar horas mergulhada em profunda e negra depressão.

— Eu não sei se estou pronta pra nada. Tudo agora parece vazio e sem sentido. A casa está oca sem os brinquedos dele, sem os papéis picotados pelo chão, sem ele estar com a cabeça escondida por baixo do travesseiro para se proteger da luz. Eu não sou completa sem ele lá. Não sou nada sem ele estar comigo.

— Ele talvez não esteja com você, Nara, mas ele está *em* você. Ele vive dentro do seu coração, das suas memórias, e as vivências que tiveram devem ser mais fortes do que a dor que você sente agora. Ele esteve com você por quase seis anos, durante os quais você aprendeu e ensinou, amou e foi amada, sorriu e chorou. Você o tirou de uma vida sem amor, deu a ele um lar, deu tudo o que qualquer criança precisa. Esse foi o legado do Yan. Breve, mas muito intenso.

Incapaz de conter as lágrimas, Nara desabou em choro e recostou-se às costas da poltrona. A psicóloga, ciente de que as lágrimas naquele momento serviriam como uma lavagem para a alma, apenas assistiu em silêncio enquanto bebericava da sua xícara de chá.

O caminho de volta para casa foi feito lentamente. Andando pelas calçadas, Nara observava os arredores e assistia à toda a vida que se passava ao seu redor. Sentia-se muito melhor depois da consulta, depois do choro, depois de abrir-se com aquela que parecia ser sua única amiga em tão doloroso momento. Nem mesmo o clima cinzento de um inverno adiantado parecia incomodá-la. Por algumas horas, tudo parecia bem. O que Nara ainda não sabia era que aquele caminho, naquela tarde, mudaria ainda mais sua vida já intensamente modificada.

Quando apenas duas quadras a separavam de sua casa, o céu derramou a chuva que por horas já prometia. Desprovida de um guarda-chuva, Nara apressou-se e acelerou os passos, protegendo-se dos pingos gelados que caíam como torpedos em sua cabeça. Atravessou a rua dividindo a faixa

com outros pedestres afobados e logo se viu diante de um grande terreno baldio que ocupava mais da metade do quarteirão. Atravessá-lo, mesmo que tivesse de enfrentar poças de lama e sacos de lixo largados por todos os lados, cortaria seu caminho e a impediria de chegar em casa ensopada; sem hesitar, ela mudou de rota e acessou a trilha de pedrinhas que seguia sinuosamente pelo terreno, de imediato, sentiu o solo rígido da calçada dando lugar à terra úmida e muito mais macia. Andava com vigor, já se tornando ofegante, driblando os arbustos e dejetos que encontrava pelo caminho e, quando apenas alguns metros a separavam do limite do terreno, ela parou.

Algo havia chamado sua atenção, não apenas com movimentos, mas também com sons. Esquecendo-se momentaneamente da chuva, ela girou nos calcanhares e olhou ao redor, procurando de onde vinham os ruídos. De um lado, viu apenas metralhas de uma construção qualquer, misturadas à vegetação que vorazmente tomava de volta o lugar que lhe era de direito. Do outro, também entre arbustos e ervas daninhas, avistou uma pilha de sacos de lixo pretos, cheios de algo que ela jamais iria descobrir. Mas foi entre eles, por fim, que ela encontrou o que procurava. Aproximou-se, vendo que entre os grandes sacos havia uma sacola menor, de cor amarela, suja de lama e que, diferente das outras, estava a se mexer. Apressando os movimentos, tomada por um ímpeto que ela nem mesma sabia possuir, Nara agarrou a sacola e a retirou de junto das outras, depositando-a segundos depois sobre um grande tonel fechado que enferrujava ao sabor do tempo. Nervosa, tentou desatar o nó, enquanto o que quer que estivesse dentro do item de plástico se debatia na tentativa de se libertar; o nó, porém, era resistente, e sem perder mais nenhum segundo, a mulher utilizou-se de suas unhas para abrir um pequeno orifício, através do qual conseguiu finalmente abrir a sacola e descobrir, com espanto, o que ela guardava.

Um gato.

Um pequenino filhote de gato, de pelos amarelos e olhinhos fechados desprovidos de força para se abrirem.

Esquecendo-se por completo da chuva, que àquela altura já havia empapado os cabelos e as roupas, Nara continuava o trajeto de casa com o dobro da velocidade. Escondido por debaixo da blusa da mulher, o gato se movia pouco enquanto não parava de tremer, afetado pelo frio e pela umidade que havia atravessado pela abertura da sacola. Quanto tempo havia

passado entre os sacos de lixo era impossível dizer, mas uma rápida olhada bastou para que sua salvadora percebesse que estava debilitado, fraco e precisando urgentemente de atenção.

Sob os olhares curiosos dos outros pedestres, Nara atravessou a rua uma última vez e logo estava na frente de sua casa. Abriu o portão com dificuldade, cruzou o pequeno jardim que havia acumulado muitas poças graças à chuva e, sem perder tempo, destrancou a porta e entrou. Sem se preocupar em sujar a casa com seus pés sujos de lama, atravessou a sala e foi direto para o banheiro, onde de imediato apanhou uma toalha limpa e colocou-a acima da privada fechada. Agachou-se, tirou a mão que segurava o animal de debaixo da roupa e colocou-o sobre a toalha macia, enrolando o tecido ao redor dele para começar a secá-lo. O gatinho, fraco e indefeso, não produzia nenhum som, apenas mexia as patinhas de forma descoordenada e completamente inconsciente do que lhe estava a acontecer.

Alguns segundos depois, já de pelos um pouco mais secos e ainda enrolado na toalha, o filhote foi movido para um lugar mais alto, de onde Nara conseguiu observá-lo melhor. O animalzinho estava infestado de pulgas, tinha os pelos sujos de algo que parecia óleo e estava visivelmente desnutrido. Comovida, a mulher suspirou e novamente voltou a protegê-lo com as camadas de tecido, pondo-se a pensar no que fazer. Enquanto caminhava de um lado a outro do banheiro, não percebeu que a porta da frente estava sendo aberta, e que um homem entrara despreocupadamente trazendo algumas sacolas em uma das mãos.

— Amor? — disse ele, avançando pela sala, finalmente fazendo com que ela o ouvisse.

— No banheiro! — Nara respondeu de imediato.

Momentos depois, um homem de cerca de quarenta anos surgiu no toalete. Vestia um casaco grosso, tinha os cabelos ralos molhados pela água da chuva e logo passou a observar a mulher aflita enquanto segurava um pacote felpudo.

— Amor? O que aconteceu lá na sala? Tem um monte de pegadas de lama pelo chão. E o que você está fazendo aqui?

— Max! Você não poderia ter chegado em melhor hora! — disse ela, balançando os braços como se segurasse um bebê. — Tenho que sair pra comprar algumas coisas e preciso que você fique tomando conta dele.

— Tomando conta? Mas de quem?

— Dele — Nara devolveu, finalmente desembrulhando a toalha e permitindo que Max visse o que ela guardava.

— Um gato? Mas onde foi que você...

— Não tenho tempo pra responder. Tome, pegue!

Desajeitado e sem tempo para retrucar, Max segurou o gato e viu Nara saindo em disparada pelo corredor; sem sequer trocar as roupas molhadas, abriu a porta e saiu na direção da rua. Confuso, o homem — que namorava Nara já havia dois anos — olhou para o gato e, sem saber mais o que pensar, sentou-se na privada fechada e apenas esperou que sua namorada retornasse.

Quase trinta minutos depois, quando Max já havia se mudado para o sofá junto do animal, Nara retornou. Trazia nas mãos várias sacolas, as quais carregava com dificuldade e que logo descansou suavemente no chão. A chuva havia cessado e ela não estava mais encharcada como antes, mas ainda assim tinha uma aparência desleixada e suja, algo que fugia completamente de sua personalidade.

— Onde estava? — perguntou Max, ainda confuso.

— No *pet shop*. Trouxe algumas coisas pra ele e aproveitei pra pedir algumas dicas de como cuidar de um filhote de gato.

— É sério que você gastou dinheiro comprando coisas pra esse gato? Uma caixa de papelão e um pires com leite não seriam suficientes?

— Vou fingir que nem ouvi isso, Max. Quanto egoísmo!

— Tá, tá. Não está mais aqui quem falou.

— Agora vou trocar de roupa para começar a cuidar dele. Você trouxe algo pro almoço?

— Trouxe camarão e alguns legumes, pensei em fazermos um macarrão chinês ou coisa assim.

— Hum, legal. Você poderia ir começando? Preciso alimentar o pobrezinho.

— Ow, eu também preciso ser alimentado. Será que arranjei um concorrente?

Ignorando a pergunta do namorado, Nara seguiu na direção do quarto e logo desapareceu pela porta. Mesmo cansada e já se sentindo resfriada antecipadamente, escolheu roupas confortáveis e seguiu para o banheiro. Precisava revigorar-se, pois sabia bem que a partir daquela tarde sua vida seria, mais uma vez, modificada drasticamente.

Na semana que correu lentamente pelo calendário, todos os dias de Nara foram total e completamente dedicados ao novo morador da casa. Ela o havia lavado, retirado todas as suas pulgas, o alimentado com cuidado, colocado-lhe para dormir com carinho na caminha macia que comprara no *pet shop*. Em poucos dias vira o animal tornar-se mais vívido e mais alegre. Vira os olhinhos verdes perderem a opacidade e ganharem uma camada de brilho. Vira as costelinhas finas desaparecendo por baixo do ganho de massa corporal. Vira o gatinho, afinal, renascer.

Passava várias e longas horas apenas com ele em sua cama, afagando sua cabecinha carente, assistindo ao rabinho fino mexendo-se de um lado para o outro em satisfação. Ele a acompanhava para onde fosse: na cozinha, no terraço ou no banheiro. Ouvia o que ela dizia e observava com atenção, os olhos verdes cintilando esplendorosamente. Ouviam música, dançavam pela casa, assistiam a filmes largados no sofá. Lado a lado, entreolhavam-se e se comunicavam em completo silêncio: ela, estranhamente feliz; ele, imensamente grato.

— Um gatinho? — perguntou a doutora Amira, realmente surpresa com a informação.

— Isso mesmo — Nara respondeu, confiante. — Amarelinho, olhinhos verdinhos, quase cabe na palma da mão.

— Isso é muito bom, Nara. De verdade! Os animais, eles têm esse poder, essa coisa quase mística de nos curar. Eles nos entendem melhor do que qualquer pessoa.

— Eu senti isso com ele desde o primeiro momento... desde que o encontrei lá, fraco, gelado, dentro daquele saco de lixo. Meu coração doeu demais ao ver um ser tão inocente daquela forma, mas ao mesmo tempo senti que batia mais forte, mais intensamente. Foi como se eu estivesse destinada a passar por aquele lugar, naquela hora... você me entende?

— Sim, Nara. Eu entendo. E gosto muito de vê-la assim, feliz, mais leve.

— Não conseguia me sentir bem desde a morte do Yan. Todo o tempo estava cheia de raiva, de angústia, de tristeza, mas desde que o gatinho apareceu, eu me sinto... viva. Cuidar dele é como cuidar de mim mesma, e a cada dia que o vejo se recuperando, sinto o mesmo dentro de mim.

— O progresso vem de onde menos se espera, não é mesmo? Mas, que mal lhe pergunte... você só o chama de “gatinho”?

— Ainda não dei um nome a ele. Não sei se estou pronta. Olho pra ele e não consigo imaginar algo que se encaixe. Já pensei em chamá-lo de Dunga... o da Branca de Neve, sabe?

— Claro, claro que sei. Mas por que Dunga?

— A senhora vai achar muito estranho, mas... assim como o Dunga, o gatinho não fala... quero dizer, não mia. Desde que o tirei do saco plástico ele se manteve completamente mudo. Nunca deu um miado sequer.

— Curioso. Você já o levou a um veterinário?

— Já. Eles fizeram exames e não encontraram nenhum problema nas cordas vocais dele. A verdade é que mesmo ele estando cada vez mais saudável, não miar parece que é uma condição permanente. Nunca tinha ouvido falar que gatos também podiam ser mudos.

— Isso só o torna ainda mais especial, não acha?

— É verdade. É um animalzinho muito especial. Chega até a ser estranho, sabe? Sei que pode ser apenas uma condição psicológica causada pela necessidade de ver meu filho em todo lugar, mas eu vejo muitas similaridades no comportamento dele e do gato. O Yan era um garotinho muito quieto, falava pouco, gostava de brincar sempre no mesmo lugar, no meio do quarto, com seus recortes de papel. O gatinho também é bastante quieto, e como já disse, não produz nenhum som, e também gosta de brincar com bolinhas e tiras de papel. Ah, e ele também se esconde debaixo do travesseiro, assim como o Yan fazia.

— O gatinho, afinal de contas, é uma criança assim como o Yan. Animais se adaptam ao estilo de vida dos donos, e talvez seja essa a causa do padrão de comportamento. Mas seja como for, Nara, pode ter certeza de que ele a fará muito feliz.

— Já está fazendo, Amira. Já está fazendo.

Já era quase noite quando Nara voltava para casa. Caminhava pelas ruas já iluminadas pelos postes, sentindo o ar fresco entrando em seus pulmões de uma forma que não sentia desde que sepultara o filho, desde que perdera seu chão ao se despedir para sempre de seu garoto. Leve, os cabelos esvoaçando aos sopros da brisa, abriu o portão da frente e atravessou o caminho até a porta. Abriu-a e teve acesso à sala de casa, onde de imediato avistou Max. Estava sentado no sofá, as pernas cruzadas, uma lata de cerveja em uma das mãos. Assistia ao jogo na TV e, compenetrado, não virou-se para cumprimentar a namorada que acabara de chegar.

— Boa noite pra você também, mal-educado! — Nara disparou em um misto de brincadeira com irritação.

Em resposta, Max apenas acenou e continuou assistindo ao jogo. A mulher, por sua vez, retirou o fino casaco que cobria seus braços e colocou-o no cabide ao lado da porta, logo seguiu para o centro da sala. Olhou ao redor e conseguiu avistar a cama do gatinho vazia, recostada a uma das paredes. Procurou o filhote por todos os lados e, não o encontrando na sala, seguiu para o quarto.

Ao avançar o primeiro centímetro do dormitório, Nara engoliu a seco ao olhar para frente, depois de encontrar algo que não gostaria de ver. A janela ao lado da cama estava completamente aberta, e as cortinas esvoaçavam para dentro como se fossem fantasmas presos às corrediças.

— Gatinho? — disse ela, fazendo também o típico som usado para atrair a atenção dos gatos. — Gatinho? Você está aqui?

Após verificar debaixo do travesseiro e não encontrá-lo lá também, Nara agachou-se e espiou sob a cama, encontrando apenas dois pares de sapatos e alguns resquícios de poeira. Procurou em cada canto do quarto, mas o filhote não estava em lugar algum. Antes de sair para procurar na cozinha e no banheiro, deu uma última olhada pela janela e suplicou em silêncio para que estivesse errada, para que o animal não tivesse fugido por lá e desaparecido na rua, de onde poderia nunca mais voltar.

Contornando a esquina do corredor, Nara seguiu para o banheiro e procurou por entre as roupas jogadas ao chão, atrás da privada e atrás da lixeira, mas ele não estava lá. Já sentindo o estômago gelado, foi direto para a cozinha e agachou-se em cada um dos lugares possíveis — e até mesmo alguns impossíveis como o topo dos móveis —, mas encontrou apenas espaços vazios e completamente inertes.

— Max, o gatinho não está em lugar nenhum — disse, em nervosismo, assim que retornou para a sala.

O homem pareceu não dar-lhe ouvidos e apenas continuou vidrado na TV enquanto bebericava de sua cerveja.

— Max, você está me ouvindo?

— Sim, sim. O que foi? — a resposta veio com pouco interesse e misturada aos gritos do narrador.

— O gatinho sumiu, Max. Eu procurei em todos os lugares. E você não fez o que eu te pedi. Você deixou a janela aberta! Eu pedi que a fechasse depois de fumar!

— Ele deve estar escondido em algum lugar.

— Não, ele não está! E por ele ser um gato, provavelmente pulou pela janela e fugiu, Max! Eu pedi pra que você fechasse a droga da janela, pedi mais de uma vez!

— Nossa, Nara, por que todo esse estresse? Ele só deve ter saído pra dar uma volta. Daqui a pouco ele aparece! Que saco!

— Você é inacreditável, Max! Não consegue disfarçar nem um pouquinho o quanto não gosta do gatinho aqui. Não duvido que tenha deixado a janela aberta de propósito pra ele fugir!

Finalmente deixando de lado a televisão, o homem virou-se e encarou Nara e seus olhos atônitos.

— Achei que você nunca ia perceber. Desde que esse gato chegou você só fica pra lá e pra cá como uma idiota. A gente mal sai, você passa o tempo cuidando daquele bicho!

— Eu não consigo acreditar que está dizendo isso pra mim. Não consigo nem te enxergar agora. Eu salvei a vida daquele bichinho, ele precisa de mim, e você está sendo absurdamente ridículo!

— Ridícula é essa sua obsessão, achando que está criando um segundo filho. É só uma porcaria de gato, Nara!

Perplexa, já sentindo as lágrimas rolando pelas bochechas, Nara só conseguiu enxergar o rosto embaçado de Max — não apenas pela visão coberta de água, mas também pela estranheza que aquelas palavras haviam trazido até ela como um tufão. Ela não conseguiu mais enxergar o rosto do namorado. Nara apenas enxergou algum tipo de vulto de uma face que talvez nunca tenha chegado a conhecer.

— Vai embora daqui, Max.

— Como é? Você ta me mandando embora, Nara?

— Estou. Com todas as palavras. Sai daqui, agora!

— Você é louca. Você precisa se tratar!

Furioso, Max levantou-se e se dirigiu à saída, pisando forte e quase fazendo estremecer a vidraça. Saiu e bateu a porta com força, deixando Nara com suas lágrimas. Ela, ao ver-se sozinha na sala, levou uma das mãos à testa e pensou no que fazer. Deveria sair para procurá-lo? Deveria perguntar aos vizinhos se viram um gatinho amarelo em seus quintais? Ou deveria apenas sentar-se e esperar que ele voltasse para casa? Nenhuma das opções parecia correta, e tudo o que ela conseguiu fazer foi afundar-se no sofá.

Incapaz de pensar graças à voz estridente do narrador do futebol, ela desligou a TV com o controle e rapidamente estava cercada por silêncio. Respirou fundo e expeliu o ar lentamente, buscando acalmar-se para, por fim, decidir o que fazer. E foi assim, então, que ela se lembrou de que havia ainda um lugar onde não havia procurado.

Iluminada pela esperança, levantou-se do sofá e cruzou novamente a sala, executando passos curtos e suaves na direção da escada que levava ao andar de cima. Pé ante pé, chegou até a porta do armário — o mesmo armário onde Yan costumava se esconder — e viu que estava entreaberta, com uma fresta grande o suficiente para um animal de pequeno porte atravessar. Engolindo a seco, o coração palpitando na garganta, Nara moveu a porta em arco para perto de si e, à frente, no interior do armário, encontrou a cabana de livros ainda intacta. Dentro dela, refletindo a luz que vazava do lustre da sala, a mulher conseguiu enxergar dois olhinhos pequenos, brilhantes como duas esmeraldas fosforescentes.

— Marco? — disse ela por entre os dentes, como se não conseguisse controlar a própria voz.

Poucos segundos depois, misturada aos sons violentos das batidas de seu coração, Nara ouviu a resposta: um miado baixinho, discreto, o primeiro que o gatinho conseguira realizar.

Nara não sabia — e talvez nunca viesse a saber —, mas o que o filhote de pelos amarelos queria mesmo dizer, com o primeiro miado de sua vida, era a palavra que completava o chamado daquela que havia dado-lhe um lar não apenas naquela vida, mas também na anterior. Ele queria dizer... “Polo”. Ele queria dizer... “mãe”.

Décio Gomes

Meu Amigo Herói

Enfim chegou o grande dia, estou em minha colação de grau, pronto para pegar meu diploma.

Ouçõ meu nome e caminho cumprimentando cada um dos meus mestres. Olho de relance a plateia e vejo meus pais sentados juntos, como há tempos eu não via. Volto minha atenção para o orador, que segura meu canudo suspenso no ar, esperando que eu o pegue. Balanço a cabeça para afastar as lembranças que vão surgindo, mas, ao pegar o objeto pelo qual anseio, a memória de meu amigo vem à tona.

Eu olhava para a vela de número cinco, em cima do meu bolo de aniversário, quando minha mãe disse para eu fazer um pedido. Pensei na coisa que mais queria na vida, um amigo... Mesmo estando em meio a muitas crianças na escola, nenhuma queria minha amizade. Eu tinha certa dificuldade na fala e acabava isolado por não me fazer entender. Então, ao soprar a velinha, desejei com todas as forças que meu pedido fosse realizado.

Tia Rita, minha madrinha, falou baixinho em meu ouvido para eu esperar, pois logo teria uma surpresa. Ela era muito carinhosa, cuidava de mim quando mamãe saía para fazer o pré-natal de minha irmã. Eu adorava ficar em sua casa, lá sempre tinha leite morno e bolo quentinho, além de parecer um verdadeiro zoológico. Tia Rita morava com três gatos, um papagaio, dois periquitos, dois cachorros e a cadela Gina, mãe do filhotinho Hulk.

Um dia cheguei à casa de titia e lá estava Gina, com um barrigão imenso, igual ao de minha mãe. Tia Rita me explicou que em breve ela teria um monte de filhotes. Perguntei se poderia ficar com um, e titia disse que talvez não fosse uma boa ideia. Voltei pensativo e pedi aos meus pais para ficar com um filhote de Gina. Eles não deixaram, alegaram falta de tempo para cuidar de animais, já que teriam um bebê.

Pouco tempo depois, Gina teve quatro filhotes lindos, na mesma época em que minha irmãzinha nasceu. Passei temporadas com tia Rita, devido aos problemas de saúde com os quais minha irmã nasceu. Eu via os filhotes indo embora e ficava triste, sobrou somente o Hulk. Tia Rita disse

que esse nome não combinava, pois ele era fraquinho, mas eu via seus olhos, um azul e o outro verde, e o achava o mais forte.

Torci para Hulk nunca ser adotado, ainda tinha esperanças de ficar com ele. Os adultos diziam que ele era feio, eu achava injusto, mas me alegrava por Hulk ir ficando. O tempo passou e nós viramos companheiros, eu brincava com ele e chorava na hora de ir para casa.

Quanto mais Hulk crescia, mais difícil se tornava sua adoção, e eu me sentia aliviado. Ele foi ficando, crescendo e se tornando um cachorro vistoso. Enfim, meu pedido havia se realizado: eu tinha ganhado um amigo.

Certo dia, cheguei à casa de tia Rita e encontrei Hulk latindo diferente, como um uivo de dor. Corri para abraçá-lo, mas ele não se acalmou, ficou correndo em círculos e puxando minha bermuda. Eu o segui e encontrei Gina caída no quintal, toda machucada, com os outros animais ao redor. Entrei na casa, as portas e janelas estavam abertas e o chão repleto de cacos de vidro, e nada de minha tia. Voltei ao quintal, todos os bichos estavam quietos. Hulk uivava baixinho ao lado da Gina, que tinha fechado os olhos. Entendi naquele momento o que era a dor da perda e senti compaixão pelo cachorro, já crescido, que uivava feito um filhotinho.

Foram dias tensos, me lembro da angústia da minha família sem notícias de tia Rita. Vi os animais serem levados pelos vizinhos, contudo, eu e Hulk permanecemos juntos. Para nosso alívio, tia foi encontrada pela polícia depois de passar vários dias em cativeiro. Infelizmente, ela nunca mais foi a mesma.

Nossa rotina voltou ao normal. O cachorro de olhos diferentes agora era guardião da casa e companheiro fiel de tia Rita, ele só saía do lado dela para brincar comigo.

Certo dia, senti uma forte inquietação. Era como se eu ouvisse o uivo de Hulk. No intervalo das aulas, liguei para minha mãe e só me acalmei quando ela garantiu que iria até a casa de tia Rita. Mas chegou tarde demais, encontrou Hulk velando a porta do banheiro, onde tia Rita resolveu abreviar sua vida.

Mais uma vez, a apatia tomou conta de nossa família. Até tentaram doar o Hulk, mas eu adoeci e acabei vencendo pela dor. Enfim, eu era o dono dele, não da forma que sonhei, mas era.

O clima em minha casa nunca mais foi o mesmo. Conforme eu crescia, meu pai trabalhava cada vez mais, minha mãe se queixava de solidão, minha irmãzinha vivia doente. Mas eu tinha o Hulk, sempre fiel ao

meu lado. Mesmo quando minha dificuldade na fala passou e eu fiz novos amigos, no fim do dia, era ele quem me esperava.

O sonho de meu pai era que eu seguisse seus passos na medicina. Desde pequeno, fui instruído e preparado para ser médico, nunca tive escolha. Para falar a verdade, eu não pensava muito no que “queria ser quando crescesse”, diferente da minha irmã. Desde quando melhorou, sonhava em ser médica.

Ao terminar o colégio, prestei vestibular. Meu pai insistiu para eu tentar vaga em outros estados, mas, mesmo querendo fugir dos problemas em casa, eu não queria deixar meu amigão sozinho. Fiquei feliz quando não passei.

Fui matriculado no melhor cursinho da cidade. Meu pai contava orgulhoso para todos que seu filho seria o próximo doutor da família. Outra vez, não passei. Cheguei em casa apreensivo, com receio de contar meu fracasso. Não foi dita uma única palavra a mim. Apenas me matricularam novamente no cursinho e todos seguiram suas rotinas, enquanto eu passava os dias estudando, com Hulk deitado aos meus pés.

Na terceira tentativa, passei em duas universidades em outro estado, mas omiti da minha família. O Hulk já mostrava sinais da idade avançada, achei injusto ir para tão longe e deixá-lo com minha irmã.

E, por falar nela, de novo, foi o Hulk quem nos livrou de mais uma tragédia na família.

Voltei ao cursinho na minha quarta tentativa de passar em uma faculdade de medicina próxima. No meu primeiro dia de aula, ouvi de novo aquele choro sofrido do Hulk. No almoço, voltei para casa, que estava mergulhada no mais completo silêncio. Estranhei o fato, pois, àquela hora, geralmente, Camila já teria voltado do colégio. Encontrei Hulk uivando baixinho à porta do quarto dela. Bati na porta e chamei, mas ninguém atendeu. Hulk começou a latir sem parar e um pressentimento ruim me veio à tona, trazendo lembranças do passado. Abri a porta com tudo e lá estava Camila, desmaiada, com a bombinha de asma na mão. Seus lábios já estavam brancos e a cor de sua pele parecia arroxeadada. Não pensei duas vezes, a coloquei sobre meu ombro e corri como um maluco gritando por socorro, com o Hulk me acompanhando e latindo para chamar atenção. Logo um vizinho percebeu nosso desespero e me ajudou a levá-la ao pronto-socorro. Ela sobreviveu, passou um período longo no hospital, mas ficou bem, graças ao nosso herói Hulk.

Quando o vi pela primeira vez, soube que ele seria meu herói, meu amigo, meu companheiro. Era muito triste pensar em abandoná-lo, ainda mais quando os sinais do tempo acometiam sua estrutura, antes tão forte. Sua pelagem cinza agora estava quase branca, os olhos, principalmente o mais claro, formavam camadas de secreção ao redor das pálpebras avermelhadas. A ração tinha que ser molhada para ele conseguir engolir, pois seus dentes caíram, mesmo com todo o cuidado que tive durante os anos. As pernas já não sustentavam seu peso e um tumor se instalou em seu rabo. Ele foi operado várias vezes, até perdê-lo por completo. Eu sabia que a hora do Hulk estava chegando, mas doía pensar em um mundo onde eu não receberia mais seu amor incondicional.

Em todos os momentos de minha vida, ele esteve presente. Enquanto eu crescia como uma criança solitária, me alegrava com uma simples brincadeira de pegar bolinhas. Dormia aos meus pés, ao me ouvir chorar por causa das brigas que ecoavam pela casa. Até na adolescência ele foi meu companheiro, me ajudando a arrumar namoradinhas, chamando atenção na praça durante nossos passeios. E agora, que sou um homem feito e estou prestes a fazer uma escolha que mudará a minha vida, olho nos seus olhos foscos, me vejo refletido neles e questionando se realmente estou fazendo as escolhas certas.

Então chegou o dia da resposta aos meus esforços de um ano inteiro, o resultado da segunda etapa do vestibular de medicina. Saí de casa com o coração aos pedaços. Hulk estava bem fraquinho, sem forças até mesmo para levantar a cabeça. Quando o levei ao veterinário, soube que não havia mais nada a ser feito. Fiquei revoltado quando ele ofereceu o sacrifício, no intuito de evitar maiores sofrimentos, mas, ao voltar para casa, com Hulk no colo, pensei se não fui egoísta.

Nem consegui me alegrar ao ver meu nome na lista de aprovados. Eu sentia um vazio dentro de mim, que só aumentou quando cheguei em casa e encontrei o corpo do meu amigo já sem vida. Ele parecia dormir. Sentei-me no chão, sem saber o que fazer, e me lembrei de toda a minha vida ao seu lado e de como sua amizade me salvou.

Não consegui derramar uma única lágrima, o sentimento de tristeza era tão grande dentro de mim que chegava a me congelar. Ao contrário de minha irmã, que me encontrou ainda sentado na varanda e, ao constatar a partida de Hulk, chorou tanto que se podia ouvir na vizinhança. Foi a primeira vez que vi meu pai derramar algumas lágrimas e minha mãe,

talvez compadecida com meu sofrimento, abafou o choro e se colocou a resolver tudo.

Eu me despedi dele em um fim de tarde muito bonito, não consegui chorar. Ao vê-lo pela última vez, o sentimento que tive foi de gratidão. Eu sabia que Hulk merecia descansar, seu papel na Terra fora cumprido com maestria.

Ouçó meu nome de novo e sou tirando desse devaneio. O mestre de cerimônias continua com o braço estendido, olhando de forma curiosa para a lágrima que finalmente me permiti derramar.

Olho para meus pais orgulhosos e mostro meu diploma de veterinário. Sim, enfim descobri minha vocação. Meu juramento foi o de retribuir todo o amor que recebi de um cãozinho de olhos diferentes, que entrou na minha vida para atender ao meu pedido de criança aos céus: ganhar um amigo.

Daya Alves

Meu anjo da guarda

— Mas o que foi que você fez na perna mesmo, vovô? — minha neta mais nova perguntou enquanto finalizava seu chocolate quente ao lado da lareira.

— Shiu, Agnes — Meu neto mais velho, Isaac, socou o braço da irmã, fazendo-a emburrar, o que não dava muito certo, graças ao bigode de chocolate quente que havia se formado em seu rosto. — Mamãe já falou para não perguntarmos sobre isso.

— Ahh, ela falou? — Levantei minha sobrancelha direita. — E o que mais ela disse?

— Ela disse para não acreditarmos nas suas histórias — Ele me encarou pensativo. — Disse que você sempre inventa coisas que não são verdadeiras.

— E o que eu ganharia por mentir, Isaac?

— Não sei. — Ele deu de ombros e voltou a bebericar o líquido escuro em sua xícara.

— Pois bem, vou contar o que aconteceu com a minha perna, mas acomodem-se para ouvir, ou vocês não acreditarão.

Os dois pequenos chegaram mais perto da minha poltrona, se aconchegando debaixo de um longo e quente cobertor, prontos para ouvir os delírios desse velho de cabelos brancos.

— Tudo começou quando eu tinha vinte anos.

— Nossa! — Agnes me encarou assustada. — Então isso aconteceu antes de Jesus!

— Não, não, Agnes. — Coloquei a mão sobre a barriga tentando conter o riso. — Não sou tão velho assim. Mas sou velho o suficiente para ter visto a enorme quantidade de lobos que moravam na floresta ao lado dessa casa. Isso antes de eles serem postos como prêmio na cidade e caçados até que desaparecessem.

— Oh, não! — Minha netinha levou as mãos ao rosto, em sinal de surpresa. — Por que fariam algo assim com os lobinhos?

— Muitas famílias que viviam na beira da floresta tinham medo de que os lobos atacassem seus filhos e suas casas. Então, começaram a capturá-los e matá-los. Eu, no entanto, nunca fui a favor disso, cresci vendo

os lobos pelo canto do olho enquanto brincava no quintal, eles nunca me fizeram mal e eu nunca tive medo deles, acho que isso me ajudou muito.

— Ajudou a quê? — Isaac perguntou impaciente.

— A sobreviver! — disse em um tom sério, o que fez com que as crianças se aproximassem ainda mais da poltrona, interessadas. — Sem interrupções agora, ok? Só se forem extremamente necessárias.

“Como eu disse, quando eu tinha vinte anos, as caças aos lobos se intensificaram de uma maneira que até os lobos que circundavam meu quintal resolveram desaparecer. Eu sempre senti um carinho especial por esses animais e acabei tomando como missão libertar o máximo de lobos possíveis quando fossem capturados. Era uma rotina diária e eu conseguia soltar cerca de dez animais todo final de tarde. Levava pedaços de carne amarrados ao meu cinto para alimentá-los antes que saíssem da gaiola, para que, assim, tivessem forças para correr.

“Quando eu voltava para casa em uma tarde, intrigado por não ter visto nenhum lobo preso pela cidade naquele dia, passei pela casa que a Agnes tanto gosta, ali no fim da rua. Qual foi minha surpresa ao avistar uma caminhonete cheia de gaiolas na caçamba. Deviam ter uns trinta lobos ali, e eu corri para ajudá-los.

Faltavam cinco gaiolas para destrancar quando ouvi vozes vindo à nossa direção, meu corpo gelou e eu comecei a fazer tudo correndo, tentando ser o mais silencioso possível. Isso me rendeu uma mordida no braço, quando um dos lobos que eu não tive tempo de alimentar saiu de sua gaiola em direção à floresta. Tenho a cicatriz até hoje para provar.”

Levantei a manga do meu pijama e ali estava ela, lisa e esbranquiçada.

— Oh, vovô! — Agnes me encarou. — Deve ter doido muito! Tipo bater o dedinho do pé na porta.

— Foi muito pior! — disse Isaac. — Agora não tem como a mamãe falar que você inventou isso.

— Realmente! — Eu sorri carinhosamente. — Claro que uma mordida de lobo dói, e vocês devem imaginar o que eu fiz em resposta. Deixei um berro escapar e fui visto pelos homens que vinham até a caminhonete. Como só sobravam dois lobos, segurei no alto das gaiolas e corri floresta a dentro. Não foi uma tarefa fácil, os lobos eram pesados e ficava muito difícil correr.

“Eu não tinha tempo de me preocupar com isso, ir o mais longe que conseguisse da cidade. Precisava salvá-los da morte certa. Só parei de correr ao sentir minha perna falhar. A dor veio depois.

“Havia pisado em uma armadilha para lobos que estava coberta pela neve e pelas folhas secas daquela parte da floresta. Essa armadilha envolve nossa perna com dentes de metal afiados, nos deixando presos. A neve, antes branca, estava vermelha com meu sangue e eu me senti fraco demais para conseguir desarmar o dente de metal.

“As gaiolas que eu carregava caíram no chão comigo e se chocaram nas árvores, abrindo e libertando os lobos. O cinzento correu para o interior da floresta mancando, sem olhar para trás, e se misturou à neve que caía incessantemente. O lobo marrom, o único que restara daquela caminhonete, jazia dentro da gaiola, imóvel. Temi que tivesse matado o pobre coitado, mas não conseguia me mexer nem poucos centímetros sem sentir que minha perna estava sendo arrancada.”

Agnes me encarava com o bracinho estendido, sinalizando que precisava me interromper. Permitti.

— Vovô, o que significa jazer?

— Significa que ele estava deitado muito parado, como se estivesse mesmo morto — Isaac respondeu à irmã por mim.

— Oh, meu Deus, coitadinho! — Seus olhinhos se encheram de lágrimas.

— Tudo bem, minha pequena, ele fica melhor depois. — Baguncei os cabelos de Agnes enquanto lembrava os detalhes. — O dia foi passando e tentei diversas vezes abrir a armadilha e libertar minha perna, mas a força que eu utilizava só fazia a dor piorar, até que desisti.

“Peguei a mochila que carregava nas costas e retirei um kit de primeiros-socorros de dentro dela. Se eu não podia me soltar, pelo menos podia limpar o ferimento para não morrer de infecção. Passei um tempo me concentrando em deixar o ferimento o mais esterilizado possível e quando levantei a cabeça, ele estava sentado me encarando.

“O lobo marrom, que mais tarde batizei de Caramelo, havia saído silenciosamente da gaiola e agora me encarava com raiva. Apenas nesse momento pude perceber o ferimento em sua pata traseira, parecido com o meu, ele deve ter sido capturado por uma armadilha igual à que prendia minha perna.

“Quando percebeu que eu o encarava de volta, rosnou. Mas não se mexeu muito, parecia sentir muita dor ao fazê-lo. Voltei meus olhos para o céu enegrecido, pouca luz entrava na floresta por conta das árvores, e tive certeza de que passaria a noite ali.

“O lobo pareceu constatar a mesma coisa, então se ajeitou e começou a lamber a ferida da pata.”

— Não! — gritei em reflexo e estiquei meu corpo em sua direção, estávamos a menos de cinco metros um do outro. Uma onda de dor tomou conta do meu corpo, mas eu resolvi não ligar. — Não pode lamber, vai piorar.

“O lobo rosou mais alto para mim e pensei que ele fosse me atacar, mas ele se limitou a dar uma espécie de latido alto e se virar de costas, voltando a lamber o machucado.”

— Acho que o Caramelinho é meio teimosinho. — Agnes gargalhou com sua constatação.

— Teimoso, não, acho que ele estava sentindo muita dor e muito medo, só isso. A noite continuou a cair e aos poucos fui me arrastando em sua direção. A dor era lancinante, mas eu precisava cuidar daquele machucado antes que as lambidas dele fizessem um estrago irreparável.

“Ele não pareceu notar a minha vagarosa aproximação, até que estivéssemos a um metro um do outro. O lobo se pôs de pé, recolhendo a pata machucada para que não encostasse no chão e rosou com todos os dentes da boca à mostra. Mordeu o ar à minha frente umas duas vezes e na hora que ia me atacar tirei uma das carnes que estavam penduradas no meu cinto e joguei-a ao seu lado. Imediatamente, sua atenção se desviou de mim para o bife gordo aos seus pés, e o lobo começou a comer.

“Não sei dizer há quanto tempo o pobre animal não comia. Mas quando ele terminou de fazê-lo, rosou novamente para mim e latiu até que eu lhe desse mais um pedaço.

“Por volta do quinto pedaço de carne, ainda bem eu sempre levava muita comida, consegui acariciar seu pelo. Ele era quentinho como eu imaginava, e, só de eu apoiar minha mão em sua nuca, o seu calor tomou conta do meu corpo e ajudou a me esquentar, tarefa que minhas roupas molhadas com a neve já não desempenhavam tão bem.

“Ele rosou baixinho por um tempo enquanto mastigava o pedaço de carne, mas conforme fui dando mais e mais comida, ele deixou de se incomodar.

“Foi então que tomei coragem e me arrastei mais uma vez, sentando bem ao lado do lobo. Me dividindo em alimentá-lo, acariciá-lo e confortá-lo com palavras gentis, consegui trazer sua perninha machucada para o meu colo. Ele rosnou e soltou um ganido tão alto que pensei que era ali, naquele momento mesmo, que ele ia me morder e acabar com a minha vida. Não foi o que aconteceu. Ele decidiu confiar em mim, e decidi fazer essa confiança valer a pena.

“Mais uma vez, peguei meu kit de primeiros-socorros e tratei de limpar e enfaixar a perninha do pobre animal. Vez ou outra ele gania de dor quando eu passava meu pano úmido com remédio em um lugar mais infeccionado, mas no geral ele reagiu muito melhor do que eu esperava.

“Quando soltei sua pata, ele logo se recolheu e se sentou a alguns metros longe de mim, ainda com muita dor para ir embora. Tentei permanecer acordado, mas acabei me recostando em um tronco de árvore e me deixei ser levado pela sensação de hipotermia que tomava o meu corpo. Apaguei.”

— Oh, Meu Deus vovô, você morreu?

— Não fala besteira, Agnes, se ele tivesse morrido, não estaria nos contando essa história.

— Ah, é! Desculpa, vovô, pode continuar.

— Eu não esperava acordar na manhã seguinte, tinha consciência disso quando me deixei levar pelo cansaço. Mas para minha surpresa eu despertei com os raios de sol no rosto. E a surpresa maior é que eu não estava sozinho. Caramelo tinha chegado perto de mim, durante a madrugada. Acho que percebeu que eu não aguentaria de frio.

“Ele se aconchegou no meu colo e foi minha fonte de calor durante a noite. Levo isso como um agradecimento pelo cuidado com sua pata.

“Quando viu que eu estava desperto, o lobo se levantou e mancou até o limite da minha vista e ali sentou e esperou.

“O dia estava quase virando noite novamente quando um guarda florestal apareceu e me resgatou, tirando-me da armadilha e me levando até o hospital.

“Pelo canto do olho, vi Caramelo ir embora ao se assegurar que eu ficaria bem, e nunca mais nos vimos.”

— Ah, vovô, pensei que vocês tinham virado melhores amigos.

— Ele é um lobo, minha netinha. Ele gosta de viver na floresta e correr livre. Mas eu o considero meu melhor amigo. Melhor, eu o considero

meu anjo da guarda. Sem ele, naquela noite de neve, eu não teria sobrevivido. Ele podia ter ido embora, mas não foi, e é por causa dele que eu estou aqui, com vocês dois.

— Mas, vovô, vocês nunca mais se viram! — ela choramingou.

— Não, nunca mais nos vimos. Mas eu sei que ele está sempre por perto.

— Como você sabe disso? — Isaac perguntou desconfiado.

— Eu sempre coloco um pedaço de carne para ele na porta dos fundos e no outro dia amanhece sem a carne lá. E no inverno é possível ver as patinhas dele na neve que fica no chão do quintal.

— Por que você acha que ele continua aqui, vovô? — Agnes perguntou enquanto bocejava e se levantava para ir até sua cama, dormir.

— Não é óbvio, crianças? Do mesmo jeito que eu cuido dele, ele cuida de mim. E vai ser assim até o fim de nossos dias.

Tabatha Cuzziol

Meu amigo locutor

“Meus queridos ouvintes, é com pesar que encerro hoje uma etapa muito importante da minha vida. Durante trinta anos estive aqui com vocês em todas as manhãs conversando, rindo, brincando, fazendo amigos que tenho certeza que levarei para sempre comigo; Vaca Louca, Farofinha, Dona Lourdes, Boi Lambeu e muitos outros cujos apelidos estranhos encheram meu ser de positividade durante as manhãs. Como muitos de vocês sabem, perdi há pouco mais de um mês o grande amor da minha vida e, desde então, tem sido difícil, para mim, dar conselhos e falar sobre problemas do coração. Resolvi, então, me aposentar de vez. O meu prazo de validade já está vencendo e vou aproveitar esse tempo que me resta para descansar e ficar com meus bichinhos lá na Chácara do Boto. Quando estiverem de bobeira e lembrarem-se desse velho aqui, já sabem onde me encontrar. Pela última vez, hoje, eu digo; que as portas do seu coração estejam sempre abertas para receber o amor que ele merece. Um xero bem grande do seu amigo locutor, Roberto Paixão!”

E naquele dia, quando Roberto fechou o microfone, seu coração deu um salto, como que tentando acordá-lo para a grande mudança que aquele ato traria para a sua vida. Ser locutor era sua paixão. É verdade que ele preferia seus tempos de rádio AM, em que podia falar o quanto quisesse com seus ouvintes sem ter que ficar interrompendo a si mesmo para tocar músicas da moda, mas ao entrar no estúdio, ele sempre se sentiu em casa.

Seu programa era conhecido por todos de Manaus como o “correio elegante” da rádio. Os ouvintes enviavam seus problemas, pediam conselhos, se declaravam e até mesmo namoravam através de áudios enviados para Roberto. Ele era o verdadeiro conselheiro amoroso. No entanto, com a morte de Patrícia, sua eterna namorada, tudo ficara confuso

para ele. Aos 78 anos de idade, Roberto sempre implorou a Deus para que fosse ele a partir primeiro. Sabia que sem Patrícia não conseguiria sobreviver. Ela era sua melhor amiga, companheira, aquela que sabia quando ele não estava bem somente encarando-o. Ah, que saudade Roberto sentia de seu sorriso escancarado e de sua gaitada exagerada. De suas bochechas volumosas que ele adorava apertar. Roberto sentia falta de cada fio de cabelo que Patrícia possuía na cabeça.

Como ele poderia falar sobre o amor, se o seu próprio já não estava aqui para fazê-lo feliz? Que estranho seria falar sobre o amor sem Patrícia...

Ainda emocionado, Roberto levantou-se da cadeira, olhou a mesa de som pela última vez, acariciando-a com delicadeza e sem pressa alguma. Colocou o casaco de lã de um azul marinho desbotado que ganhara da esposa muitos anos atrás, arrumou os óculos sobre o nariz, recolheu suas coisas e, tentando estufar o peito para não chorar feito bebê, Roberto deixou o estúdio.

— Tem certeza, Roberto? Vai mesmo jogar sua carreira fora? Todos irão sentir sua falta! — Carlos, seu supervisor artístico, questionou-o antes que ele deixasse definitivamente a rádio. Roberto foi até ele, cumprimentou-o com um aperto de mãos e, olhando em seus olhos, disse:

— Vou agora, enquanto sei que irão sentir a minha falta. Enquanto ainda não estão pedindo para que eu saia. Dessa forma tenho certeza que algo de bom restará. — E saiu, com lágrimas nos olhos e um buraco a se abrir no estômago.

Roberto andou a passos largos e desengonçados, fungando feito criança pelas ruas de Manaus.

Somente alguns minutos depois é que lembrou-se de passar na Casa da Fazenda, local onde comprava a ração de seu velho amigo Bruce, um pastor alemão de mais de 12 anos, que ele e Patrícia adotaram para evitar a tal crise do ninho vazio. O coitado também estava sofrendo com a ausência feminina na chácara. Só queria saber de dormir e até mesmo a comida Bruce rejeitava. Roberto já comprara inúmeros brinquedos para ele, mas ele não se interessava por nada. Estava ficando cada vez mais triste e desanimado.

— Ele não gostou da ração de novo, é? — perguntou Pedro, o atendente, ao ver Roberto pela quarta vez na mesma semana.

— Ele não gosta de nada. Já coloquei até churrasco e o danado nem olha. O que posso fazer? — perguntou desesperado. Bruce era tudo o que tinha de sua amada Patrícia e, por mais que soubesse que um dia a hora de seu amigo partir chegaria, ele não queria que fosse agora.

— O jeito é levar ele ao veterinário — disse Pedro, e Roberto passou a ouvir um barulho estranho de muvuca nos fundos da loja. Ergueu o pescoço para tentar enxergar, mas uma pilha de enlatados para gatos atrapalhava sua visão.

— O que está acontecendo ali? — questionou curioso. Pedro deu de ombros.

— Ah, uma ONG está aí para tentar doar alguns cachorros. — Roberto concordou com a cabeça, pouco interessado no assunto e, ao pegar mais um tipo de ração separado por Pedro, sentiu um puxão leve em seu braço. Olhou para baixo, à procura do que o prendera, e encontrou uma menininha gordinha que não tinha mais que sete anos.

— O senhor pode me dar um minutinho da sua atenção? — ela perguntou, madura demais para possuir somente sete anos, como ele

previra. Roberto a olhou curioso. A menina era branquinha e tinha cabelos tão pretos quanto a noite. Era a própria versão da Branca de Neve em miniatura.

— Perdão, mas quantos anos você tem? — questionou curioso. A garotinha sorriu, exibindo a falta de um dente.

— Eu tenho 8 anos e me chamo Duda. Pode me dar um minutinho da sua atenção agora? — a menina disparou em alto e bom som. Parecia animada. Roberto concordou com a cabeça, por mais que, no fundo, sentisse vontade de negar seu pedido.

A garotinha arrastou-o pelas mãos até algumas caixas de papelão — onde estava concentrada a muvuca — no centro da loja, e lá Roberto pôde ver mais de 6 filhotinhos sem raça definida, devidamente limpinhos, e uns até com estrelinha na testa.

— Eu e minha mãe fazemos parte da ONG Anjos de focinho e tentamos encontrar novos lares para esses bichinhos tão bonitinhos. O senhor pode contribuir com a nossa causa? — ela perguntou e Roberto pegou a carteira do bolso, disposto a contribuir com algum dinheiro e ir logo para a sua própria casa. No entanto, quando estendeu a nota de cem reais, Eduarda negou com a cabeça, aparentando impaciência. — Não queremos seu dinheiro! — ela disse ofendida.

— Ué, então como posso fazer para contribuir? — Roberto perguntou. A menina se abaixou, escolheu um cachorrinho pequeno, cujas cores iam do marrom ao cinza, e estendeu na direção do locutor. Roberto a olhou assustado. — Não, não posso adotar um cachorro! Já tenho um! — disse rapidamente ao que a garotinha pegou o animal em suas mãos, estendeu-as e entregou o cachorro, que Roberto segurou de má vontade.

— Ele é um docinho de cachorro! Se comporta super bem, e quer saber mais? Ele vai fazer o senhor muito feliz. Tenho certeza que o seu cachorro vai gostar dele também!

— Perdão, senhor, está sendo incomodado? — uma moça bonita muito semelhante à pequena e decidida Eduarda, apareceu segurando uma prancheta.

— Ela só pediu para eu adotar um bichinho, mas eu disse a ela que já tenho um. — A moça riu.

— Essa é a nossa assistente mais insistente! — ela brincou com a rima, bagunçando os cabelos de Eduarda.

— Ela é uma menina muito esperta! Enfim, preciso ir, muito legal o trabalho de vocês, parabéns! — disse, torcendo para a conversa acabar logo.

— Ei, espera! — chamou a moça. — Meu nome é Raika e eu estou saindo agora para almoçar. Vamos também? Aí aproveito para te falar mais sobre o projeto e para fazer a minha filha se desculpar. — A resposta “não” estava na ponta de sua língua, mas ele não conseguiu negar aquele pedido.

— Vamos! — ele disse e, então, ambos acompanhados de uma saltitante Eduarda, pagaram a conta e deixaram o estabelecimento.

— Não é bem assim que o senhor deve agir. A sua esposa está descansando ao lado do Criador. Está feliz, pois sabe que logo o senhor poderá reencontrá-la. Por mais que seja difícil, o senhor precisa se reerguer. Deve aproveitar cada minuto que ainda lhe resta para fazer o bem ao mundo

e a si mesmo. — Raika acabara de jogar um balde grande de água fria nos planos que Roberto havia feito para si mesmo. Desejara sentar em sua velha cadeira de balanço ao lado de Bruce e esperar a vida passar, torcendo para que fosse o mais rápido possível.

Naquela tarde Roberto não apenas matara a vontade de almoçar fora, como também tivera uma conversa tão profunda sobre sua vida... Estava encantado com o modo de pensar de Raika e com as fofurices de sua filha.

— Olha o que eu sei fazer! — Eduarda chamou a sua atenção e ele olhou para ela, não conseguindo segurar o riso ao vê-la com duas batatas fritas enfiadas no nariz. Raika a repreendeu.

Quando começaram a se despedir, já no estacionamento do restaurante, Roberto olhou para Eduarda e, extasiado com tudo que vivera naquele dia, disse:

— Quer saber? Acho que o Bruce está mesmo precisando de um amigo! — A pequena Eduarda pulou de alegria e, feliz da vida, correu até Roberto, abraçando suas pernas.

— Obrigada, obrigada e obrigada! Você não sabe o tamanho da minha felicidade. É quase do tamanho de dois elefantes gigantes! — ela disse e até Raika riu do exagero da filha.

Ainda naquele dia, um pouco incerto sobre sua escolha em levar um novo cachorro para casa, Roberto chegou à chácara silencioso. Pegou a pequena bolinha de pelos de cor indefinida no colo e atravessou o gramado que o separava de seu casarão. O pequeno cachorro se mexia, ansioso para sair logo correndo por todo aquele espaço, mas ainda não era a hora.

Roberto caminhou pela casa, até encontrar Bruce desanimado deitado em sua rede. Sim, o cachorro tinha mesmo uma rede. Mal chegou a levantar as orelhas para receber seu dono, tamanho era seu estado de tristeza.

— Bruce, meu amigo, agora eu descobri a solução para os seus problemas... Justo eu, que achei que nunca mais fosse poder solucionar nenhum. Esse aqui é o seu novo companheiro... Que tal... Aladim? — O pequeno cachorro latiu em resposta e Roberto riu ao soltá-lo e vê-lo correr desesperado para todos os lugares. Bruce se remexeu em sua rede, curioso com o barulho, e ergueu a cabeça. A princípio Bruce rosnou, desconfiado.

À medida que Aladim aprendeu a pular em sua rede, no entanto, e a morder suas orelhas até que ele se levantasse irritado, Bruce demonstrou simpatia pelo pequeno animal. Ao fim do dia já estava correndo feito um garotão.

— Eduarda, para de brincar com a comida! — Raika gritou para a filha. A Chácara do Boto estava uma bagunça só. Roberto passou a abrigar grande parte dos animais da ONG Anjos de Focinho que precisavam de recuperação e, agora, todos os dias era dia de movimentação em sua casa.

Colocou mais uma colherada da deliciosa lasanha feita por Raika na boca e riu da cara de Eduarda ao ser obrigada a comer, também, alguns

brócolis. Segundo a mãe, a menina andava jogando fora seus legumes e agora ela faria vista grossa em suas refeições.

— Roberto, o que acha desse aqui? — Mirella, outra integrante da ONG, mostrou a ele a tela de um computador. Ali estava o modelo de adesivo que Roberto colocaria em seu carro. A partir da próxima semana voltaria à profissão de locutor. Dessa vez, de um modo diferente.

Seria responsável por passar com um alto-falante pelas ruas de Manaus, convidando as pessoas a visitarem a Chácara do Boto para adotar um filhote ou apenas ajudar a ONG a alimentar e abrigar cada vez mais animais necessitados.

— Está lindo demais, meu doce! — disse animado.

Após o almoço, Roberto se permitiu dividir a rede com seu velho amigo Bruce, agora feliz e ativo tal como quando o adotara. Aladim dormia próximo ao amigo cão, totalmente à vontade. Achando aquela cena engraçada, Roberto acariciou a cabeça de Bruce:

— É, Bruce, todos nós precisamos de um bom amigo, não é? Às vezes é tudo o que falta para preencher o vazio deixado em nosso peito. Logo poderei me encontrar com minha Patrícia e então matar essa saudade gigante... — O cachorro levantou a cabeça para encará-lo e Roberto sorriu. — Fica tranquilo, meu amigo, você também irá vê-la... Afinal, os animais também vão para o céu!

Kate Willians

Missão

□ Luana... — ouvi a voz do meu namorado sussurrando em meu ouvido.

Apenas gemi em resposta e senti meu corpo ser abraçado por trás.

□ Hoje é a inauguração da Instituição! — Sua voz era baixa, mas animada.

Pulei da cama. Como eu me esqueci da inauguração da minha própria ONG?

Ouvi a risada de Eduardo e o olhei com cara feia.

□ Não tem graça! — Retruquei. — Eu preciso fazer tudo! Cabelo, maquiagem, separar roupa, ler o discurso novamente...

□ Amor, relaxe. — Ele riu. — Você vai se sair bem. É ótima falando em público, sabe lidar com pessoas. Vai dar tudo certo.

Revirei os olhos e empurrei Eduardo para fora da cama. Ele me deu um beijo rápido e disse que iria preparar o café da manhã. Quando estava finalmente sozinha, fui ao banheiro para me arrumar.

Suspirei ao me olhar no espelho. Há muito tempo eu planejava criar essa ONG. Passar por um problema que envolve seu emocional lhe molda de várias maneiras diferentes. Alguns chegam a extremos e não conseguem mais voltar. Eu consegui. Olhei para a tatuagem em forma de patinha no meu pulso e limpei uma lágrima no canto do olho antes de entrar no banho.

Saltei do carro assim que estacionamos. Era quase inacreditável que eu estava prestes a inaugurar algo que planejei durante anos. Fechei os olhos e, ao sentir o vento no rosto, lembrei-me de vários momentos que achei que nunca iria superar: a falta de forças para levantar para ir ao colégio; o cheiro de álcool no hospital que me lembrava constantemente de que tentei tirar a minha própria vida; as conversas sussurradas ao meu respeito.

Foi quando eu recebi o melhor presente de aniversário que poderia imaginar. A responsabilidade de outra vida em nossas mãos nos faz ver que nada é exatamente do jeito que pensávamos. Que tudo tem um segundo,

terceiro, quarto ponto de vista, basta quereremos enxergar. Nina foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Devo a ela minha recuperação.

Eduardo me tirou dos meus pensamentos quando me abraçou por trás.

□ Não precisa ficar preocupada. — Senti seus lábios em um dos meus ombros.

Respirei fundo e afirmei com a cabeça. Alisei os braços dele em minha cintura, antes de me virar para olhá-lo nos olhos.

□ Vamos arrumar tudo antes que liguem para buscarmos nosso bebê.

Ele riu como sempre fazia quando me referia a Teddy como “nosso bebê”. Afirmou com a cabeça e seguimos para dentro

Assim que o pessoal começou a chegar fiquei extasiada, sem conseguir processar o movimento do local. Quando Teddy voltou do *pet shop* meu sorriso se alargou ainda mais. Eu queria que ele estivesse presente porque, assim como Nina me ajudou, esperava que ele e outros animais ajudassem pessoas de todas as idades a passarem por um momento tão turbulento que é a depressão.

Ver tantas pessoas reunidas para me ouvir falar deu um embrulho no meu estômago. Eu era acostumada a falar para muita gente, mas contar a minha experiência com a depressão e como eu decidi ajudar outras pessoas que sofrem desse distúrbio é algo completamente diferente. Respirei fundo, olhei para meus pais e Eduardo, com a esperança de me transmitirem força, antes de me posicionar por trás do microfone.

□ Você consegue — Eduardo sussurrou com um sorriso.

Afirmei com a cabeça, nervosa. Olhei novamente para o público, agradei a presença de todos e comecei a contar toda a minha trajetória da depressão até aqui.

A morte é algo difícil de se explicar, já que não temos ninguém para contar a sua experiência. A vida, por sua vez, é algo difícil de se explicar, pois cada pessoa passa por situações diferentes, sendo impossível compará-las para que possamos dizer o que é viver bem ou mal.

Posso dizer que já morri uma vez. Não fisicamente, mas psicologicamente. A sensação de nada mais ao seu redor ter sentido, o alívio e ao mesmo tempo o pavor da vida se esvaindo do corpo. Tudo isso eu já senti. E foi o fato de ter me tornado mãe que mudou completamente a minha visão de mundo. Meu filho chama-se Teddy. Ele é o cachorrinho mais lindo que existe nesse mundo, entrou na minha vida já adulto e sempre

está ali para me lembrar de que foi graças, também, a um serzinho de quatro patas que a minha vida mudou completamente.

Durante dois anos a minha rotina era sair da cama, escovar os dentes, tomar banho e comer. Tudo a contragosto. Vestia o uniforme da escola e, por cima, uma jaqueta preta, mesmo nos dias mais quentes, para cobrir as cicatrizes presentes em meu braço. Mutilar a mim mesma foi a forma que encontrei de fugir de tudo o que estava acontecendo ao meu redor. A dor física era uma máscara para a dor que eu sentia emocionalmente.

Ser diagnosticada com depressão é um tiro tão grande quanto conviver com a doença em seus momentos de crise. O meu diagnóstico veio quando tentei engolir todos os comprimidos que havia em casa. Talvez eu tivesse mais êxito cortando os meus pulsos, mas eu não queria uma morte tão drástica.

Quando eu acordei, tonta pelos remédios e pelo cheiro horrível de hospital, ouvi minha mãe dizendo que eu fiz tudo isso para chamar atenção e que depressão era um nome bonito para frescura. Aquilo me destruiu por dentro.

Comecei a fazer tratamento psiquiátrico no tempo que fiquei internada no hospital, contra a vontade de minha mãe, claro.

Então eu perdi o meu melhor amigo por um câncer desgraçado. Este fato me arrastou ainda mais fundo para a doença, e somente com consultas mais frequentes ao psicólogo fui compreendendo que nem tudo o que acontece tem uma explicação, mas sempre um significado. Eu tinha que aprender a superar uma morte para poder não cair quando outra aparecesse em minha vida.

Algumas pessoas dizem que anjos são crianças que moram no céu. Para mim, anjo é qualquer ser do bem que vem do céu e depois volta para casa quando tem sua missão cumprida.

Já quase no final do tratamento medicamentoso eu recebi o melhor presente da minha vida. Meu pai me presenteou com a cachorrinha mais fofa que eu já vi. Era tão linda, pequena e indefesa, que eu tive medo de segurá-la e machucá-la no primeiro momento. Mas com a ajuda do meu pai, do psiquiatra e do psicólogo, eu consegui recuperar a confiança que existia em mim e o amor que eu tinha por animais só fez aumentar.

Posso dizer que Nina foi o ponto alto da minha recuperação. Conviver com uma pessoa que não entende o seu estado faz com que prevaleça, por muito mais tempo, o pensamento de que o vazio em seu peito nunca será

preenchido. Em contrapartida, ter ao lado alguém que te compreende e que nunca te abandona é o que melhor que se pode querer.

Nina era esse alguém. Ela me entendia como jamais outra pessoa o fazia, e sempre que eu queria desistir, a olhava, pensava em como ela dependia de mim e eu era tomada por um sentimento de responsabilidade que não entendia de onde vinha, mas que me dava forças. Eu não podia fraquejar. Não era mais somente eu.

A relação que eu criei com Nina foi realmente de mãe e filha. A responsabilidade de alimentação, higiene e saúde que eu tinha com ela melhorou muito meu estado e minha visão de mundo. A companhia em todos os momentos de pico, seja de felicidade ou tristeza, me fazia perceber que ela quase podia sentir o que eu sentia. Por isso fazia um esforço para diminuir os picos de crise. Às vezes dava certo, outras não. Mas eu sabia que tinha que tentar.

Infelizmente toda vida é finita. Devido a um acidente de carro, poucos anos depois, ela voltou para seu lugar de origem: o céu dos anjos de quatro patas.

Ao contrário do que possa parecer, eu não caí em depressão novamente, mas decidi ajudar pessoas que sofrem do mesmo problema que hoje está controlado em mim. Quero ser útil para outras pessoas e resolvi usar como uma das terapias a companhia de um animal. Quero mostrar que eles se importam com a gente na mesma medida, ou até mais, em que a gente se importa com eles.

A intenção de toda a equipe é provar que depressão tem, sim, controle e cura, mas não depende somente de uma pessoa. O primeiro passo é querer, o segundo é conseguir ajuda necessária, compreensão e respeito.

Eu, o Teddy, a nossa equipe e todos os animais que virão para cá queremos ser um apoio a mais e fazer com que todos se sintam acolhidos e amados, que não desistam de si mesmos, pois todos nós somos importantes. Todos nós temos uma missão nesse mundo.

A de Nina foi me ajudar a superar e encontrar a força em mim mesma.

A do Teddy é provar que sempre terá alguém para me fazer companhia.

A minha é procurar ajudar quem precisa.

A de vocês? Bem, vocês terão que descobrir. Tenho certeza que será algo bom.

Larissa Milena

O milagre de Du Berrot

Sempre ouvi pessoas descreverem os animais como anjos que entram em nossa vida e a transforma profundamente, mas nunca entendi o que isso significava, até *Du Berrot* encontrar Cecília.

Cecília foi um bebê muito desejado. Após quatro tentativas frustradas de levar uma gravidez até o final, sendo a última interrompida com vinte e sete semanas de gestação, conseguimos concretizar nosso sonho encantado de sermos pais.

Estávamos tão felizes com nossa filha no colo que demoramos a entender que Cecília não era como os outros bebês. Ela demorou a engatinhar, a andar e tínhamos a impressão de que não nos ouvia. Aos dois anos, ainda não falava, não socializava, não sorria ou interagia conosco. Parecia viver num mundo à parte. Tinha momentos de fúria que nos deixavam sem ação quando tentávamos corrigir algum maneirismo seu. Não sabíamos se era manha, se reagia assim por não ter muito contato com outras crianças ou se tinha algo mais sério acontecendo com sua saúde mental.

Logo na primeira semana de adaptação na escola, fomos chamados para conversar sobre seu comportamento. Desde que chegara, Cecília se isolara das outras crianças e não aceitara o toque das professoras. Agressiva, gritara e batera a própria cabeça na parede repetidamente, evidenciando algo mais do que uma simples birra ou manha. Foi então que, pela primeira vez, ouvimos falar sobre o Transtorno do Autismo. A equipe pedagógica nos orientou a procurar atendimento especializado, evidenciando a importância de um diagnóstico precoce. Nosso sonho encantado começava a se transformar num pesadelo.

Levamos nossa pequena a diversos especialistas, até que o diagnóstico de Transtorno do Autismo Severo foi confirmado. A equipe médica nos explicou que se tratava de um transtorno psicológico com enfoque no universo interior, onde o indivíduo perde a conexão com o mundo que o cerca. Foram categóricos em afirmar que, sendo ela severamente autista, possivelmente jamais viria a falar ou se relacionar como uma criança dita “normal”. Por 6 meses eu só chorava e estudava,

chorava e estudava. Eu pouco sabia sobre o Autismo, mas me recusava a aceitar o diagnóstico sem lutar para proporcionar-lhe melhor qualidade de vida.

Aos três anos, Cecília era não verbal e tomamos a decisão de não levá-la mais para a escola. Ela tinha o sono irregular, ficava muito irritadiça durante o dia e se sentia insegura com mudanças na rotina. Então, enterramo-nos em casa. Não recebíamos visitas, não aceitávamos mais convites para sair e nem tínhamos o desejo de fazê-lo espontaneamente. As noites eram mais difíceis. Ela ficava extremamente agitada, não queria se deitar e, por diversas vezes, meu esposo precisou amarrá-la na cama para evitar que se agredisse ou se machucasse. Era uma cena muito triste, muito dolorosa de se presenciar. Não conseguíamos entender seu mundo, a forma como pensava, como se sentia... não conseguíamos penetrar seu universo particular.

O tempo foi passando e o psiquiatra nos indicou uma fonoaudióloga e uma terapeuta ocupacional com enfoque na interação sensorial. Agarramo-nos a essas possibilidades como quem se agarra a uma tábua de salvação em meio ao mar aberto e, embora não notássemos nenhuma melhora na fala de Cecília, ficamos animados com o trabalho da Terapia Ocupacional. Aos cinco anos, ela estava fascinada com a argila e começava a criar esculturas livremente. Uma faísca de esperança surgia nos nossos corações tão desacreditados. Nossa pequena parecia se comunicar através de suas criações. Estávamos satisfeitos com o pequeno vislumbre de seu universo particular e nem sequer imaginávamos que algo ainda mais extraordinário, que mudaria nossas vidas para sempre, estava para acontecer.

Por conta dos cuidados com Cecília, comecei a trabalhar em casa com costura e pequenos consertos, o que me dava tempo e disposição para acompanhá-la de perto nas sessões terapêuticas ocupacionais, e ela nunca pareceu notar minha existência ou de qualquer coisa no ambiente, enquanto realizava suas atividades. Normal, nada de novo para o universo autista. O que nos surpreendeu foi o incidente ocorrido durante um dos atendimentos. Lindamente, um gato de pelos longos em tons de cinza e preto surgiu pela janela, sentou-se no parapeito e pôs-se a observar Cecília a trabalhar. Quando ela o notou, parou tudo o que estava fazendo para observá-lo em reciprocidade e, por um bom tempo, ali ficou com o olhar fixo sobre o felino, até o que ele fugiu apressado ao notar que ela movia-se em sua

direção. Naquele dia, Cecília não quis mais trabalhar e demos a sessão por encerrada, mas antes de partir a terapeuta comentou sobre a conexão momentânea estabelecida entre o bichano e Cecília. É característica do Espectro do Autismo não manter contato visual, mas por algum motivo que desconhecemos, o gato despertou-lhe o interesse.

— Já pensaram em adotar um mascote para fazer companhia à Cecília?

Na verdade, sim. Já tínhamos cogitado a possibilidade de adotar um cão filhote, mas muitos disseram que uma criança autista não deveria ter animais, pois o risco do animal ferir-se nas mãos de alguém cujo cognitivo não é passível de compreensão se fazia presente. Além disso, um cãozinho demandaria muitos cuidados e, honestamente, as necessidades de Cecília já sugavam todas as nossas energias vitais. Mas um gato? Não, definitivamente, não. Durante a gravidez não tive contato com felinos para evitar qualquer problema com a toxoplasmose, embora tenha sido alertada que corria mais riscos comendo alimentos mal lavados ou cozidos, do que propriamente tocando um gato. Sempre achei fofinho na casa dos outros, não na minha. Mas parece que o universo queria que eu desmistificasse todas as convicções que havia criado sobre os felinos.

Através dos atendimentos terapêuticos, fomos descobrindo como adentrar o universo particular de Cecília e convencidos a adotar um mascote para fazer-lhe companhia. Trocando experiências com algumas mães de autistas, soube de resultados positivos na terapia com animais. Por que não tentar? Eu faria qualquer coisa para dar qualidade de vida para minha filha, para ajudá-la a interagir com o mundo que a cerca. E, embora, meu esposo tenha insistido para que comprássemos um animal, preferi adotar. Queria que fosse especial para Cecília e também para o animalzinho escolhido como sua companhia.

Contatamos uma Associação de Proteção Animal e levamos nossa pequena para ver um cachorrinho na feira de adoção. Ela ficou extremamente agitada com a hiperatividade do animal e ali mesmo teve uma crise, gritando e batendo com as mãos em sua cabeça violentamente. Para Cecília era muito difícil lidar com barulho, era como se algo no seu mundo tivesse sido afetado de forma muito dolorosa. Todos à nossa volta nos olhavam de forma acusadora e apressadamente fomos embora pra longe dos julgamentos. Talvez não fosse uma boa ideia. Pedimos desculpas e, quando estávamos nos despedindo, Cecília soltou nossa mão e correu em

direção a uma gaiola que estava no chão. Dentro dela havia um filhote de gato preto, com os olhos cor de uva verde que miava incessantemente, pedindo atenção. Miava tanto que estava até rouquinho. Ficamos sensibilizados com seu pedido de ajuda e meu esposo foi tirar informações sobre ele. Cecília se aproximou da gaiola e ficou observando fixamente o filhote, que a cheirou, provocando-lhe um pequeno sorriso ao encostar seu focinho gelado no dela. Ele parou de miar e começou a se esfregar na gaiola, como quem pede: “me leva pra sua casa”. Troquei um olhar cúmplice com meu esposo e pensamos o mesmo: é ele!

Descobrimos que seu nome era *Du Berrot*, porque tinha fama de berrar muito quando ficava preso, e que tinha sido o único sobrevivente de uma ninhada de cinco filhotes que adoeceram e não resistiram ao abandono. Mas, durante o trajeto da feira até nossa casa, ele não soltou nenhum miadinho. Parecia saber que estava ganhando um lar definitivo e que teria de ter bom comportamento para merecer toda a atenção que sempre mendigou.

Já em casa, Cecília ignorou o filhote e foi sentar-se próximo aos seus materiais de escultura. Ficamos inseguros... E se não desse certo? Não teríamos coragem de devolvê-lo ao abrigo. Nutrimos por ele uma empatia imediata. Era dócil, ronronento e educado. Andou pela casa, comeu, usou a caixinha de areia... Estávamos encantados com sua leveza e algo nele nos acalmava... Pulou no meu colo e ficou observando Cecília de longe, como quem estuda a melhor forma de aproximação. Quando ela começou a desembalar as argilas, o barulho do plástico o atraiu e num salto subiu sobre a mesa e conseguiu a atenção de Cecília. Ela sorriu, como quem consente: “Ok, você pode se aproximar!” e ele sentou e acompanhou suas ações de perto. E ali passaram horas e horas, se familiarizando.

E deu certo! Muito certo! Não sei explicar, mas alguma coisa aconteceu. É como se Du Berrot soubesse instintivamente o que fazer. Quando Cecília ficava agitada, ele se aproximava e se esfregava, deitando próximo de seu corpo, acalmando-a instantaneamente. Era extremamente fiel e companheiro, a seguia por todos os cômodos da casa como um protetor. Sentíamos que ele estava ali para ajudar nossa pequena a expressar seus sentimentos, mas sua missão não acabava ali...

Com o passar dos meses, Cecília parecia mais tranquila durante os dias, mas as noites ainda continuavam difíceis. Seus gritos afugentavam Du Berrot, que se escondia embaixo do sofá até a tempestade passar. Por

muitas vezes, chorei sozinha, enquanto meu esposo tentava acalmar nossa filha. Doía-me tanto não conseguir ajudá-la... E nesses momentos, Du Berrot se aproximava, se aninhava no meu colo e trazia de volta a paz que me havia sido roubada. E eu, que nunca tive experiência com animais de estimação, ficava encantada com essa sintonia que ele tinha com os nossos sentimentos e aflições. Demonstrava em algumas ocasiões ser melhor companhia que os humanos, porque ele podia usar métodos para nos ajudar que nenhum humano conseguia. Parece que ele entendia que, para se sentir bem, seus humanos deveriam se sentir bem também. Não sei como teríamos aguentado o último ano se não fosse por ele. Nós o adotamos para que nos ajudasse com Cecília e ele cuidava também das nossas dores.

Um dia, Cecília quis levá-lo até seu quarto e lá eles ficaram até ela adormecer. E pela primeira vez, em três anos, não houve gritos. Nossa menininha dormiu como um anjo sob o olhar atento e amoroso de seu bigode amigo. Ele velava-lhe sono e ronronava alto, como quem agradece a oportunidade de ter um lar e ser o guardião de nosso bem mais precioso. De caráter muito doce e compassivo, Du Berrot era completamente devotado a Cecília, como quem tem consciência de que sua missão é acalmá-la e confortar nossos corações diante da luta diária em busca de compreender seu universo particular.

Através de sua doçura e companheirismo, Du Berrot conseguiu estabelecer uma conexão com Cecília, que começou a verbalizar frases curtas depois que ele chegou. Ele exercia sobre ela um efeito terapêutico, diminuindo seus níveis de ansiedade e tornando-a mais sociável e segura para descobrir o universo ao seu redor.

Numa manhã, estávamos tomando café, quando Du Berrot viu um passarinho pela janela e ficou eufórico! Miava querendo sair e, ao abrirmos a porta, ele correu e Cecília foi logo atrás. Em sua alegria felina, ele rolava e pulava entre as flores como uma criança cheia de energia. Sentei-me e por horas observei encantada Cecília sorrir e gargalhar com os pulos do gatinho. Se não soubesse e presenciasse no dia a dia os desafios da convivência com o autismo, diria que Cecília era como qualquer outra criança em sua faixa etária: encantadora e cheia de vida.

— Ah, Cecília! Queria tanto que você aceitasse se comunicar comigo como aceita se comunicar com Du Berrot...

Acho que Du Berrot ouviu meu lamento, pois se aproximou de mim e pediu um afago. Depois foi a vez de Cecília se aproximar e dizer

baixinho:

— Gato quer comer comida da mãe!

Fiquei paralisada. Eu sonhava, ou Cecília estava se comunicando comigo?

— O que você disse, filha?

Mas ela não respondeu. Ainda assim, não pude conter as lágrimas de felicidade! Lembrei-me do dia em que o médico nos disse que dificilmente ela viria a se comunicar e, olhando para os olhinhos verdes Du Berrot carregados de cumplicidade, só consegui dizer:

— Obrigada por esse milagre, anjinho.

Minha pequena estava se comunicando e queria que eu fosse dar comida para o gato. E ela, que raramente me deixava tocá-la, nesse dia puxou-me pela mão para acompanhá-los até a cozinha e preparar a refeição de seu melhor amigo.

Em cinco longos anos era a primeira vez que ouvia Cecília referir-se a mim como mãe, sua mãe. Fiquei tão maravilhada que até ignorei o fato de Du Berrot estar em cima da pia roubando o filé de peixe do almoço.

A partir daquele dia, nossa vida se transformou num mar de ondas calmas. Cecília começou a desenvolver suas habilidades verbais e não parou mais! Dava comandos para o gato e contava-lhes histórias antes de dormir. Ela o deixava fazer parte de seu universo particular e sua capacidade de se comunicar e de se relacionar melhoraram significativamente.

E o mais emocionante... Cecília me reconhecia como sua mãe! Não sei se ela teria se desenvolvido tanto se Du Berrot não tivesse entrado em nossas vidas. É como se fosse um encontro de almas. Duas almas que se conectaram no momento em que puseram os olhos uma na outra.

O gesto da adoção mostrou-se uma bênção maravilhosa. Du Berrot devolveu a cor aos nossos dias, renovou nossas esperanças e plantou a paz no nosso coração. Somos completamente apaixonados por ele. É um anjo em corpo de gatinho. Somos imensamente gratos ao universo por nos ter abençoado com sua adoção. Quiçá outras famílias possam abrir seus corações para adoção como nós o fizemos. A adoção salvou não só a vida de Du Berrot, mas também salvou a nossa família.

Ainda convivemos com autismo e conviveremos por todos os nossos dias, mas com a certeza de que somos acompanhados por um anjo negro de

bigodes e lindos olhos verdes. Ainda temos esperança de que a ciência descubra uma "cura" para o espectro do autismo, mas, até lá seguiremos fortes, esperançosos e confortados, pois na nossa caminhada ganhamos um aliado que nos protege e nos guia por caminhos que embora não sejam convencionais, nos trouxeram as maiores alegrias que tivemos em nossas vidas. Um milagre felpudo chamado Du Berrot.

Lola Gutierrez

O retorno

Salete

O dia amanheceu sombrio. Chovera durante toda a madrugada e ainda pela manhã a chuva não tinha cessado. Eram seis horas quando Salete abriu os olhos. Estava acostumada a acordar nesse horário, ainda que pudesse dormir mais uma ou duas horas. Não tinha nenhum compromisso para aquele dia. Aliás, não tinha compromisso com mais nada desde o fatídico dia em que sua vida mudara.

Queria dormir mais um pouco, mas a parcela de sono que lhe cabia já se esgotara. Quem dera poder fazê-lo e esquecer sua tristeza. Até pedia a Deus que não a acordasse. Sentiria alegria em não voltar a abrir os olhos. Assim a vida não lhe doeria tanto. Os dias angustiantes deixariam de lhe torturar. No entanto, todas as manhãs, no mesmíssimo horário, seus olhos se abriam para o novo dia. O sol podia brilhar lindo lá fora, mas de nada adiantaria para ela, pois dentro de si tudo era escuridão.

Passou ainda uma meia hora deitada em sua cama até que se forçou a levantar para fazer um café. Este era outro momento doloroso na sua vidinha vazia, pois era o período do dia em que as lembranças afloravam. À sua mente, vinham as cenas de outros cafés da manhã. E estes não eram nada tristes.

Quando se sentou à mesa e olhou pela janela, viu algo que a fez prender a respiração... “Não pode ser. O que vejo?”

Tininho

A única coisa que ela lembrava era de ter sido chutada da frente da mercearia ali perto. Tinha se perdido de sua mãezinha e seus dois irmãos. Sentia muita fome. Parara na frente da padaria, pois de lá vinha um cheiro delicioso e ela só pensava em preencher o estômago vazio. Acreditava que um humano bondoso iria ajudá-la dando-lhe algo para comer. Há muito sua mãe não tinha mais leite para saciá-la. A princípio ela saía em busca de alimento para si e seus dois irmãozinhos. Com o passar do tempo, Tininha e eles acompanhavam a mãe na busca por alimento. Nem sempre encontravam, mas, nos dias de sorte, eles achavam alguém que se compadecia daquela pobre família e arrumava um pouco de ração para que eles saciassem a fome.

Há alguns dias, Tininha pegara um caminho diferente e ela acabou se perdendo de seus familiares. Desde então tivera de batalhar sozinha para preencher o estômago vazio. Assim descobriu que os homens não são sempre bons. Muitos nem a enxergam. Por mais que lançasse um olhar na direção deles, abanasse o rabo e mostrasse sua alegria, eles não a viam. Certa vez, ingenuamente, correu em direção a uma criança que brincava no parque. O pai do menino nem a deixou chegar perto. Foi logo gritando, ainda pegou uma pedra e atirou contra ela. Esta pedra atingiu sua pata traseira esquerda. Doeu muito, mas o que mais saiu machucado foi seu coraçãozinho. Não entendia por que ele fizera aquilo com ela.

A noite era a pior parte do dia para Tininha, pois sentia muito frio e não tinha onde se abrigar. Algumas vezes conseguia encontrar um cantinho mais quente, porém em outras dormia ao relento mesmo. Nessa hora ela sentia uma profunda tristeza, pois uma saudade que não sabia bem de que, a incomodava. Foi quando passou a sonhar com uma pessoa. Era uma mulher muito bonita, alegre e carinhosa com ela. Sentia-se muito feliz nesses momentos. Quando acordava e percebia que era apenas um sonho, a dor voltava de novo. Naquele dia, Tininha parou diante de um posto de gasolina. Tentou conseguir algo para comer, mas ouviu um grito: “Sai

daqui, seu cachorro sarnento!”, e os chutes a atingiram. Doeu bastante, e ela, mesmo dolorida, correu para longe daquele ser insensível.

Parou debaixo do banco de uma praça e, lá, pela Graça do bom Deus, encontrou um pedaço de pão mordido. Decerto alguém deixara cair. Foi sua refeição do dia. De repente, um aguaceiro caiu do céu. Tininha deixou-se ficar debaixo desse banco da praça para se abrigar durante o temporal. Infelizmente, não era o lugar ideal, pois este assento tinha falhas e não a protegia por completo. Começou a tremer de frio. Queria correr para encontrar outro abrigo, mas as ruas estavam tomadas pela água. Tinha medo de enfrentar aquela enchente. Foi quando olhou em uma direção e viu uma casa. Ao olhar para ela, sentiu uma imensa paz, como se já tivesse vivido ali.

Estranho sentimento, este. Tinha apenas seis meses de vida e nunca tivera uma casa antes. Sabia o que era, porque sua mãe, antes de ser abandonada, vivera em uma. Com esse sentimento dirigiu-se até lá. O portão estava entreaberto. Entrou. A porta era de vidro e dava para ver seu interior. Estava tudo silencioso e não viu ninguém. Deitou-se no terceiro degrau que dava acesso a essa porta. Pelo menos estava abrigada da chuva. Acabou adormecendo...

Salete

Salete piscou os olhos várias vezes para confirmar se não estava sonhando. Largou a caneca de café sobre a mesa e levantou-se. Foi devagarinho até a porta e confirmou que estava mesmo vendo um sonho! Lágrimas vieram abundantemente aos seus olhos. Chorava de soluçar. Com as mãos a tremer, girou a chave da porta. As lembranças a deixaram atordoada.

Há exatos dois anos, sua vida mudara completamente. Estava em seu trabalho quando, de repente, o telefone tocou e sua mãe pedira para

comparecer ao Hospital da Cidade. Seu marido, Carlos, havia sido atropelado ao passear com sua cachorrinha. Ambos foram atingidos por um carro em alta velocidade. Sua cachorrinha morrera na hora e ele ainda chegara a ser atendido na Urgência Médica, mas não resistira aos graves ferimentos.

Aqueles dois eram sua vida. Não tinham filhos. Pipoca, sua cadelinha, era como uma filha para eles. Era levada e dorminhoca. Era bem tratada e bastante carinhosa. Salete pensou que fosse morrer de tristeza. Aquela perda tirara seu chão. Não conseguia mais ver sentido algum na vida. Preferiria ter morrido com eles. A depressão tomou conta de si e acabara com uma licença médica. Dois anos se passaram e agora ela via, parada em sua porta, dormindo como um anjo, a sua Pipoca. Era ela! Era igualzinha à sua cachorrinha. Seu anjinho voltara!

Tininha

Acordou com o barulho do girar da chave na fechadura. Olhou para cima e o que viu encheu seu coração de muito amor. Era ela! A mulher que aparecia em seus sonhos! Sentiu muita paz e entendeu que estava finalmente voltando para casa. Já havia vivido nela. Entendera tudo. Não nesta vida, mas em uma outra. Recebera uma missão: consolar o coração de Salete.

Salete

Salete abaixou-se e pegou Tininha no colo. Era mesmo igualzinha à Pipoca, quando filhote. Seu coração transbordou de amor e um sorriso preencheu sua face. Há dois anos não sorria. Ficou ainda mais feliz quando viu no olhar daquele filhote que ela também estava contente. Balançava o rabinho e lambia sua face. Salete pôs a cachorrinha no chão e correu até o quartinho dos fundos. Encontrou a caixa que procurava e de lá tirou a antiga caminha de Pipoca; deitou Tininha ali e correu até o quarto. Vestiu-se

rapidamente, pegou a bolsa e saiu de casa toda feliz. Ia comprar ração para sua filhinha.

Clécia Melo

Os animais vêm do Céu

Poderia escrever vários contos, pois tive muitas ideias nestes últimos dias. Todas com mensagens bonitas com o objetivo de conscientizar nossos leitores sobre a importância dos animais e a necessidade de que eles sejam respeitados, porém, qual ideia seria melhor do que a realidade? Talvez a minha verdade não os atinja, mas se ela conseguir tocá-los, terei atingido o *meu* objetivo.

Eu e mais alguém.

Essa história não é sobre como *ele* entrou na minha vida, naquela noite de verão em que o encontrei dormindo sozinho na sala. Sua mãe cachorra repousava no quarto, e o resto da ninhada já tinha sido adotada. Sabiam que as pessoas preferem as fêmeas? Porque elas não fazem pipi nos móveis. E também os cachorros de pelagem mais clara, essa explicação eu ainda não encontrei ou, quem sabe, tenha descoberto, mas prefira não acreditar. Foi ali que eu o peguei. Vê-lo sozinho naquela cama gigante, sem ninguém para lhe abrigar com carinho, em uma noite fria — não de clima, mas de solidão — fez com que o Josh passasse a dormir comigo.

Porém, não pretendo contar como o resgatei para o meu coração. Quero contar como ele me manteve aqui. Na Terra. No mundo dos vivos.

A vida é difícil, não é mesmo? *É*. Todos temos nossos problemas, e sei que muitas pessoas têm alguns centenas de vezes piores que os meus. É claro que sei. Porém, dizer isso para a minha depressão ou para as minhas crises de ansiedade não foi suficiente. Se você experimentar uma delas — algo que não desejo para ninguém, nem para a pior pessoa do universo —, verá que é verdade.

Começou em março de 2016...

Tinha finalizado um livro há um mês. Algo totalmente diferente do meu habitual — fantasia —, mas nem sei se tenho um gênero de escrita preferido, costumo dar vida ao que julgo importante. E acho que foi exatamente isso que aconteceu. Fiz certas palavras saírem da minha alma para as páginas do *Word*, entretanto elas não me abandonaram, simplesmente serviram para me mostrar que doíam. Não tinha adiantado escondê-las embaixo do tapete, elas estavam lá, prontas para serem usadas pela minha personagem, que, na realidade, não era nada além de mim mesma.

Os humanos podem machucar sem nem perceber e é por isso que não gosto mais de chamar certas pessoas assim. Acredito que humano vem de humanidade, e muitos já a perderam. E essa falta de amor ao próximo faz com que os outros se percam de si mesmos, desejem partir. *Era o que eu sentia.*

Estava machucada. Mas por quê? Você tem tudo! É jovem, capaz de fazer o que quiser, tem uma família, um teto... era o que ouvia constantemente, mesmo que estivesse em prantos. Inexplicáveis prantos. As lágrimas não me deixavam. A dor era tamanha que a sensação de desmaio tomava conta do meu corpo, querendo que aquilo acabasse. A minha mente dizia: DESISTA.

E dois olhinhos amendoados diziam: ESTOU AQUI.

Passava a maior parte do meu tempo na cama. Tomar banho e comer?! Tarefas comuns do dia a dia eram fardos difíceis demais para serem suportados. Fazia, mas não queria mais. Por que deveria?! Meu coração acelerava a qualquer instante. E não era de felicidade. Era de medo.

Parece a coisa mais louca do mundo. Você tem medo de morrer, mas quer morrer. Eu sei, é difícil compreender.

Mas o Josh nunca precisou que eu falasse nada. Nunca disse que eu não tinha motivos, nunca disse que remédios são coisas para malucos, para pessoas fracas. Porque cachorros não falam, *né?! Não.*

Josh era o único que *verdadeiramente* falava. Seus pulos e lambidas a cada crise de choro me diziam o quanto ele precisava de mim, o quanto eu era importante, o quanto me ver chorar fazia mal a ele. Josh parecia disposto a me encher de beijos enquanto eu não parasse. E tenho certeza de que faria isso o dia inteiro.

É, neste instante, ao escrever este conto, em meio a lágrimas, lembrando que ele vem até mim para mais uma sessão de lambidas, querendo se certificar de que estou bem e para me dizer, sem palavras, que está aqui para mim, para o que eu precisar. Sendo eu mesma. Com ou sem remédios. Com ou sem depressão. Com ou sem ansiedade.

Passei a repetir dia após dia que o Josh precisava de mim, assim como eu dele. Eram seus olhinhos amendoados que eu via a cada novo amanhecer e, por mais difíceis que os dias fossem, encontrei ali a força para lutar. Sabia... *sei* que ninguém jamais será capaz de amá-lo como eu.

Quem sairia correndo com ele a cada crise de intestino? Sim, o dele é sensível, precisa de uma ração especial e, de vez em quando, passa mal. Se eu morresse, se desistisse, como poderia garantir que o Josh ficaria bem? Descobri que *ele* precisava de mim mais do que qualquer *pessoa* neste mundo. E sem minhas posses ou benefícios, só de mim. Só do meu carinho.

Quem jogaria ração para ele na hora da refeição? Quem brincaria com ele durante o dia? Quem ele ficaria esperando chegar na porta de casa? *Ninguém.*

Para *ele* eu nunca seria um fardo, para o Josh eu sou o presente. A pessoa que o protege de tudo, que o salva de qualquer coisa, em quem ele confia de olhos fechados.

Por ele. Foi exatamente por ele que percebi que não podia desistir, que eu precisava encontrar um jeito de achar a luz no fim do túnel, não importando os julgamentos alheios. Que precisava suportar mais dias daquele jeito, cercada pelo monstro da ansiedade, sabendo que a minha vida era importante.

Tudo mudou drasticamente quando decidi me tratar e, até hoje, é para o Josh que olho sempre que as coisas apertam. Sempre que o mundo

parece tão cruel. É ele quem eu abraço porque sei que, neste ato, estamos ambos protegidos e amados.

Dizem que mãe de cachorro não é mãe. Revoltei-me com este comentário nas redes sociais, porém, neste momento, percebo que não me importo com o que essas pessoas pensam. Mãe é sinônimo de amor incondicional, e apenas saber disto basta.

Josh, você nunca vai ler este conto, é claro, porém sei que diariamente você vê em meus olhos o quanto o amo, o quanto preciso de você na minha vida.

Sem ele, a ideia para esta antologia não teria surgido, pelo menos não de mim, pois foi com o Josh que aprendi o verdadeiro amor pelos animais. E eu sei que, quando nos despedirmos neste plano, vamos nos encontrar novamente de alguma maneira.

Bem, esta é uma parte da minha vida com o Josh. Apenas um pedacinho das incansáveis vezes em que nos salvamos, mas talvez a mais marcante. Sei que ele também tem pedacinhos importantes para contar sobre mim, as histórias que o marcaram.

Espero que vocês também tenham vários momentos inesquecíveis com seus amigos de quatro patas, que possam resgatar e serem resgatados por eles e que se permitam aprender com eles o verdadeiro significado do amor incondicional, porque os animais são anjos.

Anjos de focinhos enviados pelo Céu.

Katerine Grinaldi

Tudo vai ficar bem

Elias sentia frio, ele tentou se encolher, mas o corpo doía demais, provavelmente algum de seus ossos estava quebrado. Abriu os olhos devagar e Faísca surgiu em seu campo de visão, o cachorro lhe lambeu o rosto e ganiu, preocupado. O garoto sentiu as lágrimas se acumularem, ninguém se importava tanto com ele desde que a guerra começou, Faísca era seu único amigo, e Elias queria poder garantir-lhe que tudo ficaria bem, mas sua visão estava escurecendo, os latidos do filhote soavam cada vez mais distantes, e logo o menino se perdeu em suas memórias.

As cinzas do último ataque ainda flutuavam no ar, Elias percorria a rua com pressa, procurando por qualquer coisa de valor entre os escombros, até que olhos castanhos se encontraram com os seus. Seu primeiro instinto foi fugir, mas algo naquele olhar o conteve. Era a tristeza e a solidão, iguais às que ele sentia há tanto tempo.

O menino observou o filhote marrom e branco à sua frente, que inclinou a cabeça, fazendo o mesmo. Decidindo que o animal não era uma ameaça, Elias voltou a caminhar, até que ouviu o som de patas atrás de si.

— Por que você está me seguindo? Vai para casa.

Quando o filhote não se moveu, o menino suspirou e o avaliou, se a magreza era alguma prova, o cachorro devia estar passando por maus bocados nas ruas, tantos quanto o próprio Elias.

Mesmo sabendo que não era o mais lógico, o garoto retirou do bolso meio sanduíche, olhou mais uma vez para o cachorro, que agora abanava o rabo ansioso, e partiu seu jantar, dando metade para o animal.

— Pode vir comigo, mas é melhor saber se comportar. E você precisa de um nome. — Elias pensou por alguns segundos, até que uma ideia surgiu. — Que tal Faísca?

O filhote latiu em resposta, pulando em torno de Elias, que sorriu, afagando suas orelhas.

Uma explosão acordou Elias e Faísca, os dois estavam na casa abandonada que o menino reivindicara para si meses antes, quando começara a viver nas ruas. Outro estrondo soou em algum lugar próximo, o filhote correu para os braços do garoto, que o abraçou, tremendo tanto quanto o cãozinho.

— Vai ficar tudo bem. Sabe o que eu costumo fazer quando isso acontece? — Elias encarou o olhar assustado de Faísca. — Eu fecho os olhos e conto uma história para mim mesmo. Você quer ouvir uma que meu pai me contava? É sobre um cachorrinho muito corajoso, o nome dele é Faísca, como o seu.

O menino contou a história enquanto segurava o filhote, acariciando-o. Elias sentiu os batimentos do coração de Faísca diminuírem à medida que as palavras deixavam seus lábios e as carícias tornavam-se ritmadas. Mas não era apenas o cãozinho que se acalmava, o menino também se sentia melhor. O calor do corpo de Faísca era um lembrete de que Elias não precisava mais se encolher sozinho no chão frio, tampando os ouvidos durante aqueles minutos assustadores. Agora ele tinha um amigo, por mais inesperado que fosse, e o garoto estava grato, *imensamente* grato.

Os dias passaram, o aniversário de Elias chegou, e, como se alguém tivesse lhe deixado um presente, o menino encontrou um relógio de aparência cara em meio aos escombros do último ataque.

Ele e Faísca mal tinham alcançado a esquina quando ouviram passos se aproximando. Elias se virou e viu um grupo de garotos que pareciam estar procurando alguma coisa. Sem pensar duas vezes, ele começou a correr, com o filhote em seu encaixe. Uma série de xingamentos os seguiu, mas os dois escaparam e logo chegaram a uma loja de penhores.

Com o dinheiro da venda do relógio, Elias comprou a melhor refeição que ele e Faísca tiveram nas últimas semanas. Quando ambos estavam satisfeitos, e nem as migalhas do jantar existiam mais, o menino se deitou no chão e observou as estrelas por um buraco no teto.

— Um dia nós vamos sair daqui — ele disse para o cachorro ao seu lado. — Eu vou conseguir juntar dinheiro suficiente para uma passagem de trem, e nós vamos morar no campo, longe da fumaça da cidade e dos bombardeios. É seguro lá, era para onde meus pais queriam que eu fosse, antes de...

As palavras ficaram presas na garganta de Elias quando as memórias dolorosas lhe vieram à mente. Parecendo sentir a angústia do menino, Faísca lambeu o rosto do amigo, que sorriu fracamente, antes de falar:

— Tudo vai ficar bem, Faísca, você vai ver.

Era o dia seguinte ao aniversário, Elias e Faísca voltavam para casa, no bolso do menino estavam as poucas moedas que ele conseguira depois de limpar a chaminé da padaria e um pão que tinha ficado velho demais

para ser vendido. Quando entraram em uma viela deserta, um grupo de garotos surgiu das sombras, o mesmo que tinha aparecido no dia anterior.

— Você roubou o meu relógio — um deles, que parecia ser o líder, acusou.

— Eu não roubei nada, eu encontrei — Elias respondeu enquanto recuava, seus olhos procurando uma saída que não existia, eles estavam cercados.

O círculo de garotos se fechou mais em torno deles, o líder do grupo exigiu que Elias devolvesse o relógio e, quando o menino disse que não o tinha mais, uma ordem silenciosa foi dada aos outros.

Os momentos seguintes foram uma confusão, Elias lutou contra os garotos, Faísca tentava ajudá-lo, e, quando um dos seus adversários se precipitou para atacar o filhote, o menino se jogou sobre o amigo, protegendo-o.

Apitos soaram a distância e os garotos cessaram o ataque, reconhecendo a chegada dos policiais, rapidamente eles se dispersaram, mesmo assim, Elias não soltou Faísca. Com esforço, ignorando a dor em um dos joelhos e no pulso, o menino se levantou e começou a mancar em direção à casa.

Ele tinha que sair dali depressa, se os policiais o encontrassem, seria levado para um orfanato ou para um abrigo. Elias sabia que nenhum dos lugares aceitaria um animal, e ele jamais deixaria Faísca sozinho.

Vozes e rosnados acordaram Elias, por um momento ele achou que ainda estava perdido nas lembranças do passado, mas as dores no corpo

provaram que aquele era o presente. Uma série de latidos raivosos irrompeu de algum lugar próximo e o garoto tentou, sem sucesso, se mover.

— Faísca — chamou quando um silêncio súbito caiu sobre a casa abandonada.

Não houve resposta, e, por alguns instantes dolorosos, Elias temeu que algo terrível tivesse acontecido. Mas então a figura pequena de Faísca apareceu, uma de suas patas encolhidas para não tocar no chão. Ele não estava ferido antes, o menino tinha certeza disso.

Com um choramingo, o filhote se recostou em Elias, que o envolveu cuidadosamente com o braço machucado. O menino sentiu o coração apertar quando o medo do que aconteceria com os dois se abateu sobre ele.

— Tudo vai ficar bem, Faísca, tudo vai ficar bem — sussurrou com a voz chorosa, tentando tranquilizar tanto o amigo quanto a si próprio.

Elias estava sozinho quando acordou, seus olhos percorreram a sala procurando por Faísca, mas não havia sinal do filhote. Horas se passaram e ele não apareceu, o menino tentou se levantar diversas vezes para procurar pelo amigo, porém, não conseguia.

Quando a noite caiu e o cãozinho ainda não voltara, Elias começou a chorar, algo tinha acontecido ao seu melhor amigo, ou ele o deixara. E agora o menino estava sozinho na casa abandonada, como estivera durante meses, mas ela nunca parecera tão vazia.

A princípio ele achou que estivesse sonhando novamente, mas então as vozes ficaram mais claras, e, através da vista embaçada, Elias viu figuras se aproximando, adultos. O medo se apossou dele por alguns segundos, no entanto, um focinho molhado tocou sua bochecha e o menino virou naquela direção.

— Faísca — o sussurro aliviado escapou de seus lábios.

O amigo estava bem e ele não o tinha abandonado, uma onda de vergonha passou por Elias, por ter ao menos cogitado tal hipótese. Ele queria pedir desculpas, mas estava muito cansado, tentou lutar contra a escuridão que tentava dominá-lo, contudo, acabou perdendo a consciência.

Elias acordou em um hospital. O médico contou que, quando estava voltando para casa, vira um filhote ferido tentando chamar a atenção de qualquer pessoa que passava pela rua. Ele tentara ajudá-lo, mas o cachorro começara a mancar por um beco, olhando para ele e latindo, como se quisesse que o homem o seguisse. O que ele fez, mesmo sem saber por quê.

— Ele salvou sua vida e está lá fora faz três dias — o médico declarou.

O menino pediu para vê-lo e o médico concordou. Assim que saiu do hospital, Elias viu Faísca sentado perto do poste, ele correu para o garoto o mais rápido que podia, alguém tinha cuidado da pata ferida. Elias pegou o filhote no colo e murmurou uma série de desculpas, dizendo no final:

— Tudo vai ficar bem, eu prometo.

E, dessa vez, Elias realmente acreditava nas palavras.

O ancião assistiu ao garoto jogar uma bola para o cachorro, que a pegou momentos antes de atingir o chão, o menino bateu palmas e o filhote correu para ele.

— O senhor viu, vovô? — perguntou, acariciando o cão.

O homem assentiu, sorrindo, o garoto veio se sentar ao seu lado, sendo imitado pelo companheiro.

— Espoleta é um cachorro muito esperto, o melhor do mundo! — o menino declarou.

— Sim, ele é. Na verdade, eu acho que isso é de família, já te contei sobre o cãozinho Faísca?

— O da história que seu pai te contava?

— Não, não aquele, outro Faísca, tão corajoso quanto, o... — Inclinou a cabeça, pensativo. — ... bisavô do bisavô do Espoleta.

Os olhos do menino se encontraram com os castanhos do cachorro antes de ele se virar novamente para o avô, o rosto brilhando com expectativa. O ancião sorriu antes de começar a contar a história de um cãozinho que, há cinquenta anos, fora o único e melhor amigo de um garotinho perdido, e sobre como, apesar de todas as adversidades da guerra, com a ajuda de um médico bondoso, tudo ficara bem.

Nayara Yanne

Um novo milagre

Meus pés se arrastam enquanto caminho para casa. Depois de um longo dia de trabalho, tudo que quero é tomar um banho e dormir. Estou tão absorta que quase não percebo um choro baixo que vem da minha direita. Chego mais perto e encontro um filhotinho dentro de uma caixa de papelão. Está sozinho e seu corpinho treme de frio, enquanto seu choro torna-se cada vez mais alto.

— Vem cá, campeão. — Eu o pego no colo e dou uma boa examinada. Ele está um pouco sujo e magro, mas é simplesmente lindo. Ele começa a lamber meu rosto assim que o aproximo de mim. Sorrio com a sensação; desde que eu era uma criança de dez anos que não tinha um cachorrinho. Mas, nesse momento, a vontade de levá-lo para minha casa nada tem a ver comigo; nesse momento só consigo pensar em como Lipe ficará feliz quando o vir.

O difícil será convencer Rogério; meu marido não gosta muito de animais, mas sei que posso convencê-lo, pois tenho certeza que eu ter encontrado esse pequeno teve um motivo. Acredito fielmente que tudo acontece por uma razão.

— Júlia, não acredito que você trouxe um vira-lata para dentro de casa. — É a primeira reação de Rogério, assim que adentro a nossa sala de

estar. O cão em meu colo treme e tenta se esconder nos meus braços.

— Você não vê que ele está assustado? Ele estava abandonado e sozinho, não pude deixá-lo. — Rogério passa a mão pelos cabelos, impaciente. Resolvo apelar. Aproximo-me dele e coloco o cão na frente dos seus olhos. — O Thor não é a coisa mais fofa que você já viu? — Ele me olha com completa incredulidade.

— Você já até deu um nome pra ele? — pergunta e vejo sua expressão começar a dar lugar a um sorriso de canto de boca, quando Thor lambe seus dedos. Porém, sei que só vou conseguir convencê-lo quando contar o real motivo que me levou a querer acolher Thor.

— Claro que eu dei um nome a ele. — Sinto que ele parou de se mexer e percebo que caiu no sono em meu colo. Acaricio suas orelhas enquanto ele respira de forma pesada.— Escuta, meu amor, eu acho que o Thor vai fazer muito bem ao nosso Lipe, eu sinto isso. — Nesse momento a expressão de Rogério suaviza; ele, enfim, entendeu aonde quero chegar. Mas, ainda assim, posso notar uma ponta de incerteza em seu semblante.

— Eu não sei, Júlia, eu... — Rogério para de falar, quando Lipe entra na sala. Seus olhos passeiam de nós para Thor e assumem um ar curioso. Sinto meu coração transbordar de carinho ao olhar para meu filho.

Com apenas dois anos, Felipe foi diagnosticado com Transtorno do Espectro do Autismo, grau dois. Ele não interagia com as outras crianças, não falava nem uma palavra e ficava inquieto sempre que o levávamos a lugares novos. Na época, descobrir que meu filho tinha autismo me apavorou de tal forma que eu chorava por dias em meu quarto. Demorei para aceitar a sua condição, o que foi um erro, pois retardou o início do tratamento. Fui tão egoísta, tão fraca... e sei que essa culpa sempre pesará em meu coração. Hoje, Lipe apresenta algumas melhoras, insignificantes aos olhos de outros, mas a cada diálogo mais longo, a cada sorriso, nosso

coração se enche de alegria. Cada passo nessa longa caminhada, para nós, é um milagre.

Espero que Lipe venha até mim. Thor ainda está sujo, mas não posso quebrar esse momento. Eu preciso que Lipe sinta uma conexão com ele. Esse é o instante decisivo: Ou Lipe irá gostar do cãozinho, ou não.

Quando ele está próximo o bastante, resolvo encorajá-lo.

— Olha, meu amor, esse é o Thor.

Lipe olha de mim para Thor, não consigo decifrar sua expressão. Então, num ímpeto, ele estica os braços para mim. Lanço um olhar para Rogério, que observa a cena de longe, e coloco Thor à frente de Lipe. Lágrimas brotam dos meus olhos no instante em que ele pega Thor e o abraça com força. O filhote no mesmo instante começa a lambe seu rosto e Lipe abre um sorriso, um sorriso que ilumina tudo ao meu redor, que ilumina a minha vida.

Eu sabia que Thor estava no meu caminho por alguma razão: trazer vida ao meu amor.

O sábado chega e me sinto renovada. Nos últimos dois dias, Lipe tinha feito um progresso significativo. Estava sempre com Thor por perto, o abraçando, fazendo carinho e brincando. Seus sorrisos eram mais frequentes e naquela manhã ele me olhou com tanta ternura que resolvi arriscar algo novo: levá-lo para um passeio no parque.

Lipe não gosta de sair de casa, de sua rotina. Tudo para ele precisa ser metódico: a hora de suas refeições, a hora de dormir. Na hora de brincar ele coloca seus brinquedos ordenados e, se acabamos por movê-los, em algum momento, ele os abandona e não volta a se sentar para brincar.

Lipe também não gosta de companhia para suas brincadeiras. Ontem foi a primeira vez que ele permitiu que alguém bagunçasse seus brinquedos. Eu estava na cozinha preparando o almoço quando ouvi o barulho de algo caindo. Corri para a sala e vi que Thor havia derrubado um dos bonecos de Lipe. Fiquei receosa quanto à sua reação, mas ele apenas pegou o boneco e o colocou de volta no lugar. E repetiu esse procedimento com todos os brinquedos que Thor derrubou.

E é por isso que estou confiante.

— O que você acha de irmos ao parque, filho? — Instantaneamente ele balança a cabeça de modo negativo. Ajoelho-me para ficar da sua altura e pego suas mãozinhas. — Você não acha que o Thor ia gostar de conhecer o parque? — Ao ouvir o nome do cão sua expressão muda. Consigo perceber sua cabecinha trabalhando, tentando se decidir. Por fim, ele assente.

O parque fica a duas quadras da nossa casa. É um grande espaço verde com um lago com estátuas de anjos e um chafariz. Alguns patos também habitam o lugar e estes enlouquecem Thor, que, no momento que os vê, começa a latir insandecidamente.

— Para um filhote você tem um latido bem alto — resmunga Rogério, ao meu lado.

Desde que saímos de casa, Lipe não largou Thor. Ele o está apertando tanto que sinto que pode machucá-lo a qualquer momento.

— Deixa a mamãe segurar ele um pouquinho. — Estendo o braço para pegá-lo, mas Lipe faz que não. — Filho, solta um pouquinho o Thor, solta? Ele pode se machucar. — Lipe olha para o animal, que está se contorcendo em seu colo, tentando morder sua mão. Ele então afrouxa o aperto e Thor se acalma.

Caminhamos por algum tempo no parque e tudo parece calmo. Vamos até a área dos brinquedos e consigo convencer Lipe a deixar Thor comigo enquanto Rogério o leva ao escorregador.

Sento em um banco próximo e coloco o pequeno em minhas pernas. Ele automaticamente deita e começa a rressonar baixinho. Acaricio sua cabeça e me pergunto como é possível alguém fazer mal a um animal desses. Como é possível existirem seres humanos assim. Sempre tive o pensamento de que cães são anjos de quatro patas que vêm ao mundo para salvar os seres humanos, pois são capazes de amar aos seus donos mais do que muitos humanos amam o próximo.

— Mike. — Ouço uma voz infantil gritar e viro a cabeça, sobressaltada. Um garoto de aproximadamente dez anos corre em minha direção.

— Lucas, espere. — Uma mulher com a idade próxima a minha se aproxima do garoto. Ela me olha como se pedisse desculpas, mas no mesmo instante seus olhos pousam no cão em meu colo.

— É ele, mamãe, eu sei que é. — O garotinho aponta para Thor.

Não, não pode ser o que estou pensando.

— Com licença, me chamo Ana — a mulher à minha frente se apresenta. — Nós achamos que o cãozinho que está com a senhora é nosso.

— Deve haver algum engano, eu o encontrei numa caixa, todo sujo, há alguns dias. — Ana ruboriza no mesmo instante em que termino de falar. Ela explica que a babá não gostava do animal e acabou abandonando-o, e contou a família que ele havia se perdido. Desde então eles estavam procurando por ele.

Em nenhum momento me passou pela cabeça que aquilo poderia acontecer. Para mim, o haviam abandonado e ponto final. Sinto minha garganta começar a fechar e meus olhos turvarem de lágrimas. Mesmo assim, mantenho a voz firme.

— Eu... sinto muito, mas não acho que podemos devolvê-lo. — O garotinho começa a chorar. Ana me acusa com o olhar e sinto que vai começar uma discussão, quando Lipe aparece ao meu lado.

— Quem são essas pessoas, mamãe? — Lipe tem o semblante sério, nenhum sinal de estar prestes a chorar, o que não é nada bom. Quando ele esconde suas emoções, isso o faz se fechar em seu mundo ainda mais, é sua válvula de escape, sua maneira de se proteger. Apesar de sua pergunta, sei que ele ouviu a conversa; suas mãos tremem e ele pede para que eu lhe entregue Thor.

Esse cãozinho foi nossa salvação nesses dias, mas isso não significa que eu possa me apossar dele se ele já possui um dono. E Lucas parece realmente gostar do animal.

— São os donos do Thor, meu filho. — Estendo-o para Lucas, que o pega com carinho. Thor ainda está dormindo, mas se mexe um pouco quando é tirado de sua posição. Uma lágrima escorre dos meus olhos. Lipe está imóvel enquanto Lucas abraça seu cachorrinho e, logo após, nos dá as costas juntamente com Ana, que nos lança um único olhar. Ela parece feliz e triste ao mesmo tempo.

Abraço meu filho, mas ele me afasta com suas mãozinhas. Nesse momento meu coração se parte em inúmeros pedaços.

É incrível como tão pouco tempo pode mudar tanto a vida de alguém. Thor estava conosco há pouco dias, mas sua ausência é tão profunda e palpável. Lipe parece pior que antes. Está ainda mais fechado e calado do que nunca. Passa grande parte do dia sentado na janela do seu quarto, que fica no segundo andar, ele parece esperar que Thor apareça.

— Mamãe! — Escuto Lipe gritar e corro para seu quarto. Como eu imaginava, ele está sentado na janela e aponta para baixo. Aproximo-me e vejo Ana junto com Lucas chegarem ao nosso portão, eles trazem Thor no colo. Pego Lipe e corro até lá. Assim que chegamos, Ana olha para Lucas, o encorajando. Ele então estende Thor e Lipe o pega. Meu filho abraça seu cãozinho e faz algo que surpreende a todos, abraça Lucas. Começo a sorrir cada vez mais e, quando dou por mim, as lágrimas se misturam ao riso. Ana também chora, assim como Rogério, que nos observa da sala. Eu me emociono, pois, mais uma vez, Thor realizou no meu amor um novo milagre.

Natasha Coutinho

Uma canção para Molly

O pôr do sol na cidade de Mogi-Guaçu não é dos mais bonitos que já presenciei, mas é algo que sempre me fascinou, não importa o lugar que eu estivesse. Não pela sua beleza, mas pela sensação de paz, de alegria em estar ao lado de pessoas que você ama, ao lado de seu animal de estimação que, muitas vezes, parece amar mais a você do que a si mesmo. Estou na varanda de casa já tem algum tempo, em minha velha cadeira de balanço, talvez pela última vez ao lado de minha adorável, magnífica e corajosa cadela, Molly. Meus pensamentos voam. Eu nunca havia parado para pensar em quantos animais já passaram em minha vida ao longo desses 85 anos. Em quantas aventuras tivemos ao longo desse tempo. Os risos, as lágrimas, as diversões. São lembranças que ficarão marcadas para o resto da minha vida.

Molly cruzou meu caminho há quase 18 anos, uma longa vida para uma cadela sem raça definida. Minha história com ela é um tanto peculiar, eu não fui buscá-la num canil, ou a ganhei de algum vizinho. Molly entrou em minha vida do jeito mais estranho que um animal pode entrar na vida de um ser humano. Deixando sua marca e mudando minha vida para sempre.

Era por volta das 8h da manhã, meu marido e eu estávamos a caminho da praia, iríamos passar o Natal na casa do nosso filho, Arthur. A estrada estava cheia como todos os anos, por sorte a chuva havia parado e a visibilidade melhorara bastante. À nossa volta, muitos carros passavam com famílias de todas as partes do estado, era visível a felicidade das pessoas nessa época do ano. Passar o Natal na praia e se divertir na água era algo que poucas vezes cheguei a fazer. Era gostoso, não vou negar. Mas não gosto de tumulto, sou aquela mulher caseira que gosta de passar uma data comemorativa com familiares e amigos bem próximos. Naquele dia eu decidi visitar meu filho, fazia alguns meses que eu não o via. A saudade era grande e a ansiedade em chegar logo à cidade tomava conta dos meus pensamentos. Não sei se aquilo foi sorte ou o destino nos testando. Havia um carro à nossa frente, o pai dirigindo concentrado na estrada, a mãe no carona gritando com as duas crianças no assento de trás. Foi tudo muito rápido, só escutei o som dos pneus do carro em que eu estava freando

bruscamente. Cheguei a me impulsionar quase batendo a cabeça no vidro. Assustei-me com isso e perguntei ao meu marido, Jorge, o que havia acontecido, e ele apontou o dedo para a estrada. Pude ver, a alguns metros do carro, um pequeno cachorrinho choramingando. No começo achei que aquele pequeno ser havia pulado para fora do veículo, pois o vidro traseiro estava aberto. O carro também parou, olhei para o retrovisor e vi que o homem me encarava. Desci mesmo com todo o perigo do trânsito e caminhei na direção do cachorrinho. Vi de longe que ele estava com medo, encolhido, querendo seus donos de volta. Acenei para o homem no carro, até pensei que ele fosse descer. Ele simplesmente apertou o pé no acelerador e desapareceu na primeira curva. Foi doloroso ver aquele pequeno animalzinho ser abandonado por uma família que deveria protegê-lo. E mais doloroso ainda para o animalzinho, que ficou tentando entender o que havia acontecido.

Foram 30 minutos que fiquei ali, ao lado do cachorrinho, no perigo do trânsito, até ganhar sua confiança. Conversei com ele com toda paciência que uma mãe tem com seu filho, brinquei, ofereci comida, até que ele se rendeu e me deixou fazer o primeiro cafuné. Na verdade, era uma cadela, e havia uma coleira com a letra M em seu pescoço, logo, eu a batizei de Molly, o nome do meu primeiro animal de estimação.

Molly se acostumou rápido aos horários de casa, antes mesmo de o relógio tocar, às 5 da manhã, ela já estava sentada à beira da cama, esperando o toque do relógio. Tomávamos o café da manhã juntas e saíamos para caminhar ainda antes do nascer do sol. Ela parecia compreender tudo o que eu dizia. Não era como aqueles cachorros que destroem tudo em sua casa. Era como se um anjo tivesse entrado em minha vida. E na verdade foi, Molly transformou minha vida naquela manhã. O carinho que sinto por ela é inexplicável, como se ela fizesse parte da minha história há muito anos. No começo, fui receosa em trazer um animal para casa, a bagunça, suas necessidades espalhadas pela casa. Eu já estava velha para isso, mas Molly não era como nenhum cachorro que já tive, ela era especial. Eu sentia isso e, de certa, forma ela também. Certo dia eu estava em casa sozinha, Jorge havia saído de casa para ir ao supermercado. Lembro-me perfeitamente de Molly sentada em frente à porta de entrada de casa, esperando-o voltar. Ela estava impaciente, como se alguma coisa estivesse para acontecer. Pensei que ela quisesse dar uma volta pelo quintal e, conseqüentemente, abri a porta. Aquele anjo simplesmente saiu correndo

e entrou na garagem, latia, corria até meus pés e voltava para a garagem. Fui ver o que estava acontecendo, pois moro longe da cidade, e, às vezes, algum animal silvestre aparece. Vi Jorge caído no chão naquela manhã, Molly lambia seu rosto na tentativa de fazê-lo acordar. Eu nunca vou me esquecer do que ela fez por ele, se não fosse por Molly, talvez meu marido não tivesse vivido mais alguns anos. Eu ainda sinto que ele nos protege, assim como Molly sempre fica olhando para o lado da cama onde ele dormia. Talvez ela visse mais do que um lugar vazio.

Depois da morte de Jorge, Molly se tornou ainda mais protetora. Fica me esperando tomar banho sentada à porta do banheiro. Dorme aos pés da minha cama todas as noites. Ela é feliz apenas por estar ao meu lado. E isso é algo difícil de compreender nos cachorros, eles parecem nos amar tanto e, muitas vezes, nem ligamos para a presença deles ali. É estranho esse sentimento que eles têm por nós, às vezes ficam nos esperando na porta de casa por mais de 5 horas. Mesmo que eu não retribuía todo esse carinho, ela sempre está ali, feliz. Vou sentir muita falta da sua companhia, de sua alegria, dos nossos abraços, dos momentos mágicos que passamos ao longo desses anos.

Molly está aqui deitada em minha perna, com aquele olhar triste. Ela sabe o que está acontecendo, o que vai acontecer. Nesses 18 anos de convívio, eu nunca a vi desse jeito, triste. Desde que entrou em minha vida ela sempre foi alegre, feliz, mas hoje, principalmente hoje, as coisas não estão como sempre. Sei que você também vai sentir minha falta e que ninguém vai brincar com você do jeito que eu brinquei.

Não tem como eu te agradecer por todos esses anos. Mas tem como eternizar nossa amizade, de um jeito simples, feito com todo meu amor. Fiz essa canção em nossa homenagem, e espero que um dia alguém a cante como eu realmente canto. Você é uma parte de mim que nunca vai morrer. Uma parte que nem o tempo pode apagar.

Uma canção para Molly

Eu refletia sobre a vida,
Como o tempo passou tão rápido,
Lembranças foram deixadas para trás,
As melhores eu guardarei dentro de mim.

Não era para ser assim,
Tudo aconteceu tão rápido,
Num segundo eu estava dentro do carro,
No outro, sentada ao seu lado.

Quando eu te vi,
Um amor nasceu em mim,
Quando eu te vi,
O tempo parou e naquele momento tudo mudou.

Você foi um anjo que entrou na minha vida,
A estrela que brilha lá no céu,
Mesmo que essa dor me faça chorar,
Eu te amarei por mais de uma vida.

Nossa historia ainda não chegou ao fim,
Há muito para contar,
Hoje eu estou te dizendo adeus,
Um dia vamos nos reencontrar.

Quando eu te vi,
Um amor nasceu em mim,
Quando eu te vi,
O tempo parou e naquele momento tudo mudou.

Quando escutar nossa canção,
Sorria, eu estarei sorrindo com você,
Tudo vai ficar bem, um dia vamos nos reencontrar.

Quando eu te vi,
Um amor nasceu em mim,
Quando eu te vi,
O tempo parou e naquele momento tudo mudou.
Com todo meu amor, Luiza.

Fernando Diaz

Uma semente no escuro

A paixão por hamsters já vem da infância, quando a informação sobre eles ainda não era muito clara e fui presenteada com duas pequenas bolinhas que se tornaram, ao longo de dois anos, uma centena de bolinhas. Todos foram para outros lares, é claro, e apenas uma permaneceu, pois era pandinha. Esses roedores vivem muito pouco e na época eu era nova demais para sentir de fato a grande falta que vem com a morte deles.

Quase dez anos depois, sem animais de estimação e cheia de problemas familiares que cada vez mais me faziam afundar, Phoebe chegou em minha vida. E sempre vou amá-la, uma pandinha síria que viveu comigo por um ano e sete meses. Mas essa história não é sobre ela ou sobre Bephoe, um pandinha macho que só pôde viver 22 dias comigo. É sobre como uma siriazinha espevitada chamada Touko roubou meu coração para a eternidade.

Foi numa terça-feira à tarde, com sol tímido, muitas nuvens, último dia de julho. Ainda estava abalada pela morte da Phoebe, ocorrida apenas duas semanas antes, mas sentia-me pronta para cuidar de mais uma, com um senso de que outras pequenas bolinhas precisavam dos meus cuidados. Ao chegar ao *pet shop*, um milhão de barulhos diferentes, de porquinhos da índia a passarinhos. No canto do fundo da loja estavam inúmeras gaiolas pequenas. Em cada uma delas, cerca de vinte filhotinhos de hamster vivendo em condições precárias logo no início da vida. Determinada, peguei uma gaiola e escolhi um filhote que esperava ser fêmea. Menor que um dedo mindinho, era branquinho com manchinhas marrom-acizentadas pelo corpo. Assim que escolhi, entretanto, meu pai pediu que eu escolhesse outro, um machinho, para que pudessem fazer companhia um ao outro. Na época ainda não tínhamos ideia de que hamsters são bichinhos solitários, coisa que eu viria a descobrir em breve. Conheci assim, Touko, a menininha, e Touya, o menininho.

Ambos dividiram a gaiola sendo filhotes. Eram pequenos, dormiam juntinhos e brincavam, a definição de felicidade. Touya era um serzinho assustado, que confiava em mim sempre desconfiando. Dormia no meu colo e aceitava os petisquinhos, mas estava sempre tremendo. Por outro lado, Touko era absolutamente espoleta. A bichinha não parava quieta, corria

para todos os lados e sempre pedia para sair da gaiola, jogando seu charme com olhinhos inocentes.

De fato pareceu uma situação feliz até percebermos que o Touya era, na verdade, a Touya. Sendo um hamster sírio, seus testículos jamais apareceram, uma das confirmações de que se tratava de uma mocinha. Conforme iam crescendo e dividindo a mesma gaiola, Touko foi se mostrando cada vez mais atijada, determinada a irritar e a provocar Touya do modo que conseguisse, estapeando e mordiscando. Até que ela perdesse a paciência de vez. E isso quase custou a vida da Touko, num ataque obcecado da Touya em pegá-la. Descobri da pior forma, naquela época, que hamsters não podiam viver juntos. Hoje sei que são animais solitários e, ao contrário de outros roedores, ficam estressados e podem brigar até a morte, não podendo viver juntos em hipótese alguma. Por isso, se eu já não culpava a Touya antes de descobrir a informação, hoje me sinto culpada por ter feito com que elas convivessem de tal forma.

Ambas foram separadas em suas respectivas gaiolinhas e assim foi até que o primeiro problema ocorresse. No início de dezembro, Touya amanheceu muito molinha, sem levantar até mesmo para comer. Sua boca estava inchada, com cheiro de pus ao abrir. Até levar ao veterinário, no dia seguinte, passei a noite derretendo ração para fazer papinha e dando para que ela pudesse comer e não subnutrir. O diagnóstico foi infecção no maxilar, que resultou na retirada de um dos dentes de baixo, o qual estava solto e já enorme, pela falta de desgaste. Infelizmente, Touya era nova demais para suportar a doença. Sem resistir, ela faleceu no dia 08/12/2012, ficando pouco mais de quatro meses comigo. A dor, como sempre, pareceu insuperável. Mas é sempre necessário seguir em frente, porque há alguém que precisa de você. E, atravessando o momento difícil na vida, superei para cuidar da irmãzinha restante.

Ao longo de quase um ano Touko alegrou a todos os meus momentos. Fazia-me rir com as palhaçadas que provocava, fosse escalando a gaiola ou andando por cima da rodinha; deixava-me com vontade de dar a comida que não podia, pela carinha de pidona. Ela era a queridinha da casa e podia, quando liberada para passear, roer tudo o que quisesse. Mas suas palhaçadas talvez tenham tido um pequeno preço.

No fim de semana do vestibular de 2013 vi que ela não estava bem. Um de seus olhos estava saltado para fora e ela não conseguia fechar a pálpebra. Sem poder ver melhor, para não me atrasar, saí sem tirar a

serragem para não machucar. Quando voltei seu olho já estava seco, sem umidade. Ao voltar ao veterinário, dessa vez com ela, o olho tinha pouca chance de ser salvo e o outro corria risco, já que a infecção se espalhou para o que estava saudável. Por estar em uma idade ideal, e com a ajuda de um especialista, felizmente Touko não perdeu a vida, mas ambos os olhos. O primeiro acabou caindo e o segundo foi absorvido pelo organismo.

Isso, entretanto, não afetou a personalidade espoleta. Touko, após cega, ficou ainda mais forte, charmosa e corajosa, pronta para defender território, além de uma confiança ímpar, mesmo sem a pouca visão que tinha antes, me deixando ainda mais apegada a ela. No fim de 2013 adotei um gatinho e ambos passaram a conviver juntos. Ele não a atacava, ela não se importava com ele, desde que o gatinho não se aproximasse da gaiola. Nas poucas vezes em que ele, curioso, chegou perto, levou dentadas na patinha, cuja cicatriz existe até hoje.

Porém, um ano após vencer **quase** integralmente sua infecção, sem os olhinhos e já idosa, descobrimos dessa vez que ela possuía um tumor na bochecha.

A Touko não estava bem, é claro. E o coração **já** tentava se preparar para a despedida que viria a ser a mais dolorosa pela qual passei. Sabia que ela estava no fim da sua pequena vida, mas acreditava fortemente em sua recuperação, para que ela pudesse ficar mais um tempo ao meu lado. Dava os remédios receitados — pegos no dia 17/09/14 — na hora certa, observando-a em cada passo para ver se a bichinha precisava de algo. E no dia dezessete me deitei para dormir, já que no dia seguinte eu teria uma prova importante em que realmente precisava me sair bem.

Uma coisa necessária a se saber nesse ponto é que tenho sono extremamente pesado. Além de achar que nasci para dormir, também uso tampões de ouvido para abafar os barulhos. Então você pode se perguntar o que aconteceu, e eu nunca vou saber exatamente o motivo de ter acordado do nada às três da manhã do dia 18/09/14. Posso ter ouvido um barulho inconscientemente, tive um sonho do qual não me lembro ou ter recebido notificações em redes sociais. Sempre vou preferir acreditar que a Touko me acordou para se despedir.

A primeira coisa que fiz ao acordar foi pegar o celular para iluminar a gaiola — sempre ao meu lado — e ver como a pequena senhorinha estava. Ela estava na gaiola, em pé e segurando com as duas patinhas dianteiras na grade, farejando na minha direção. Foi um alívio ver que não só estava

acordada, como também parecia estar disposta e ativa também. Eu a peguei para dar o remédio homeopático, que poderia ser dado a qualquer hora, e segurando-a pelo pescoço, joguei o líquido com a seringa na boca dela. Em seguida, dei um beijo em sua cabeça, entre as orelhas, e a devolvi para a gaiola.

A partir daí, tudo fica nublado em minha mente. Tenho quase certeza de ter resolvido olhar as notificações no Facebook; coisa de que me arrependo até hoje, por mais que eu nunca fosse saber. Sei que não olhei por mais de dois minutos e, antes de voltar a dormir, joguei a luz na direção da gaiola para ver se a Touko tinha se aconchegado no ninho. E são nessas horas que o coração para, o mundo fica em silêncio, a respiração entrecortada e a visão borrada. Minha hamsterzinha estava no terceiro andar da gaiola, estiradinha, sem movimento. E no desespero, já sabendo o que tinha acontecido, já murmurando o seu nome, acendi a luz do quarto para abrir a gaiola.

Touko já não tinha mais batimento — tão acelerado em hamsters — nem era possível sentir a respiração fraquinha dela. A batalha já estava perdida, mas o desespero faz com que a gente tente as mais diversas loucuras, o que incluiu massagem cardíaca. Não deu. Ela faleceu, após conferir as horas, às 03h09 da manhã do dia dezoito de setembro de dois mil e catorze.

Hoje em dia, quase três anos depois, a saudade ainda aperta. Costumo dizer que ainda não superei totalmente. Não é todo dia que um ser com menos de vinte centímetros de comprimento chega à sua vida e a muda completamente. Pessoas dizem que eu mudei após a morte da Touko, mas sei que mudei durante sua passagem também. Hamsters não são tão conhecidos como cães ou gatos, e muitas vezes poucos pensam neles, incluindo seu bem-estar, afinal “é só arranjar outro”, adquirindo-os sem pensar na responsabilidade, dedicação e gastos com veterinário, que são caros. Mas uma coisa que deveria começar a se espalhar pelas pessoas é o afeto que eles trazem. De fato, eles não irão até a porta te receber com festinha e sons animados. Ainda assim, esperarão na porta da gaiolinha, escalando, tentando sair. Vão fazer sons baixinhos, quase inaudíveis, mas que mostram que estão conversando com você. Irão dormir no seu colo. E o que poderia ser um sinal maior de confiança que não um bichinho pequeno e assustado confiando a hora do sono a um gigante?

Touko foi a hamsterzinha que viveu mais tempo comigo e me ajudou a atravessar o período mais difícil da minha vida. Às vezes, ela parecia ouvir e me entender melhor do que ninguém, e o som de sua rodinha alivia-me em crises existenciais. Sinto saudades todos os dias, que nunca serão sanadas. O que acalma é saber que ela cumpriu sua missão em me fazer feliz e, sendo uma hamster, também foi para o céu.

Camila Lobo

Vida morta

Diva apertou a bengala e subiu a escada do caminhão baú, passou pelos móveis embalados no plástico bolha e se acomodou num sofá, ao lado de um mico que despertou ao ouvir os passos arrastados. Com preguiça, o animal olhou de lado e, agora alegre, pulou no colo da menina. Mico-leão-dourado era o nome dele; o veículo, um caminhão de mudança com uma das paredes de vidro. O motorista, um homem triste, deixava o vidro sempre sem manchas. “As pessoas devem ver o interior para se lembrarem das coisas que nem existem mais, por isso deixo limpo.”

Diva, porém, via só pálpebras preguiçosas — duas telas escuras — e pensava bem nas palavras do pai: “Filha, você tem que usar as tintas para preencher as telas, há duas cores para formar as outras, a lembrança para preparar o fundo e a saudade que vem por cima”. A menina lembrava-se bem da voz dele, pois o havia pintado com bastante saudade.

Depois que ela se acomodou, uma arara pousou perto, saindo do fundo de um baú aberto — Arara-azul era o nome —, e falava rapidamente, embolando as palavras. “Olá, mocinha, não sabia que você ia viajar conosco.” Diva sentiu a pena abaixo do bico da ave e deu um sorriso leve; a criança sempre pintara as penas da Arara-azul e os pelos do Mico-leão-dourado com lembranças.

“Ei, Diva, que cor eu sou?”, a arara perguntou. “Preto e fofo?”, a menina respondeu; mas a outra ficou brava, replicou que o preto não tinha cor. Então o mico negou: “Toda cor é cor, senhora arara”. “Viu só, senhora?”, Diva brincou, “o mico é sabido, se ele falou, tá certo.” E a arara abriu as asas, trazendo uma brisa colorida para o grupo. “Todos deviam brincar mais, né, gente? Assim não teriam tempo para eliminar”, suspirou a arara. O mico sorriu de leve e deitou a cabeça. A arara continuou, agora lembrando-se em voz alta das matas; falou tanto em saudade e lembrança que o rosto de Diva brilhou, as bochechas ficaram vermelhinhas de tanto sorriso — a mata era a casa deles, e todos amavam o lar.

“Sabia que nosso lar é único e não há matas iguais no mundo? Minha mãe falava isso”, disse a garota, “ainda sinto as plantas nas mãos.” Nisso, a arara contou sobre os voos por cima das Amigas e falou sobre quando suas asas sacudiam as folhas — mas as Amigas gostavam mesmo era de dançar ao som ambiente da floresta quando o ar soprava fresco. E todas as árvores do mundo eram Amigas, elas sacudiam quando o vento chegava com o cheiro de terra. “Isso quando estavam vestidas, né?”, disse o mico, “porque quando não estavam, nem o jovem pica-pau queria bicá-las.”

A garota pensou sobre o comentário: “Mico, minha mãe disse que quando as Amigas se despem é porque perdem as folhas. Por que perdem o verde?” Na velha sabedoria do amigo peludo, ele respondeu: “Porque há ganho nas perdas, aí perdem as folhas para voltarem mais fortes”. A arara fechou o bico e fez que sim várias vezes: “Mas que bicho danado”.

Durante a conversa, um pica-pau se mexeu — estava empoleirado numa haste no teto —, Pica-pau Papo Amarelo era o nome, voou para o ombro da menina, os dedos dele eram fortes; e o ombro de Diva, magro, porém, a ave a tocou gentilmente. “Você é linda como as Amigas”, sussurrou no ouvido dela; Diva adorava o toque dele, se sentia uma árvore. Então, o pica-pau estreitou os olhos para o mico: “E senhor Mico-leão-dourado, é claro que não gosto que as Amigas se dispam, gosto delas vestidas de verde, igual à Diva”. A arara rebateu: “Mas a pele de Diva não é verde, ora, é oleosa como as sementes que eu gosto”. A falante adorava beliscar sementes.

Disse o mico sem se levantar: “Gente, todos nós temos cores; alguns as completam, outros as misturam, alguns as combinam e tem quem as apagam, é isso”. Hoje seria o último dia da viagem, o peludo sabia, por isso suas cores já começavam a sumir. A arara olhou para ele, coçando as penas. “Sei, não, hein? Só sei que o dourado deve brilhar e o senhorito devia é se balançar por aí, e não ficar de cara feia pra gente, sabe?” Mas o outro nem tempo teve para replicar, pois o caminhão começou a andar e foi balançando pelas ruas de terra até chegar no asfalto.

Depois de muito andar, o veículo parou em algum lugar que os animais não conheciam, nem Diva saberia dizer, pois ela nunca vira aquelas cores — era um ponto gelado e cinza. O mico resmungou: “Credo, não dá nem pra ver o azul do céu, nem o azul da senhora arara”.

“Ei, então eu sei onde paramos.” A ave ajeitou as asas num charme contido para cima do mico. “Só tem um lugar que consegue ofuscar minhas penas, e é a cidade.”

“Sei”, Diva emendou, “onde tiram as Amigas para erguerem obras escuras.” O pica-pau comentou: “Mas olha, aqui onde paramos até que cheira bem”. “Credo, mas nunca!”, reclamou o mico e saltou para as armações do baú, então rodopiou e, por um momento, ficou branco feito uma paleta de cores girando. “Tá, então, vamos parar com essa coisa de ficar calados? Diva deve sorrir.” O pica-pau fez cócegas na menina. “Vai, menina, sorria!”

Enquanto isso, o mico já pousava num tapete duro que parecia uma folha amarela manchada — Onça-que-já-foi-pintada era o nome do tapete. “Era amarelo e preto?”, o mico falou numa voz bem cansada, perto de onde era a orelha da onça, “você é uma folha dourada com olhos negros?” A arara sentiu a tristeza no ar e voou para perto do mico — já que ela adorava falar, iria consolar o senhor peludo e começou a matraquear; até que, por fim, ele abriu o sorriso, e a arara abriu o bico junto: “Aê, fez uma carinha boa, olha aqui, minha gente, quanto dente amarelinho esse menino tem!”

“O que eles estão fazendo?”, quis saber Diva. O pica-pau contou: “Bom, tem o amarelo da onça, o dourado do mico e o azul da arara. Lembra o gosto de bolo de cenoura amarelinho, com o dourado de um ovo cozido e o gelado de um sorvete azul céu”. Diva abriu o sorriso: “Ah, sim, agora eu sei”. Ela foi pintando as lembranças. “Vai, pica-pau, o que mais?” Ele apertou os olhos: “Tá, vamos pintar mais. Agora será um remanso, um balanço num galho e as Amigas rebolando com o vento”, ele trouxe memórias e cenários. “Sempre siga a ordem, Diva, lembrança e saudade. E os mantos úmidos? Prateados igual gelo na palma da mão, que corriam pela terra; chamávamos de rios e riachos, corriam, faziam cascatas, formavam lagos e iam molhando as coisas, igual na hora do banho.” “Estou ouvindo o barulho dos rios”, Diva aprumou o corpo — mas era uma torneira despejando água numa bacia, do lado de fora do caminhão. Era só o motorista, e ele fechou a torneira.

“Mas as tintas não devem se secar, Diva”, o pica-pau se apressou a continuar. O motorista subiu com a bacia para o baú, deixou o objeto e voltou para fora. Um beija-flor entrou, dando um rasante colorido e bebeu a

água, depois foi para o ombro de Diva e ela sentiu os dedos molhados dele; ele passou o bico devagar pelo cabelo dela, e do outro lado o pica-pau fez cara de bravo, até resmungou. A menina coçou o bico de cada um e falou que queria ser uma árvore, para sempre ter os dois ao lado, disputando quem beijaria mais suas flores.

Um tamanduá no canto escutou o som da água e se levantou numa preguiça danada. “Olá, amigos”, o rosto alegre, mas cansado, conversava devagar — Tamanduá-bandeira era o nome. Grande e comprido, cara longa, e, ainda, o que tinha de comprido tinha de carinho; foi até a bacia e bebeu. “Lá vai um verdadeiro cavalheiro educado”, comentou a arara, “esse, sim, é um baita senhor tamanduá.”

O caminhão andou, passaram por uma casa onde se fazia quitutes, Diva quis saber que lugar era: “Tem cheiro de pão e doce, o que é?”

“Padaria”, o tamanduá explicou e falou que adorava a lugar, “gosto de vir por esses lados.” “E desde quando um bicho peludo come pães?”, a arara, intrometida, matraqueou. Com uma serenidade, o outro respondeu: “Mas as formigas adoram”. “Ah, tá. Bem, não entendi, mas tá”, a fofoqueira virou a cara.

“Que cores têm as formigas?”, Diva perguntou. “Marrom e verde”, falou o senhor tamanduá, “e o marrom tem o perfume de barro e terra; e, quando chove, o perfume é mais forte, pois dá pra sentir de longe.” “Eu nunca vi formigas verdes”, interrompeu a arara. O pica-pau só olhando, rindo da arara enquanto Diva penteava a juba do mico. “Minha cara Arara-azul”, o tamanduá, respeitoso, como se toda conversa fosse uma reunião séria, “elas são verdes porque andam nas Amigas e descem para dormirem no solo.”

“O que é o solo?”, Diva não soube o que pintar. “É o chão que sustenta as coisas”, o beija-flor falou baixinho. “Entendi.” “Ei, quem é seu

solo, Diva?”, perguntou o tamanduá. E Diva falou: “Sonhos”. Então se calaram e dormiram — todos ali queriam sonhar lembranças e saudades.

Sonharam quase nada, pois o caminhão parou com uma freada brusca e o baú foi aberto, correndo pelo trilho numa lentidão silenciosa. O mico olhou para a menina e sussurrou: “Ela está dormindo, gente, deixa que eu desço aqui”. “Mas não é sua parada agora!”, o pica-pau defendeu. “É, sim, porque eu não tenho mais sonhos”, respondeu o Mico-leão-dourado e desceu; a porta voltou a se fechar e o caminhão andou.

“Boa tarde, turma”, Diva despertara, “cadê o mico? Não sinto mais as cores dele.” Ninguém respondeu; por fim, ela rolou palavras molhadas pelo rosto. O tamanduá se aproximou e a abraçou: “Ah, ele deixou um beijo, querida. Um beijo bem carinhoso para uma donzela feito você”. “Olha, vamos mudar de assunto?”, reclamou a arara, que não tagarelava mais, e o pica-pau não bicava e o tamanduá começou a passar as unhas pelo chão. Andaram por um tempo assim e Diva voltou a dormir — sonhou com um mato alto, cheio de pássaros no meio, uma cachoeira e um lago; ali pôde estar ao lado do Mico-leão-dourado e da Onça-pintada, deitados sobre flores.

O caminhão parou de novo, o pica-pau voou até uma galhada no teto que servia como poleiro para a arara — Cervo-do-Pantanal foi o nome do dono da galhada, porém, suas cores nem mais eram lembradas. O pica-pau abraçou a Arara-azul, ela evitou cruzar o olhar com o dele, coçando o canto do olho. Ele desceu sem acordar a garota. “Diga que deixei um beijo”, sussurrou para o Tamanduá-bandeira. A porta se fechou, a ave ficou fora.

“Oh, dormi novamente!” “Sonhou, Diva?”, o tamanduá perguntou. “Sim, com a onça e o mico e depois o pica-pau também.” “Ah”, falou o tamanduá. A arara soprou, lá de cima: “Há momentos em que não há palavras para falar, né? Agora eu sei como é ficar calada”.

Depois de um tempo, Diva perguntou: “Sabe, no meu sonho tinha muita água e apareceram rãs e peixes. Qual a cor deles?” Ninguém soube responder, nenhum deles sabia. Diva teve uma ideia: “Talvez o Pica-Pau Papo Amarelo saiba, ele sempre... Ah, não”, a menina respirou fundo. “Um beijo ele lhe deixou, senhorita.”

O caminhão parou, a porta já correndo pelo trilho. “Quero descer, não há mais nada a se pintar aqui”, Diva levantou. “Não! Deixa que eu fico nessa”, falou o tamanduá e rápido emendou: “Olha, turma, nem é tão ruim assim, sinto até cheiro de doces ali fora, deve ter formigas, hein? Não se preocupem comigo.” A arara não apoiou o amigo: “Sei não, o senhor devia ficar conosco, sabe? E eu vou é fechar essa cortina, não tem mais nada aqui pro povo ficar de olho”. E fechou.

O beija-flor encostou em Diva e cerrou os olhos: “Quando a tristeza e a dor são tantas, e o sono e a vontade de sonhar são os únicos confortos, o que se faz, então, é dormir”. Dormiram.

Pouco tempo depois, o caminhão parou pela penúltima vez e a Arara-azul e o Beija-flor desceram quietinhos — nisso, já era quase noite, todas as cores se perdendo para trás.

Na última parada, bem longe na estrada de asfalto, num lugar cheio de obras escuras, a porta do baú foi aberta, revelando a noite sem estrelas, o frio entrou de uma vez, atrevido, nem hesitou. O motorista pegou Diva no colo e desceu, mostrou vários lugares para ela — mas nenhum lhe chamava a atenção. “Só quero deitar e dormir, tá?”, pediu ela. Procurando entre blocos de concreto, ele viu uma porta aberta de um lugar parecido com uma

igreja pequena; a entrada em arco de mármore com as palavras *Vida morta* esculpidas; entraram para fugir do frio.

Bem fundo, o homem encontrou uma caixa comprida de madeira sobre o que parecia ser uma mesa de pedra, a tampa estava pousada de lado; flores de plástico coroavam o cenário. Com os braços cansados de tanto carregar a Vida, ele a colocou para dormir na caixa. A menina se ajeitou, esperando por sonhos e cores, mas telas escuras foram o que ele viu quando a tampa fechou por em cima.

E ali, no escuro da caixa, a Vida dormiu um sono sem cor; porém, havia lembranças e saudades de um tempo em que telas coloridas se espalhavam com o vento e havia memórias para serem sonhadas, contudo, não mais vidas para serem vividas; então, Diva, sem solo, o frio recebeu e adormeceu, por fim.

Bruno Godoi

^[1] *Dressage* (ou Adestramento) é uma modalidade equestre cujo treinamento deve dar a impressão do cavalo flutuar ou parecer dançar. Totilas é um dos melhores cavalos de *dressage* do mundo.

Table of Contents

[Os animais também vão para o Céu](#)

[Índice](#)

[Prefácio](#)

[Camila Pelegrini](#)

[A Linguagem dos Céus](#)

[Wesnen Tellurian](#)

[A Magia de Oz](#)

[Michael Vasconcelos](#)

[A melodia perdida](#)

[Martha Ricas](#)

[Amor que Cura](#)

[Evelyn Santana](#)

[Artichaut](#)

[Italo Oliveira](#)

[Caixa de papelão](#)

[Ana Bittencourt](#)

[Cãobraço](#)

[C. David](#)

[Dressage\[1\]](#)

[Malu Ghiraldeli](#)

[Inesquecível](#)

[Duda Santos](#)

[Marco Polo](#)

[Décio Gomes](#)

[Meu Amigo Herói](#)

[Daya Alves](#)

[Meu anjo da guarda](#)

[Tabatha Cuzziol](#)

[Meu amigo locutor](#)

[Kate Willians](#)

[Missão](#)

[Larissa Milena](#)

[O milagre de Du Berrot](#)

[Lola Gutierrez](#)

[O retorno](#)

[Clécia Melo](#)

[Os animais vêm do Céu](#)

[Katerine Grinaldi](#)

[Tudo vai ficar bem](#)

[Nayara Yanne](#)

[Um novo milagre](#)

[Natasha Coutinho](#)

[Uma canção para Molly.](#)

[Fernando Diaz](#)

[Uma semente no escuro](#)

[Camila Lobo](#)

[Vida morta](#)

[Bruno Godoi](#)